

Ensino

MÉDIO

PESQUISA

Volume 4

ANNA MARIA DIAS VREESWIJK
EVANDSON PAIVA FERREIRA
ORGANIZADORES





Prof. Ms. Gil Barreto Ribeiro (PUC GO)

Diretor Editorial
Presidente do Conselho Editorial

Prof. Ms. Cristiano S. Araujo
Assessor

Engenheira Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Administrativa
Presidente da Editora

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dra. Solange Martins Oliveira Magalhães (UFG)
Prof. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Profa. Dra. Helenides Mendonça (PUC GO)
Prof. Dr. Henryk Siewierski (UNB)
Prof. Dr. João Batista Cardoso (UFG - Catalão)
Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP)
Profa. Ms. Margareth Leber Macedo (UFT)
Profa. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno (UFG)
Prof. Dr. Nivaldo dos Santos (PUC GO)
Profa. Dra. Leila Bijos (UCB DF)
Prof. Dr. Ricardo Antunes de Sá (UFPR)
Profa. Dra. Telma do Nascimento Durães (UFG)
Profa. Dra. Terezinha Camargo Magalhães (UNEB)
Prof. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)
Profa. Dra. Elisângela Aparecida Perereira de Melo (UFT-TO)

Anna Maria Dias Vreeswijk
Evandson Paiva Ferreira
ORGANIZADORES

ENSINO MÉDIO PESQUISA

VOLUME 4

Goiânia-GO
EDITORA ESPAÇO ACADÊMICO
2019

Copyright © 2019 by Anna Maria Dias Vreeswijk, Evandson Paiva Ferreira (orgs.)

Editora Espaço Acadêmico

Endereço: Rua do Saveiro, quadra 15 lote 22 casa 2 Jardim Atlântico

CEP 74343-510 Goiânia Goiás – CNPJ:24.730.953/0001-73

www.editoraespaocoacademico.com.br

Contatos:

Prof Gil Barreto (62) 9 8345-2156

Larissa Pereira (62) 9 8230-1212

(62) 3946-1080

Diagramação: Marcos Diques

www.diguesdiagramacao.com.br

Capa: Projetado por freepik.com

Designer: Larissa Luz dos Santos

larissasantoswb@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

E59

Ensino Médio Pesquisa : volume 4). - [livro eletrônico]. - Organizadores: Anna Maria Dias Vreeswijk, Evandson Paiva Ferreira. - Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019
198 p.; PDF

Inclui referências bibliográficas

ISBN:978-65-80274-47-5

I. Ensino Médio - TCEM. 2. Ensino Médio - pesquisas. I. Vreeswijk, Anna Maria Dias (org.). II. Ferreira, Evandson Paiva (org.).

CDU: 37.046.14

Índice para catálogo sistemático

1. Ensino Médio - pesquisas..... 37.046.14

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2019

SUMÁRIO

- 7 DESCONSTRUINDO PAGLIA: FEMINISMO HETERODOXO OU CONSERVADORISMO MACHISTA?

Prof. Dr. Danilo Rabelo

Anna Carolina Souza de Oliveira

- 29 GÊNERO E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES ENTRE PROFESSORES NO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE-UFG)

Profa. Ms. Giovanna Aparecida Schittino dos Santos

Heloísa Gomes Dias

- 47 ARANDU ARAKUAA E CANGAÇO: *FOLK METAL* E ANTROPOFAGIA

Prof. Dr. Allysson Fernandes Garcia

Bruno Ferreira Marques

- 75 O PROCESSO DE CRIAÇÃO NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO

Prof. Dra. Anna Maria Dias Vreeswijk

Rayane Keren de Castro Félix

103 MODA PÓS-APOCALÍPTICA: O USO DE ROUPAS PARA A SOBREVIVÊNCIA

Profa. Ms. Rosana Beatriz Garrasini Sellanes

Marcela Ferraz Resende da Rocha

123 CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA

Profa. Ms. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Alexssander Rogério da Silva Mata

143 TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Profa. Ms. Iris Oliveira de Carvalho

Layza Alves Correia

175 A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E OS HÁBITOS ALIMENTARES DE UMA TURMA DE 7º ANO DO CEPAE-UFG

Profa. Ms. Ana Maria da Conceição Silva

Sarah Amaro de Lima

DESCONSTRUINDO PAGLIA: FEMINISMO HETERODOXO OU CONSERVADORISMO MACHISTA?

Prof. Dr. Danilo Rabelo
Anna Carolina Souza de Oliveira

RESUMO

Mulheres estupradas são realmente responsáveis ou culpadas por seu infortúnio? O feminismo tradicional ou ortodoxo não torna as mulheres mais livres, economicamente independentes e felizes? Essas e outras questões foram e são debatidas pela crítica de arte e feminista heterodoxa norte-americana Camille Paglia, cuja obra analisaremos brevemente neste artigo. Esperamos com este trabalho poder contribuir modestamente para que o respeito à diversidade de gênero e sexual possa ser garantido a todas as mulheres.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Mulher. Camille Paglia.

1 UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO

A Revolução Francesa foi primordial ao avanço da linha de pensamento feminista. Tendo como lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, as mulheres passaram a reivindicar que tais direitos se estendessem a elas, assim como era para os homens, pois queriam ser reconhecidas

como cidadãs. Foi nesse momento que as mulheres deram o maior salto de liberdade, começaram publicamente a fazer parte das manifestações políticas e passaram a reivindicar direitos iguais, como direito ao divórcio, a uma educação completa.

Em setembro de 1791, Olympe de Gouges, cujo verdadeiro nome era Marie Gouze, fundou a Sociedade Popular das Mulheres e publicou a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* como resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, que pregava o respeito à dignidade das pessoas, a liberdade e a igualdade dos cidadãos perante a lei, o direito à propriedade individual, o direito de resistência à opressão política e à liberdade de pensamento e opinião (ALVES; PITANGUY, 1981; NYE, 1995). Porém, esses direitos eram destinados apenas para o sexo masculino. Considerada então uma mulher perigosa por suas ideias de igualdade entre os sexos, Olympe de Gouges foi condenada à guilhotina pelo Tribunal Revolucionário.

Outra mulher que levantou voz pelos direitos da mulher, no final do século XVIII, foi a inglesa Mary Wollstonecraft, que também escreveu um artigo em 1789 sobre a Reivindicação dos Direitos dos Homens, chamando atenção de muitos intelectuais da época como Rousseau e Voltaire. O livro *A Vindication of the Rights of Woman (Uma defesa dos Direitos da Mulher)*, publicado dez anos depois, defendia que as mulheres não são inferiores por natureza, mas sim por condições e educação dada a elas (ALVES; PITANGUY, 1981; NYE, 1995). Porém nenhuma dessas reivindicações tomou força.

Já a Revolução Industrial se caracterizou pelo grande processo de mudanças no meio de produção, atingindo todos os campos sociais, entre eles, as mulheres. Com artefatos mecânicos, a força humana foi substituída por máquinas. As mulheres foram recrutadas a ir para as fábricas e trabalhar em condições precárias para complementar a renda familiar.

Todos esses processos históricos contribuíram para a origem do feminismo que conhecemos hoje. Um movimento consolidado no ano

de 1848, que ocorreu com a Convenção em Seneca Falls, o primeiro encontro sobre direitos das mulheres em Nova Iorque. Este movimento tornou-se reivindicatório por ocasião dessas grandes revoluções, buscando os direitos estendidos igualmente a ambos os sexos (ALVES; PITANGUY, 1981). Toda a história desse movimento se divide em três períodos conhecidos como Primeira Onda, Segunda Onda e Terceira Onda Feminista.

A Primeira Onda Feminista foi basicamente a busca pelo direito do voto, conhecido como o sufrágio feminista. No fim do século XIX, início do século XX, mulheres influenciadas pelas ideias iluministas que pregavam igualdade e liberdade começaram, na Inglaterra, a se manifestarem, espalhando a ideia por toda a Europa e os Estados Unidos da América em busca do direito de igualdade e extensão do voto e propriedades para as mulheres assim como era para os homens, pelo fim dos casamentos arranjados pelos pais, tratados como uma troca ou negócio, pois depois de casadas as mulheres e seus filhos eram propriedade de seus maridos.

Desde a Revolução Industrial, em que as mulheres viram-se obrigadas a ocupar postos nas fábricas e outros serviços de extrema importância como trabalhos educacionais para complementar a renda familiar, o direito ao voto começou a ser reivindicado, pois diziam que, se eram capazes de ocupar os mesmos cargos que homens, deveriam poder interferir politicamente com o voto, as reconhecendo como cidadãs. O início deu-se em 1897, com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino, por Millicent Fawcett (1847-1929), uma educadora britânica (ABREU, 2002).

Apesar de as leis da Inglaterra serem aplicadas às mulheres, elas não participavam politicamente, pois a maioria dos parlamentares do país acreditava nas ideias de filósofos britânicos como John Locke e David Hume (NYE, 1995). Tais filósofos consideravam as mulheres incapazes de compreender o funcionamento do Parlamento Britânico e, por isso, não podiam fazer parte no processo eleitoral.

O movimento feminista tomou as ruas e suas ativistas começaram a ser conhecidas pela sociedade pelo apelido de “sufragistas”, ainda mais aquelas que faziam parte da União Social e Política das Mulheres (Women’s Social and Political Union - WSPU), movimento que queria denunciar o sexismo¹ na sociedade britânica, formado por Emmeline Pankhurst (1858-1928), que após ser presa várias vezes por violações banais, moveu membros do grupo a fazer greves de fome, sendo uma militante que produziu um estilo mais agressivo ao movimento.

Apenas em 1918, com a *Representation of the People Act*, foi estabelecido o voto feminino no Reino Unido, motivado principalmente pela atuação do movimento das sufragistas na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixaram as ruas e tomaram importantes lugares na guerra (PUGH, 2000; ABREU, 2002).

A Segunda Onda Feminista nada mais é que a continuação da primeira, que se caracteriza na década de 1960 até a década de 1980. Já visto como movimento autêntico e intelectual, as mulheres continuam reivindicando pela expansão de seus direitos na sociedade, mas dessa vez com mais força. No primeiro momento as mulheres se mobilizaram para o sufrágio feminino, alcançado esse direito, elas procuravam agora o fim da discriminação e a igualdade entre os sexos.

Foi nessa década que se consolidou essa segunda parte do feminismo, que ocorriam, nos Estados Unidos e no mundo, movimentos pacifistas contra a Guerra do Vietnã. Podemos falar que isso impulsionou vários grupos sociais, como os negros, homossexuais, as mulheres da época, pois os jovens gritavam a favor da paz e liberdade, em um período que é conhecido hoje como “anos rebeldes”. As feministas da época tomaram o embalo do movimento e começaram a criticar a ideia

1 Sexismo é uma diferenciação feita entre homem e mulher, ou até homossexuais, transexuais, hermafroditas, e que envolve preconceito em relação ao sexo em questão. É a ideia de que um sexo é superior ao outro, separando as pessoas por grupos, seja de homens, de mulheres, enfim, não há relação de igualdade, não há uma visão de que todos são iguais como indivíduos, pois o que pesa é o sexo de cada um. Para os sexistas, o seu sexo é superior ao outro tipo (ARAÚJO, 2006, p. 59-60).

de que as mulheres teriam apenas que cuidar de seus lares e maridos e assim estariam satisfeitas.

Isso criou uma nova maneira de pensar, principalmente nos Estados Unidos, que foi invadido por mulheres que queriam trabalhar e serem respeitadas com igualdade de capacidade (NARVAZ, KOLLER, 2006). O movimento ganhou espaço entre as mulheres negras na década de 1970 com Angela Davis, como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, militando pelos direitos da mulher, discriminação social e etnia. Assim começou a relação entre a condição da mulher em uma sociedade de classes e de diferenças raciais.

Todo o período dessa onda feminista acabou ganhando uma frase, dita por Caaril Hanisch, com grande significado até nos dias atuais: “O pessoal é político”. A frase mostra a ideia de relação que o poder político tem sobre a vida privada; no caso das mulheres, a emancipação de seus direitos garantida por lei, convidando também a participação política das mulheres para o combate do sexismo no poder político.

A Terceira Onda Feminista surgiu especialmente para preencher e consertar o que tinha sido feito ou não na segunda onda, e que é contextualizada a partir da década de 1990. Começou a ser contestado por mulheres de classe média o padrão de beleza imposto e principalmente passou a se pensar sobre a questão de gênero relacionado ao meio político, social e cultural.

No fim dos anos 70 e no decorrer dos 80 difundiu-se entre as feministas de todos os países uma discussão que se tornou conhecida como o debate da “igualdade versus diferença”. Desse modo, os debates giravam em torno dos conceitos de “diferença cultural”, “cultura feminina”, “cultura das mulheres”, “experiência feminina”, “reconhecimento da diversidade cultural de gênero” e assim por diante. Melucci (1982, p. 177) observou que:

Depois dos anos da igualdade a todo custo em nome da luta comum contra o inimigo externo, o movimento assume a

forma de um percurso de muitos caminhos e a própria reflexão sobre a condição de mulher concentra-se sobre o tema das diferenças. (...) Por isso é importante seguir as pistas de caminhos que se abrem à insígnia da diferença. Esta palavra chave atravessa hoje o campo inteiro do feminismo, em todas as direções.

Por sua vez, a historiadora Joan W. Scott (1988) considera que o par de conceitos igualdade/diferença acabou se cristalizando em uma suposta antítese. Para Pierucci (1990) havia as feministas clássicas, defendendo a estratégia da igualdade, a conquista ainda não consumada da paridade, convictas de que a diferença sexual não deve ser focalizada quando se trata de ganhar terreno num mundo ainda muito masculino, nos empregos mais bem remunerados, etc. E havia as feministas defensoras da diferença, para as quais a luta em prol e em nome das mulheres só se pode empreender nos termos das necessidades, interesses e características comuns às mulheres como um grupo social específico.

Essa onda tenta quebrar com o modelo estruturalista que vinha sendo trabalhado ao longo da história, agora com o enfoque na discussão do que é um olhar autocrítico sobre o movimento. Tal crítica levou ao questionamento de mulheres negras sobre o feminismo, que até então tinha uma visão muito voltada para a sociedade branca de classe média. Para tratar melhor o assunto devemos ouvir uma negra falando disso, precisamos ver qual sua visão do feminismo vem sendo, muitas vezes, deixada de lado. Será que as mulheres negras se identificam com a história de uma mulher branca? No Brasil a fundadora e coordenadora-executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra em São Paulo, SP, Sueli Carneiro (2003, p. 49-58) nos responde em um artigo:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em

uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberais e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.

Em meio aos debates que dividiam as feministas entre partidárias da igualdade versus partidárias da diferença de gêneros, entre feministas brancas e negras, surgiu o pensamento heterodoxo de Camille Paglia.

2 O FEMINISMO HETERODOXO DE CAMILLE PAGLIA

Camille Paglia é uma autora intelectual de Endicott, Nova Iorque, nascida em 2 de abril de 1947. É Ph.D em língua inglesa pela Universidade de Yale e, atualmente, professora no *Philadelphia College of the Performing Arts*. Os temas por ela trabalhados estão relacionados a sexo, arte, cultura, ensino de história, feminismo, religião. Geralmente, Paglia tem opiniões polêmicas que trazem discussões atuais.

A autora de *Personas Sexuais; Sexo, arte e cultura American; Break, Blow, Burn*, se define como uma feminista heterodoxa, que procura desconstruir alguns pensamentos do feminismo que ela viveu em sua juventude - o feminismo ortodoxo.

Ela afirma que o feminismo não é honesto com as mulheres e que esse está destruindo a masculinidade dos homens. Uma de suas frases de maior impacto diante desse assunto foi: “Se a civilização tivesse sido deixada nas mãos das mulheres, nós ainda estaríamos vivendo em cabanas de palha” (PAGLIA, 1992, p.38). Para ela a mulher do século XX se apropria do papel de vítima e esquece-se da responsabilidade que deve ter sobre seu corpo que, apesar de pertencer a ela, está sujeito aos perigos da sociedade.

Paglia, em relação ao feminismo, tem uma visão diferente de muitas feministas ortodoxas. Ela acredita e defende que o feminismo não é honesto com as mulheres quando divulgam a ideia de que podem viver sem riscos, ou que se sentirão totalmente realizadas em conciliar carreira profissional e vida pessoal. Paglia (1993, p. 71) ainda afirma que: “O que as feministas estão querendo é que os homens sejam castrados, transformá-los em eunucos. ‘A força poderosa, incontrolável, da sexualidade masculina foi censurada dos lares brancos de classe média’”.

A questão que deve ser trabalhada em torno desse assunto é a existência do sexismo na sociedade que imprime a dominação do sexo masculino sobre o feminino e quando colocada em discussão, não só as mulheres percebem isso, mas também os homens, há uma mudança

de comportamento de ambos os sexos. O oprimido –feminismo- acaba se colocando em posição de defesa, mantendo uma postura perante a sociedade de que se pode fazer e ter o que era dito não ser apropriado a esse grupo. Já o opressor –machismo- começa a se reter ao perceber e entender em qual processo é mantido na sociedade ao longo da história.

Não se trata de querer castrar os homens, mas, sim, educar toda a sociedade –inclusive mulheres- que recebe e reproduz o machismo. É importante ver que não é apenas o sexo feminino que sofre com essa linha de pensamento e ideias, pois o sexo masculino tem de lidar todos os dias com a posição que há de o que é ser um “homem de verdade”, ganhando os melhores salários, sendo fisicamente fortes e totalmente sexuais, impondo como prova de sua sexualidade.

O ponto importante da discussão sobre castrar ou não os homens é do até que ponto um homem “castrado” pela sua mãe e sociedade é ruim. Lembrando que a afetividade é diferente de ser feminino, ter pessoas mais sensíveis e afetivas é realmente um problema?

“As questões de gênero tal como hoje são ensinadas nas faculdades procuram neutralizar a masculinidade”, diz Paglia (1992, p. 76), sobre o que gera homens “acanhados e com medo de falar”. O problema do ponto de vista da autora está em “homens acanhados e com medo de falar”, a verdade é que eles nunca precisaram se calar, o sistema machista de educação traz a razão, com ou sem ela, o poder de estar certo, o poder de falar mais alto e dominar o outro.

Mulheres são até hoje o segundo sexo, em uma população mundial com média de sete bilhões de pessoas, entre as quais há cinquenta e sete milhões de homens a mais que mulheres. Fica assim difícil falar sobre uma preeminência feminina. E em relação às universidades, elas não são instituições que devem pregar o feminismo, mas sim falar sobre sua história, assim como devem trabalhar a questão do machismo. Assim os alunos tiram suas conclusões sobre os dois segmentos ideológicos.

Novamente em seu livro *Sexo, arte e Cultura Americana* (1992, p. 76), Paglia diz que “é antifeminista pedir tratamento especial para as mu-

lheres”, a questão é que igualdade nem sempre é justiça. É preciso “dar mais pão para quem tem mais fome”. Quando as feministas falam de igualdade, muitas pessoas pensam como Camille Paglia; acham que tudo deve ser distribuído de forma igualitária, porém se o homem, no caso, já possui mais que as mulheres, se derem a mesma quantidade a ele, no final, continuará com mais. Deve haver igualdade na relação entre estes, igualdade de oportunidade e escolhas, o feminismo não é o contrário de machismo. Feminismo vem para equilibrar os direitos na sociedade.

3 A IMAGEM DO PODER CORPORAL DA MULHER SEGUNDO CAMILLE PAGLIA

Quando Camille Paglia se refere ao feminismo, ela preza pela distinção de sexo biológico e gênero², argumenta principalmente que o lado biológico não pode ser deixado de lado. Seu discurso apresenta algumas palavras-chaves que nos mostram seu conservadorismo em questões relacionadas à mulher na sociedade, como “valores femininos” ou “masculinidade tradicional”.

Ao falarmos do contexto social da mulher, entramos em um meio em que o homem também está inserido, pois é um problema também que os atinge, por viverem juntos em uma sociedade, estão envolvidos na mesma relação social. O que é um conceito muito importante a ser trabalhado em volta destes dois sexos biológicos é a representação criada historicamente em torno do gênero. A noção de sexo não deve se assemelhar ao gênero, pois um se trata do biológico, que é como nascemos, já o outro se trata do que nos tornamos depois que nascemos.

De acordo com Simone Beauvoir, importante autora feminista, as diferenças e as relações não se norteiam apenas entre homens e mulheres, mas, principalmente, nas mulheres e diferenças entre as culturas.

2 Segundo Rabelo (2010, p. 34), “Gênero é uma representação social e simbólica baseada nas características biológicas e psíquicas que orientam o comportamento socialmente esperado de homens e mulheres. Essa expectativa social acarreta diferenças de status social e de poder entre os sexos por meio de discursos, imagens, mitos, símbolos práticas sociais etc.”.

Ou seja, as mesmas funções determinadas pelo aparelho reprodutor não impedem diferentes manifestações culturais.

Margareth Mead (1971) mostra que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio da mamadeira. E os nossos índios Tupi mostram que o marido pode ser o protagonista mais importante do parto. É ele que se recolhe à rede, e faz o resguardo considerado importante para sua saúde e a do recém-nascido. (LARAIA, 2001, p. 19).

Simone Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, começa com um capítulo que trabalha a questão da natureza animal primária que há no ser humano. O que pode ser usado para desconstruir a visão de Paglia, que diz que a parte animal do homem vem sendo reprimida pelo feminismo. Primeiramente, ao nascer, a sociedade tem um papel repressor imediato. Para Durkheim (2007, p. 2), “esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não”.

Do mesmo modo, para Freud (1987, p. 16), a civilização é fundada na base de uma renúncia à satisfação pulsional, isto é, a civilização “tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa”.

Quando um bebê chora logo é apanhado para parar, mais para frente é dito para ele que não se deve chorar por qualquer motivo – birra; esse é apenas um dos muitos modos de repressão do ser como animal na vida social, assim nos afirma Marcuse (1968, p 43): “A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva (...)”.

Em segundo lugar, historicamente o homem tem associado o feminino, logo a mulher, às forças instintivas da natureza. A esse respeito Beauvoir (1970, p. 25) declara:

E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozoide, monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados, a fêmea e o louva-a-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e os devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás uma esteira de odores perversos; a macaca exhibe-se imprudente e se recusa faceirice hipócrita [...]

Contudo, essa representação feminina associada às forças ctônicas da natureza não é recente. Jean Delumeau (1990), ao discutir a mulher como “agente de Satã”, durante a Idade Média, analisa a ambiguidade das representações masculinas acerca dela. A associação da mulher às forças da natureza devido ao seu poder e papel na reprodução da espécie faria dela um mistério para o homem provocando-lhe medo. Tais temor e medo levaram o homem a definir-se como ser superior, racional e apolíneo, em oposição à mulher, inferior, instintiva e dionisíaca (VASCONCELOS, 2005).

Vemos aqui que não é justificável a dominação do homem sobre a mulher, reafirmando e comprovando que dominação não tem um segmento próprio, sobretudo nos humanos que produzem cultura, pois esta sobrepõe à animalidade humana. Segundo Edward Tylor, 1871, cultura é todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, e para Kroeber, 1917, o cultural e o biológico são distintos um do outro, que deve haver uma separação nesses estudos, afastando assim a dominação exercida por esses dois fatores (apud LARAIA, 2001). Para Geertz (2008, p. 4), o conceito de cultura é essencialmente semiótico: “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu

[...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”.

Desse modo, entender o significado de representação é essencialmente importante para compreendermos a construção dos gêneros ao longo da história; a representação, por sua vez, deve ser analisada de acordo com cada cultura, que cria e reproduz diferentes formas de relação política, econômica e pessoal entre si. E é sobre isso que Chartier (1988, p.17) e Bordieu (1982, p.135) afirmam, dizendo que as representações do mundo social, assim construídas, mesmo sendo fundadas na razão, sempre são determinadas pelo interesse de quem as cria.

Entretanto, o corpo é ainda um tabu a ser quebrado. Paglia, por exemplo, fala que existe o poder feminino sobre os homens. Em seu livro *Personas Sexuais* (1992, p. 23), ela diz que “o corpo da mulher é um labirinto onde o homem se perde”. O problema que persiste e que vem sendo trabalhado pela Terceira Onda Feminista é essa representação sobre o corpo da mulher (BIRMAN, 1999). Existe hoje uma mídia em massa que determina o corpo ideal, fazendo com que muitas mulheres que não alcançam essa forma se sintam excluídas de um meio.

Camille Paglia é contra a Marcha das Vadias: “Não se chame de vadia a não ser que você esteja preparada para viver e se defender como tal”, disse ela à revista *ISTOÉ* (junho de 2012). Para começarmos a desconstruir tal frase desta autora, analisamos o sentido da palavra vadia. No Dicionário Informal encontram-se sinônimos desse vocábulo como: “piranha, à toa, prostituta, puta e outros termos pejorativos”. Na descrição: “Vagabunda. Geralmente utilizado para referenciar alguma mulher biscate, que gosta de chamar a atenção dos machos”.

Ao relacionar o significado da palavra com o contexto histórico-cultural, vemos claramente que o feminismo está longe de uma dominação dos homens. Isso porque se prega o direito ao corpo e ainda não é pensado como essência cultural. Ser vadia nos séculos XX e XXI representa a mulher que não tem pudores sobre seu corpo, que não he-

sita em querer mais de um homem. O problema é que não deve haver problemas relacionados à atividade sexual ou tentativa dela. É a própria Camille Paglia que diz que o ser é um animal que está atrás de sua presa, logo, então, a mulher também poderia ir atrás da sua, assim como o homem faz.

A questão é que a luta feminista da Marcha das Vadias vem com esse propósito, o corpo feminino como um tabu a ser quebrado e que o sentido da palavra vadia deixe de ser um termo pejorativo de ofensa às mulheres. Para Rabelo (2006, p. 88), essa é uma estratégia de sobrevivência na qual existe “a apropriação do discurso desqualificador pelos grupos subalternos para subvertê-lo, a fim de instituir uma positividade à ação estigmatizada, um chamado ao respeito às diferenças culturais, de classe, de raça e de gênero”.

Jurandir Freire Costa (1992) reconhece essa estratégia entre homossexuais brasileiros que assumem o jargão preconceituoso da sociedade envolvente para torná-lo menos pejorativo e opressivo e, ao mesmo tempo, torná-lo mais positivo.

O significado de a mulher estar coberta ou não por panos deve ser repensado, já que a cultura que torna o que é sexual no corpo um exemplo expressivo disso, é o fato de que a maquiagem nos olhos de uma mulher totalmente coberta por uma burca a torna totalmente sexual.

As mais novas feministas procuram agora a emancipação sexual e reprodutiva, tirar a blusa é de fato uma forma mais bruta e chamativa do movimento. Uma das mais antigas militantes brasileira, Yolanda Prado, em uma entrevista para a revista ISTOÉ (2012), diz achar divertido as novas manifestações, pois a essência seria a mesma há 40 anos.

4 DISCUTINDO A RESPONSABILIDADE DA VÍTIMA DE ESTUPRO

“É ridículo pensar que dizer não sempre significa não. Todos sabem o que se passa no calor do momento: é ‘não’ agora, é ‘talvez’ depois

e muda de novo”. Essa é uma das frases de Camille Paglia sobre o estupro, um assunto que é muito delicado, pois se trata de uma fatalidade que pode ocorrer de várias formas e de diferentes maneiras.

Apesar de um não poder ser realmente um não, deve-se concordar com Camille Paglia quando ela diz que o sexo não é apenas sexo, que existe um jogo de sedução e uma linguagem de sinais entre as pessoas, chamado de coqueteria (SIMMEL, 1983), em que diz que a mulher tem um comportamento que oscila entre sim e não. Seria do feitio dela parecer que é sim, mas que no final acaba sendo não.

Entretanto dizer não é um direito de qualquer pessoa e deve ser respeitado independentemente de quão absurda pareça à situação, isso é fato. Muitas pessoas acabam falando: “Ela estava querendo também. O que ela foi fazer naquele lugar? Com aquela roupa? Com aquele cara?”. O problema é que nenhuma mulher sai de casa querendo ser violentada. Estupro não é sexo, nunca foi e nunca será. A esse respeito Alberoni (1986, p. 68) argumenta:

O que é roubado da estuprada? Sua liberdade de decidir, de escolher. Se a obrigam a entregar-se é porque não quer fazê-lo. Em suas fantasias o homem se imagina passivo. Está sempre pronto a dar-se. A mulher, ao contrário, tem necessidade absoluta de escolher entre o sim e o não. O direito de não se entregar, de dizer sim ou não é a sua força. Esse direito tornou-se constitutivo de sua identidade social. É ela, que, entregando-se (ou não), decide sobre si mesma, tem um poder de autodeterminação, é uma pessoa humana.

A não autorização do indivíduo a outra pessoa sobre o seu corpo é uma violação do espaço físico e emocional da pessoa. Paglia compara a ideia do corpo com um carro e as chaves se referindo à intimidade sexual; diz que não se deve deixar a chave de um carro em cima de uma mesa e se distrair, porque, quando menos se esperar, alguém acabará roubando. Essa é uma analogia que a autora faz em relação ao estupro

defendendo que se deve tomar consciência de que o mundo não é benevolente e que é preciso tomar conta das “chaves do carro”.

Como Camille Paglia fez, podemos pensar em uma analogia depois de que se é roubado. Digamos que a sexualidade íntima de uma pessoa seja uma casa, cuidamos dela sempre e quando saímos tranca-mos todas as portas, mas mesmo assim a casa é violada e roubada. Qual deve ser a reação de uma pessoa em relação a isso? Ir à delegacia, prestar queixa! Vamos querer policiamento perto de nossas casas, colocaremos cercas para nos protegermos. Mas a solução real não foi feita; achar o culpado, o prender e aplicar uma punição para que isso não ocorra mais, ser tratado como crime.

Assim deve ser feito com quem viola a intimidade sexual de uma pessoa, prender e punir. Porém, deve-se pensar em uma maneira de que tais “roubos” diminuam, para isso é necessário ensinar que um não pode realmente ser não! Discutir questões de gênero e representação é fundamental para que isso diminua. Em volta da questão do estupro existe uma reafirmação da identidade masculina, podendo ser ainda mais amplo, se referindo à reafirmação do “macho”. Ser macho nesta sociedade significa ter controle, poder e virilidade perante uma mulher.

Quando Paglia fala do feminismo castrando os homens, logo devemos criticar a questão de que existe uma construção de uma masculinidade agressiva na sociedade. Em *Personas Sexuais* (1992), a autora diz que o estuprador não é criado por más influências sociais, mas sim por uma falta de condicionamento social. Porém o homem desde pequeno é ensinado a ser forte, não chorar e ser sexual. Para se reproduzir uma imagem, é necessária uma cultura que suporte os elementos significativos nela, também precisam existir sujeitos que compreendam. Ou seja, o que se tem de violento é repassado muitas vezes sem ser percebido, para que possa ser difundido ao longo das gerações. O erotismo ocidental borra as diferenças entre o sexual e o estupro, construindo uma imagem passiva da mulher e uma imagem agressiva do homem.

Muitos defendem contra-atacando, dizem que o homem é naturalmente mais agressivo que a mulher, porém deve-se pôr em foco a questão de que vivemos em uma sociedade em que não se precisa caçar seu alimento, não ocorre confronto direto em guerras, eliminando assim a necessidade da “agressividade masculina”.

5 O IMPASSE DO FEMINISMO NA CARREIRA PROFISSIONAL E NA VIDA PESSOAL DAS MULHERES

No final do século XVIII, novas transformações foram surgindo, e uma nova época passou a existir – a contemporânea. No início do século XIX, uma revolução marcou a organização social, transformando qualquer tipo de relação: a Revolução Industrial.

O sistema econômico que agora se estabelecia necessitava do trabalho da mulher, como mais uma mão de obra, foi nesse momento que houve maior inclusão da mulher no mercado de trabalho, porém ela ainda continuava a trabalhar em casa. Com a Revolução Industrial, o capitalismo começou a aderir todos os meios e campos sociais, isso porque essa economia não olha a quem e nem como acontecerá o ganho do lucro. Karl Marx fala como somos produto de classes, as mulheres então não escaparam, o capitalismo começou a se inserir na luta feminista.

Quando Paglia diz que o feminismo não é honesto com as mulheres, pois passa a ideia de que trabalhar a deixará se sentindo completa e satisfeita, precisamos concordar com a autora. O feminismo, antes de qualquer coisa, prega o direito de escolha como cidadã que a mulher deve ter. Entretanto, devemos perceber que não é mais uma questão feminista de que o trabalho é satisfatório a todas, mas sim do sistema econômico capitalista que procura mão de obra e consumidor.

A sua utilização se torna imprescindível para o mundo dos capitalistas. Integrar a mulher no mercado de trabalho se torna de extrema importância e indispensável para a acumulação de capital. Hoje o direito de escolha está ligado ao dinheiro, pois, na maioria das vezes, as

opções de escolha têm um valor embutido, sendo isso o que se tem de capitalismo – tudo é consumível, logo assim, pode ser cobrado.

A aquisição da mercadoria só pode ocorrer por meio do dinheiro, na maioria das vezes, é preciso trabalhar. Logo então, no caso do feminismo na atual sociedade, para poder escolher é preciso trabalhar, caso isso não aconteça, a mulher estará subordinada a pedir para outra pessoa. Na ocorrência de mulheres casadas, por exemplo, acaba criando certa dependência do marido que trabalha, porém deve-se lembrar que esse é um direito de escolha já garantido à mulher, isso explicaria então o porquê de a mulher vir conseguindo sua liberdade a partir de sua “independência” econômica por meio de sua inserção no mercado de trabalho.

Por outro lado, Betty Friedan (1971, p. 17-18), nos anos 1960, denunciava o “problema sem nome” em que donas de casa suburbanas, apesar de todo conforto material provido por seus maridos, eram infelizes por renunciar às suas carreiras:

Nas colunas, livros e artigos de especialistas. Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe (...) Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e pelas oportunidades que as antigas feministas pleiteavam. Algumas, entre quarenta e cinquenta anos, lembravam-se ainda de terem renunciado com pesar a esses sonhos (...).

6 CONCLUSÃO

Camille Paglia defende que a força e o poder do homem são naturalmente humanos e que o feminismo vem lutando contra algo que seria natural. Suas ideias são de que o homem é o verdadeiro criador da cultura. Entretanto, observados os aspectos culturais e sociais, é preciso abranger sobre as representações que giram em torno da mulher e da

história de submissão que elas enfrenta há séculos e que para criar cultura é preciso ter espaço na sociedade, inclusive, manter-se em uma sociedade sem questionamentos e reformas paralisaria a produção de tal cultura. A autora ainda precisa discutir a questão das mulheres negras e de classe média baixa, pois existe uma sociedade movida, que gira em torno de classes, conforme Marx constata. Isso é preciso para uma análise mais profunda do feminismo, tanto ortodoxo quanto heterodoxo.

Uma das frases mais famosas de Simone de Beauvoir é essencial para a conclusão deste trabalho: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ou seja, a questão de gênero e a representação que se dão em cima disso são de questões culturais e a cultura é construída. Tudo o que é construído pode ser desconstruído. Valores masculinos e femininos são atribuídos para uma divisão de funções na sociedade, criando grupos para uma identificação pessoal.

O problema é quando o indivíduo não se identifica com o grupo em que foi determinado a participar, justificando então a discussão de gênero, que é um dos assuntos mais estudados pelas feministas. O feminismo então não tem como propósito deixar a natureza animal humana de lado, mas, sim, reelaborar a cultura predominante do machismo, buscando dar apoio às mulheres que não se identificam com seu grupo tradicional e querem permutar para outro tipo de relação social.

Permutar, em qual meio seja, sempre é uma questão de experiência. Não se muda sabendo o que irá acontecer e assim sucede com o feminismo, que ao longo de sua história vem procurando mudanças que podem ser confusas e terem lacunas a serem excluídas, mas que o único modo de tornar possível é com a experiência. Não se pode dizer então que Paglia está totalmente errada em suas críticas sobre o feminismo ortodoxo, entretanto, vemos que a cultura que inferioriza a mulher deve ser desconstruída e não que os homens sejam inferiorizados.

A sociedade vive em constantes mudanças, uns irão aceitá-las, outros se rebelarão contra elas. Porém, depois do surgimento do Iluminismo, o feminismo se tornou um estudo científico social. Estudar,

divergir e opinar é essencial para que a verdade seja alcançada e proporcionar uma sociedade mais equilibrada com seu lado biológico animal e seu lado social cultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores**, Ponto Delgada, 2ª série, VI, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/380>>

ALBERONI, Francesco. **O erotismo**: fantasias e realidades do amor e da sedução. Tradução de Élia Edel. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ALVES, Branca Moreira Alves; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARAÚJO, Daniela. **As palavras e seus efeitos**: o sexismo na publicidade. 2006. Dissertação. (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. 1. Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoeerotismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREUD, Sigmund. 1987. **O futuro de uma ilusão**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ISTOÉ. MARTINO, Natália; CARDOSO, Rodrigo, n. 2224, 22. jun.12. Atualizado em 25. nov.14.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MELUCCI, Alberto. **L'invenzione del presente**. Movirmenti, identità, bisogni collettivi. Bologna, Il Mulino, 1982.

NARVAZ, Martha Giudice Narvaz; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995.

PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Sexo, Arte e Cultura Americana.** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. **Tempo Social**; Rev. Sociologia, USP, S. Paulo, v. 2, n. 2, p. 7-33, 2. sem. 1990.

PUGH, Martin. **The March of the Women.** A revisionist analysis of the campaign for women's suffrage, 1866-1914. London: Oxford University Press, 1999.

RABELO, Danilo. **Rastafari: Identidade e Hibridismo Cultural na Jamaica (1930-1981).** 2006. Tese (Doutorado em História)- Brasília: Unb, 2006.

_____. Sexualidade e Gênero na escola. In: UFG-CEPAE. **Metodologia do Ensino Fundamental.** v. 1. Goiânia: FUNAPE/CIAR, 2010. p. 33-44.

SCOTT, Joan W. Deconstructing Equality-versus-Difference: or the Uses of Poststructuralist Theory for Feminism. **Feminist Studies**, New York, v. 14, n. 1, p. 33-50, spring 1988.

SIMMEL, Georg; MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.) **Sociologia.** Tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. *Ártemis*, João Pessoa: UFPB, n. 3, dez. 2005, pdf.

GÊNERO E EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES ENTRE PROFESSORES NO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE-UFG)

Profa. Ms. Giovanna Aparecida Schittino dos Santos
Heloísa Gomes Dias

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo abordar as diversas concepções de educação, compreendida não apenas como uma matéria que deve ser ensinada por um professor, mas também como uma transformação de sujeitos e mundos e ainda como um processo de relações e interações diante da sociedade. Discutem-se também os conceitos de gênero e sexualidade, compreendidos como construções culturais e como uma categoria para exemplificar as diferenças entre os sexos. Busca-se ainda compreender como o gênero é criado e cria realidades em sala de aula, por intermédio de um questionário voltado para os professores, em que eles expressam sua visão de como gênero, educação e sexualidade são exercidos no ambiente escolar. De forma mais específica, procura-se identificar essas representações criadas pelos professores e professoras no que diz respeito ao corpo discente; relacionar as representações dos professores com suas práticas pedagógicas e compreender como o gênero interfere nos processos educacionais e nas representações que os alunos têm de si e do outro.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação.

1 APRESENTAÇÃO

Este artigo tem como objetivo abordar as representações de gênero no ambiente escolar, notadamente as presentes nas relações professor/aluno. De forma mais específica, busca-se identificar essas representações criadas pelos professores e professoras no que diz respeito ao corpo discente com o intuito de compreender como o gênero interfere nos processos educacionais.

Nesse sentido, o artigo está dividido em três partes principais: a primeira, intitulada “Educação e a formação humana”, discorre sobre os diferentes conceitos de educação na atualidade com base nos autores: Carlos Rodrigues Brandão (1983), Moacir Gadotti (2000), Theodor W. Adorno (1995) e Telmo Humberto L. Caria (1992). A ideia nesta parte é apresentar as principais concepções de cada um deles, visando compreender a educação num sentido mais amplo, sua importância na sociedade e na formação humana.

Após esta discussão inicial sobre educação, o artigo irá tratar dos recentes debates sobre gênero e sexualidade. Desde o início da década de 1990, gênero tem sido uma categoria interessante para se pensar as diferenças percebidas entre os sexos. As análises ora apresentadas foram realizadas com base principalmente nas obras de Joan Scott (1989) e Guacira Lopes Louro (2000).

A educação é um dos principais aspectos da experiência humana, mas, diferentemente do que se pensa, está presente em todas as ações praticadas pelo ser humano. Ela não deve ser ensinada por um professor, já que é um processo realizado pelo próprio ser humano, por meio das relações e interações que são vivenciadas. Assim, não pode ser definida por um sentido só, pois não possui uma única forma nem um único modelo, o que explica o fato de não ser somente na escola que ela ocorre, ou seja, não é somente o professor que a representa.

Segundo Brandão (1983), ela é, pode e deve ser criada e recriada, diante a diversas invenções da cultura e da sociedade. Entre os diferen-

tes aspectos da aprendizagem humana, encontram-se a sexualidade e o gênero.

O conceito de gênero que será abordado está ligado de forma direta à história do movimento feminista contemporâneo, que o considera como um modo de pensar que torna possível a mudança nas relações sociais, pois é considerado um instrumento para entender as relações entre homens e mulheres. O movimento feminista vai além dessas concepções, já que ele mostra as relações de poder nas quais são produzidas, gerando injustiças.

A autora Joan Scott trata esse assunto com ênfase em sua obra publicada no ano de 1989, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Ela conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando-as dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Para ela o que interessa são as formas como os significados culturais são construídos, a partir da diferença existente.

Scott (p. 21) define gênero em duas partes e várias subpartes, de forma resumida, a primeira diz que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda parte diz que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 21). Scott finaliza seu texto dizendo que gênero deveria ser “redefinido e reestruturado” para que haja uma visão de igualdade política e social, que inclua também classe e raça e não somente o sexo.

Para as Ciências Humanas, gênero é uma categoria de análise cunhada para questionar a diferença dos sexos. Na perspectiva de gênero as ideias de que as mulheres são emocionais, passivas e frágeis e que os homens são ativos, racionais e fortes são históricas, culturais e políticas. Pode-se afirmar que as diferenças fazem parte da construção social, logo, não existem naturalmente os gêneros masculino e feminino.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2000), a chamada identidade sexual ou identidade de gênero são representações que alteram a essência do sujeito e a forma como essa identidade se representa ou é

representada se deve às experiências e práticas que são marcadas pelas relações de poder. Na sociedade atual os sujeitos são classificados de acordo com os padrões culturais, criando-se então rótulos e desigualdades.

A escola pratica a pedagogia da sexualidade e disciplinamento dos corpos, o que dá ênfase à questão do modelo ideal de sexualidade. Os alunos são ensinados a terem um comportamento “adequado, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento” (Louro, 2000, p. 12). Os padrões de gênero e sexualidade definidos pela sociedade são modelos de como se comportar em público, diante das demais pessoas, e aqueles que não estiverem dentro os padrões são discriminados e julgados.

Finalmente, para pensar sobre as reflexões acima, será aplicado um questionário aos professores do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o objetivo de compreender como o corpo docente desta instituição percebe o gênero e sua influência no cotidiano escolar de alunos e alunas. Esta instituição foi escolhida em decorrência do nível de formação dos professores – grande maioria com pós-graduação *strictu sensu* – e pela facilidade da pesquisa.

Este trabalho revela-se importante, pois permite mostrar dados conclusivos a respeito do gênero e sua influência no ambiente escolar e refletir sobre algumas possibilidades, como: promover uma educação voltada para a diversidade; compreender os mecanismos de construção e de coerção de gênero; conceber uma educação em que as diferenças sejam valorizadas e ao mesmo tempo haja maior igualdade entre os sexos.

2 EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO HUMANA

A educação é um dos principais aspectos de formação da humanidade. Já dizia Brandão (1983, p. 11): “A educação é como outras, uma

fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções, de sua cultura, em sua sociedade”. A existência da educação é realizada a partir da própria imaginação de cada ser humano, pois ela atua na ideologia dos grupos sociais, e com isso se espera que sua missão seja de transformar sujeitos e mundos sempre em alguma coisa melhor do que são.

Segundo o autor ora utilizado, a educação é algo que está relacionado a todos e, portanto, não deve ser escolarizada, e sim considerada uma aventura humana. Sua forte presença na sociedade faz com que existam educações desiguais, interesses divergentes e controladores. Outro ponto importante é a associação entre educação e mudança, tendo em vista o fato de as pessoas serem agentes de mudança, promotores do desenvolvimento, tornando-se assim os próprios agentes da educação.

Outro teórico que trata sobre a educação é o professor Moacir Gadotti, que dentre outras obras escreveu *Perspectivas atuais da educação* (2000). Partindo da origem da palavra perspectiva, o autor (p. 2) afirma que “falar em perspectiva é falar de esperança no futuro”. Isso no caso de perspectiva da educação, pois, segundo ele, hoje se fala muito em um cenário possível, uma perspectiva diferente de paisagem, em que a educação seja representada. O modo como um país é desenvolvido depende da qualidade da educação exercida. Para Gadotti, não importa se a concepção de educação é tradicional ou nova, pois ambas as partes terão um lugar garantido na sociedade do futuro.

Na atualidade, a tecnologia, mais diretamente a linguagem da mídia (internet e televisão), está cada vez mais interferindo na cultura do papel, o que talvez seja o maior obstáculo da educação com base na internet. Os jovens adaptam-se com mais facilidade a esses avanços, pois eles já estão nascendo com a nova cultura, a cultura digital. Existem ainda teóricos da educação tecnicista que trabalham e defendem os recursos tradicionais, eles dizem que é necessário mudar os métodos de ensino para preservar o cérebro humano, ou seja, aumentar a capa-

cidade de pensar, em vez de apenas desenvolver a memória. Além da tecnologia, há também a chamada educação popular, que nada mais é que uma categoria de organização.

Os educadores que trabalham nesse ramo atuam principalmente em duas direções: primeiro, na educação pública popular e, segundo, na educação popular comunitária (que pode ser dividida em ambiental ou sustentável), sendo a segunda um tipo de educação predominantemente não governamental. As práticas dessa educação (popular) são constituídas em mecanismos de democratização, nos quais são refletidos valores de solidariedade e reciprocidade.

Pode-se chamar de campo fértil da educação popular o terceiro setor, que está crescendo como espaço de novas vivências sociais e políticas. Uma das alternativas oferecidas por essa educação é a reforma dos sistemas de escolarização pública. A vinculação existente entre a educação popular, o poder local e a economia popular faz com que sejam abertas novas possibilidades para a prática educacional.

No entanto, é preciso ter em vista que para uma educação que de fato seja emancipadora e construtora da cidadania é fundamental pensar sobre as condições de trabalho dos professores, visto que isso influencia diretamente na educação. Percebe-se assim que a formação humana depende dos avanços, mas ela é precária nessa situação, por não disponibilizar esses recursos a todas as pessoas. Como já dizia, Gadotti (2000, p. 7): “Não há tempo e espaço próprio para a aprendizagem... está todo o tempo em todo o lugar... o tempo de aprender é hoje e sempre”. Para o autor, a esperança da educação do futuro é de que ela seja mais democrática e menos excludente.

Outro autor que também fala um pouco sobre essa relação de tecnologia e educação é Adorno (1995). Ele cita como exemplo de avanço tecnológico a televisão, que faz uma interferência direta no serviço de formação cultural, porque essa nova forma de transmitir informação faz com que grande parte das coisas seja diferente da realidade, fazendo com que o público-alvo dos programas disponíveis

seja influenciado por esse pensamento, que na maioria das vezes é de cunho político.

A televisão é um ponto de partida para se falar de formação humana, como Adorno (1995) disse: “O conceito de formação possui um duplo significado em face da televisão”, isso porque a dita verdade terá dois lados, e cabe ao telespectador dizer, seguir, o que ele suponha com base no que já foi dito, o que seja realmente correto.

A discussão que Adorno (1995) desenvolve está relacionada com a forma com que a educação deve ser realizada e suas finalidades. Este autor – da mesma forma que Gadotti (2000) – chega à conclusão de que a educação não pode ser voltada para modelos ideais. Para ele há uma importância na educação em relação à realidade, pois a educação existiria também por meio da família, de maneira consciente, ou seja, família e não somente escola tem um papel de extrema importância na educação da criança, sendo considerada como uma tarefa de fortalecimento e resistência do ser humano, e não de adaptação.

Assim como os autores citados acima, Caria (1992) também aborda o conceito de educação. Ele inicia seu artigo *Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e a diversidade das pedagogias* apresentando seu objetivo em repensar e desenvolver hipóteses sobre o conceito de educação, por meio de um ponto de vista sociológico.

Para um pensamento inicial, Caria (1992, p. 1-2) discorre sobre a preocupação presente em discutir com os próprios professores o conceito real de educação, visto que a maioria deles se baseia em duas ideias centrais: “Ensinar, no sentido de transmitir informação e conhecimentos escolares, disciplinares, e socializar no sentido de inculcar normas de conduta de ‘bom comportamento’ no trato com os adultos”. Como o autor diz em seu texto, os professores procuram um conceito de educação que esteja fora do chamado senso comum, se utilizam de uma perspectiva que seja dominada pelo ponto de vista dos paradigmas psicológicos.

Caria (1992) cita em seu texto sobre dois autores (Bourdieu e Passeron) que envolvem a cultura e suas relações com a educação, dizendo que a cultura que a escola ensina é apresentada como universal e neutra, e também que o ensino dessa cultura dissimula o poder de quem a impõe. Isso é visível na educação infantil, porque a criança vê o professor como um sábio, como um espelho, que ela olha e deve estar igual, pronunciando tal vocabulário, praticando tais atos, e assim por diante. Mas como foi dito acima, a educação não tem um manual de instruções e regras de como deve ser realizada, mas deve ser praticada e ensinada por todos.

Os quatro autores discutidos acima revelam o seu ponto de vista em relação à educação. Cada um possui uma visão diferente, mas que de certa forma se complementam. Pensar o conceito e a formação de educação não é tão fácil, pois para obter um resultado geral é necessário muito estudo e muito desenvolvimento nesse campo de pesquisa. A partir desses autores, a conclusão à qual se pode chegar é que a educação é um conceito mais amplo do que muitos pensam.

Como Brandão e Adorno disseram, para se tratar de educação, não se pode pensar em um modelo único, ideal. Ela é construída com e na sociedade, na escola, na própria casa. O papel do professor em sala de aula é dar um auxílio e uma ênfase maior nessa questão e não apenas chegar, explicar e dizer que é de tal maneira que ela é pensada e deve ser seguida.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Para discutir os temas tratados neste tópico, serão apresentadas as discussões realizadas por Joan Scott, que é referência quando se trata do uso da categoria gênero em pesquisas sociais. Ao falar desta autora, tem-se como base sua obra *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, produzida no ano de 1989.

Segundo Scott, a palavra “gênero” começou a ser utilizada pelas feministas, em um sentido mais literal, para se referir a um tipo de or-

ganização social da relação existente entre os sexos. E diz ainda que, em seu uso mais recente, a palavra teria aparecido entre as feministas americanas, porque elas queriam insistir nas distinções baseadas no sexo. Essa palavra indicava uma forma de rejeição ao determinismo biológico, por se utilizarem os termos “sexo” ou “diferença sexual”.

O uso da palavra gênero surgiu a partir de várias definições e uma delas é que gênero se torna uma maneira de indicar as “construções sociais” e de se referir às origens sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres, e esse ponto de vista faz com que ele seja visto como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Tendo como ponto principal o termo “gênero”, surgem muitos estudos sobre sexo e sexualidade, pois, a partir do seu uso, ele se tornou uma categoria útil, por oferecer um meio de distinguir a prática sexual existente entre homens e mulheres.

“O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23). É claro o fato de que a visão de gênero é bem ampla, pois a forma como as relações sociais são construídas e o conceito de gênero legitimado é compreendido pela natureza recíproca do gênero e da sociedade. Scott, ao final de seu trabalho, faz alguns questionamentos a respeito de uma nova história, na qual oferecerá novas perspectivas a velhas questões (em relação à imposição do poder político, o impacto da guerra sobre a sociedade), redefinirá as antigas questões (considerações sobre a família e a sexualidade da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e estabelecerá uma distância analítica entre a linguagem e a terminologia.

A reflexão que gênero faz sobre sexualidade está ligada à socialização do gênero, e essa socialização vê os meninos e meninas como aprendizes dos papéis de gênero e das identidades masculinas e femininas. Neste caso há as sanções positivas e negativas que são aplicadas de acordo com o comportamento da pessoa. E o que é visto como sanção, positiva ou negativa, é o que a sociedade impõe que seja para menino

ou menina. E desta forma esse acompanhamento influencia no papel de gênero que é criado em cada pessoa.

Após falar de Joan Scott, convém abordar as ideias da educadora Guacira Lopes Louro, especialista em questões sobre a sexualidade na educação. O livro *O corpo educado, pedagogias da sexualidade* (2000) aborda mais sobre sexualidade e educação, apresentando a dificuldade que há para ensinar a sexualidade nas escolas em vários aspectos diferentes, como gênero, poder, valores, sociedade contemporânea, etc.

Para esta autora a sexualidade não é somente uma questão pessoal, mas também social e política. Outra questão que ela aborda é o fato de que a sexualidade é construída ao longo da vida. Ela afirma também que as identidades sociais e culturais são políticas, pois as formas de representações e os significados que são atribuídos às experiências e às práticas sociais são marcados pelas relações de poder.

A primeira parte do artigo (*Pedagogias da Sexualidade*, segundo Guacira Lopes Louro) deixa em evidência a sexualidade, a adolescência, a identidade e o gênero como uma construção social, uma vez que a própria sociedade impõe, consciente e inconscientemente, regras, valores e condutas que se constituem como o “padrão de normalidade” aceito por ela. Segundo a autora, a primeira menstruação, assim como a iniciação masculina, está carregada de significados, que são distintos segundo as culturas e a história, assim, a escola precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado incentivar a sexualidade “normal” (heterossexual) e, de outro, simultaneamente, contê-la.

Dando um salto para a terceira parte, na qual se encontra o artigo: *Curiosidade, sexualidade e currículo*, de Deborah Britzman (2000), percebemos que a autora nos mostra as indagações sobre o que acontece com o significado de sexualidade quando ela é trabalhada em sala de aula por professoras e professores, de que maneira ela deve ser ensinada, se ela muda ou não o método de ensinamento diante de outras matérias, a forma de pensar do próprio professor, o tipo de conhecimento que é transmitido, as relações entre o conteúdo pedagógico e as interações dos

alunos e alunas. Outro ponto que é discutido é a relação entre curiosidade, liberdade e sexualidade, que são abordagens diretas sobre o assunto desta parte.

O que se percebe é que, mesmo com a liberdade de discutir o assunto, ainda há muitos obstáculos quando se trata de sexualidade, mas atrás dessas barreiras há a curiosidade, o que gera certo cuidado ao falar de sexualidade na escola, em público ou em qualquer outro lugar. E isso impede que o desenvolvimento da pedagogia da sexualidade seja estimulante e interessante, fazendo com que exista uma ética da sexualidade na educação.

Esta fala da autora complementa o que foi dito e traz uma percepção maior da curiosidade envolvida sobre sexualidade: com esta ideia, podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender (BRITZMAN, 2000, p. 64).

Desse modo, pode-se perceber, de acordo com as discussões realizadas com base em Scott, Louro e Britzman, que gênero e sexualidade são categorias que estão a todo o momento em construção e diante delas temos também a educação, que é de extrema importância na construção desses sujeitos em seus aspectos sociais, sexuais e identitários.

A partir da discussão realizada neste tópico, pode-se concluir que gênero é formado pela educação, mas ainda é uma categoria que não está presente no cotidiano escolar. As desigualdades de gênero são percebidas nas atitudes de alunos e alunas pelos professores, mas grande parte deles não tem formação e muito menos informação suficiente para desenvolver esta temática. Os professores não sabem o que fazer e como fazer, e se sentem inseguros diante da construção identitária de gênero.

Como os professores influenciam nesse processo de gênero? Há alguma discussão sobre esse tema em sala de aula? É possível perceber questões relacionadas ao preconceito e à discriminação em sala de aula?

Como são trabalhadas questões categóricas como gênero, raça, sexualidade, na escola e com os alunos em sala de aula? É visível alguma diferença na forma de agir, pensar, estudar e comunicar entre alunos e alunas? Para tanto, a pesquisa se volta agora para uma realidade concreta e específica, no caso, o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), da Universidade Federal de Goiás (UFG).

4 PESQUISA DE CAMPO NO CEPAE

O local em que a pesquisa de campo foi realizada é o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), antigo Colégio de Aplicação (CAp), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Está situado no Campus Samambaia desde 1980, sediando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, mas em outubro de 2005 foi inaugurado um novo prédio, o qual foi destinado à primeira fase do Ensino Fundamental, então, a partir de 2006 o prédio I passou a sediar somente a segunda fase do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

A primeira fase é constituída do 1º ao 5º ano e são destinadas 40 vagas para os 1º e 2º anos e 60 vagas para os 3º, 4º e 5º anos, totalizando 260 alunos; a segunda fase, por sua vez, é constituída do 6º ao 9º ano e são destinadas 60 vagas para cada ano, totalizando 240 alunos; já o Ensino Médio é constituído do 1º ao 3º ano e são destinadas 60 vagas para cada ano, totalizando 180 alunos. No total o Cepae comporta em média 680 alunos anualmente.

O Cepae possui 67 professores efetivos, sendo 27 com formação de doutorado, 24 com formação de mestre, 12 com formação de mestre e fazendo o doutorado, três com formação de especialização e fazendo o mestrado e um com formação de especialização. Dentre os efetivos há os que são DE (Dedicação exclusiva) e os que são professores com carga horária de 20 horas semanais, sendo sete professores e o restante, 60 professores, são DE. Há também os professores substitutos, em sua maioria com formação de especialização e fazendo o mestrado, que

atuam no Cepae por meio de um concurso, sendo contratado pelo período máximo de dois anos. Como podemos perceber, em sua maioria, o Cepae tem professores com formação de mestrado e doutorado.

O Cepae é também um campo de estágio, onde ocorre a formação inicial dos professores e atualmente é lócus de formação continuada com a pós-graduação. Segundo esta instituição o Projeto Político Pedagógico (PPP) deve ser “construído e vivenciado por todos os segmentos da escola, num processo constante de reflexão e discussão sobre o cotidiano escolar”. O PPP afirma que o objetivo é estabelecer uma relação dialógica com alunos, professores e toda a comunidade escolar visando abranger o processo de humanização, dentre outros.

O questionário aplicado é composto por 10 questões abertas, semiabertas e fechadas, que abordam temáticas como: educação, diversidade sexual, preconceito entre gêneros e/ou orientação sexual. Foram entregues 27 questionários e 17 foram respondidos. Pela análise dos questionários, pode-se perceber que a maioria (82%) dos professores aborda o tema em diferentes momentos, o que é esperado tendo em vista o fato de o Cepae ser local de formação para outros professores.

Quando questionados sobre a presença do preconceito de gênero em sala, 76% dos professores disseram já ter vivenciado situações em que este estava presente. Isso permite concluir que as diferenças de gênero são construídas de forma recorrente em sala de aula. O interessante é que quando interrogados sobre as intervenções, 76% dos professores que a presenciaram afirmaram ter intervindo na situação.

A intervenção foi de diferentes formas, como: chamar a atenção dos alunos sobre as questões de gênero; dialogar com o objetivo de lembrar que todos merecerem respeito e que cada um sabe/faz sua opção sexual; problematizar as questões sobre orientação sexual; debate sobre o fato ocorrido com a turma; advertência oral.

No entanto, apesar das “boas intenções” dos professores, percebe-se certo desconhecimento sobre a temática, como pode ser visto na afirmação sobre advertência oral. Será que este é o método mais ade-

quado para resolver problemas de preconceito entre gêneros ou orientação sexual? O professor demonstra não ter preparação e muito menos conhecimento algum diante deste fato.

Sobre a concepção de que a orientação sexual é uma escolha, temos o caso do professor que respondeu: “Conversei com o grupo de alunos e discuti que o fato do colega ser mais educado ou delicado não significa que seja homossexual”. Neste último caso o professor não percebeu que ele acabou reproduzindo o preconceito, sem problematizar as questões abordadas pelos teóricos de gênero e sexualidade na educação.

No que se refere à questão sobre as diferenças de tratamento da direção, coordenação e grupo de professores, 59% dos entrevistados disseram que não viram disparidades e 41% que viram em situações específicas. Pode-se concluir que, quando comparado ao início do século - período em que havia escolas específicas para alunos e alunas - houve uma mudança no que se refere à educação e gênero, no entanto, ainda há aspectos que precisam ser trabalhados, já que 41% afirmaram que há momentos em que as diferenças de gênero são reforçadas.

Quando questionados sobre a presença dos debates acerca da sexualidade na instituição, tem-se o seguinte resultado: 18% relataram que não percebem a preocupação da escola em discutir e questionar as diferenças entre gêneros; 41% disseram que constataam parcialmente; 18%, que percebem em momentos específicos; e 23% afirmaram que o tema é abordado em diferentes momentos do ano letivo.

Conclui-se assim que menos da metade dos professores e professoras perceberam o trabalho com gênero e sexualidade na escola, o que é preocupante em decorrência de estas temáticas serem parte dos temas transversais¹, de acordo com os PCNs². Pode-se inferir que a maioria

1 Os Temas Transversais caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola. Atuam como eixo unificador, em torno do qual organizam-se as disciplinas, devendo ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas.

2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCNs — são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país. O objetivo dos PCNs é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do

dos professores afirma que o trabalho é realizado parcialmente, o que demonstra a necessidade de maior articulação sobre o tema. Por outro lado, 22% relataram que o tema é abordado pela escola em diferentes momentos.

Como resolver isso, se quando questionados sobre a forma como são trabalhados os temas citados em sala de aula, 82% afirmaram abordar o tema em diferentes momentos? Será que eles pensam que o trabalho que fazem é pontual e pouco importante? Será que não há diálogo entre os professores para não saber o que o outro aborda? Essas são questões a que uma pesquisa mais detalhada poderá responder e que não serão abordadas aqui devido aos limites deste trabalho.

Sobre o interesse e oportunidade de discutir temáticas sobre gênero, 67% disseram ter tido curiosidade e estudado por conta própria, sem maiores informações; 11% afirmaram ter tido oportunidade, mas não tiveram interesse pelo tema e 22% fizeram um estudo mais aprofundado.

A última pergunta - e a única aberta - teve como objetivo questionar os professores sobre os encaminhamentos para diminuir as diferenças entre homens e mulheres. Alguns exemplos são: “Acho que por meio de campanhas educativas nos meios de comunicação e nas escolas, através de projetos pedagógicos”; “Trabalhar esse tema de forma contínua no espaço da escola”; “Conversar, questionar, debater e ‘parar tudo’ quando se perceber qualquer tipo de discriminação, promover a abordagem do assunto em momentos específicos, para todas as séries, fazer constar a temática no ‘currículo oculto’”; “Na escola, penso que seria a conscientização de todos, desde as séries iniciais, além de promover mais atividades e jogos que incentivem a coletividade entre os gêneros, outra alternativa é pedir sugestões aos alunos”; “Encorajando as alunas a participarem de atividades diversas”; “Criação de políticas públicas, educação, visando ao combate ao preconceito”; “Trabalhar este tema

conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem caráter de obrigatoriedade e, portanto, pressupõe-se que serão adaptados às peculiaridades locais.

com seriedade, profundidade e favorecendo debates na escola para uma maior conscientização e liberdade de expressão, além da tolerância”; “Não fazer vista grossa quando ocorrer este tipo de desrespeito, palestra com profissionais sobre este tema para os alunos”; “Respeito, compreensão e conhecimento”.

Dentre as respostas acima e outras que não foram citadas, podemos dividir três tipos: primeiro, as que falam sobre educação no sentido mais amplo; segundo, as que se referem especificamente à escola; e terceiro, as respostas amplas demais.

Concluindo esta última questão, pode-se dizer que há uma importância da educação no sentido mais amplo, conforme o que foi discutido no primeiro tópico deste artigo; há também um desconhecimento por parte de alguns professores a respeito das políticas públicas e da educação para a diversidade; e ausência de propostas concretas para serem realizadas na instituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo, além de abordar e identificar as relações entre professor e aluno, no que se refere ao gênero e aos processos educacionais, compreender como essa relação é construída e aplicada no dia a dia, com base nos conceitos de autores que discutem gênero, educação e sexualidade.

Para tanto, num primeiro momento discutiu-se educação e a formação humana, com base nos autores Brandão (1983), Gadotti (2000), Adorno (1995) e Caria (1992). Segundo eles, educação pode ser compreendida como um dos principais aspectos da experiência humana e por não possuir uma única forma, nem um único modelo, ela não pode ser definida por um sentido só, podendo ser criada e recriada diante das diversas invenções da cultura e da sociedade.

Na segunda parte do trabalho foram discutidos gênero, sexualidade e educação, de acordo com os conceitos de Scott (1989) e Louro

(2000). A partir das análises das autoras, percebemos que gênero é uma categoria para questionar a diferença entre os sexos. E essa diferença existente entre o homem e a mulher faz parte da construção social, logo, não existem naturalmente os gêneros masculino e feminino.

Na terceira parte do trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo para concluir, na prática, as ideias apresentadas acima sobre as diferenças na relação entre professor/aluno. A partir destas questões, percebe-se que: os professores não têm conhecimento e nem preparação sobre a temática retratada; alguns até demonstram interesse pelo tema, mas não têm um estudo aprofundado, com maiores orientações, podendo ser por falta de cursos e discussões nesta área, ou pelo claro motivo de que eles desconhecem as políticas públicas e propostas concretas do ensino.

Pode-se concluir que, comparadas às práticas pedagógicas dos séculos anteriores - quando havia escolas, disciplinas e atividades específicas para alunos e alunas - houve ao longo dos anos uma mudança no que se refere à educação e gênero, no entanto, ainda há aspectos que precisam ser trabalhados, já que 62% disseram que há momentos em que as diferenças de gênero são reforçadas.

Por ser um local de formação, o Cepae deveria se preocupar com as questões vinculadas à sexualidade, mas, com a minha vivência de aluna nesta instituição e a partir da análise dos questionários, pude perceber que não se preocupa e raramente aborda assuntos relacionados a esta categoria.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Editora Paz e Terra, 1995.

BEIRAS, Adriano; TAGLIAMENTO, Grazielle; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Crenças, Valores e Visões: Trabalhando as Dificuldades Relacionadas à Sexualidade e Gênero no Contexto Escolar**. Santa Catarina, 2005.

BRANDÃO, Carlos Henrique. **O Que é Educação**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. Coleção 20, Primeiros Passos.

BRITZMAN, Deborah. **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade** - Curiosidade, sexualidade e currículo. 2. ed. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). Belo Horizonte, 2000.

CARIA, Thelmo Humberto L. **Perspectiva Sociológica Sobre o Conceito de Educação e a Diversidade das Pedagogias**. 1992.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte, 2000.

PROJETO Político Pedagógico do CEPAE (PPP 2013). Disponível em: <http://www.cepae.ufg.br/pages/43419>. Acesso em: 16 dez. 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. 1989. CNs. Disponível em: http://www.educacional.com.br/legislacao/leg_vi.asp. Acesso em: 16 dez. 2013.

TEMAS Transversais: HAMZE, Amélia. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm>. Acesso em: 16 dez. 2013.

ARANDU ARAKUAA E CANGAÇO: *FOLK METAL* E ANTROPOFAGIA

Prof. Dr. Allysson Fernandes Garcia
Bruno Ferreira Marques

RESUMO

Arandu Arakuaa e Cangaço são duas bandas brasileiras de *folk metal* que exploram aspectos das tradições culturais brasileiras. A primeira, de Taguatinga (DF), articula em sua performance e musicalidade a temática indígena, a segunda, de Recife (PE), articula ritmos regionais nordestinos. Analisamos as características dos dois grupos para entender a experiência musical do gênero *folk metal* no Brasil contemporâneo. Estabelecemos um diálogo com a ideia de antropofagia (ou movimento antropofágico) e outras fusões criativas semelhantes na trajetória do rock brasileiro com o objetivo de construir uma perspectiva histórica do gênero. Trata-se de uma pesquisa exploratória qualitativa, apoiada por entrevistas disponíveis na internet e levantamento bibliográfico de trabalhos relacionados ao estudo da música, principalmente *heavy metal*, *folk metal* e movimento antropofágico. A pertinência do trabalho se dá pela ausência de trabalhos acadêmicos tratando desses dois grupos contemporâneos que têm muitas semelhanças com outras experiências musicais presentes na história da música brasileira. Nota-se que as duas bandas, tocando “metal tupiniquim”, não são totalmente pioneiras em suas fusões criativas entre as estéticas musicais estrangeiras com as bra-

sileiras, porém o trabalho delas leva a fusão a outro patamar que exploramos aqui.

Palavras-chave: Folk metal. Antropofagia. Arandu Arakuaa. Cangaço.

Povo Vermelho

(Arandu Arakuaa)

“[...] O povo vermelho resiste, o povo vermelho resiste
Enquanto houver terra, enquanto houver mata
O povo vermelho resiste, o povo vermelho resiste
Enquanto houver espírito, enquanto houver sangue.”

1 INTRODUÇÃO

Heavy metal (metal pesado) é uma classificação de elementos químicos de densidade elevada, altos valores de número atômico, massa específica e atômica. Além desse significado relacionado à química, o *heavy metal* – ou apenas metal – é um gênero ou subgênero icônico do rock que, por sua vez, também apresenta e provavelmente continuará apresentando mais subgêneros, devido a sua constante evolução.

Música *heavy metal* é um assunto controverso que estimula mais reações viscerais que intelectuais em ambos detratores e partidários (WEINSTEIN, 2000, p. 3, tradução nossa). O gênero “denota características da trajetória da subcultura, nascida na virada dos anos 1960 para 1970, entre jovens proletários – e desesperançados – em Birmingham, na Inglaterra” (DHEIN, 2009).

[...] a sonoridade metálica resulta de uma progressão gradual de diversos tipos de rock executados nos anos 1960, amparada pela evolução tecnológica dos instrumentos musicais. A combinação entre guitarras (com possibilidades de distorção) e baixos elétricos (com sonoridade ampliada) viabilizou um som digno das trevas. O fato é que o rock em si,

desde que surgiu, sempre foi barulhento. (ARNETT, 1996, p. 72 apud DHEIN, 2012, p. 17).

Segundo o antropólogo Sam Dunn (2006), em seu documentário “Metal Evolution: Pre-Metal”, que busca traçar as origens do metal e sua fantasmagórica odisséia que atravessa oceanos e continentes, a primeira banda de *heavy metal* teria sido o Black Sabbath, ao lado de Deep Purple, ambas da Inglaterra; e Blue Cheer, dos Estados Unidos. Grupos que no início da década de 1970 apareceram no cenário musical do rock com uma nova postura de palco e com um repertório que incluía a combinação inédita de elementos nas composições musicais e letras rebeldes em confronto com os próprios padrões do rock e outros estilos que, até então, se escutara.

Para chegar a tal conclusão, Dunn entrevistou vários músicos do cenário do “metal” mundial, tais como: Tony Iommi (ex-guitarrista do Black Sabbath), Alice Cooper (vocalista do Alice Cooper), Bruce Dickinson (vocalista do Iron Maiden), entre outros (LIMA; PEREIRA; CORDEIRO, 2010).

Aprendi que metal é mais que apenas música, é uma cultura de excluídos (DUNN, 2011, tradução nossa). Heavy metal agora denota uma variedade de discursos musicais, práticas sociais e significados culturais, os quais todos giram em torno de conceitos, imagens e experiências de poder. A altura e intensidade da música heavy metal visivelmente empondera fãs, que gritando e batendo cabeça (*headbanging*) testemunham a circulação de energia nos concertos. (WALSER, 1993, p. 2, tradução nossa).

A variedade de discursos musicais e significados culturais é representada por exemplo nos inúmeros subgêneros de metal que se desenvolveram em contextos diferentes, em vários locais do mundo: *new wave of british heavy metal*, *power metal*, *speed metal*, *thrash metal*,

death metal, black metal, glam metal, nu metal, gothic metal, metal core, folk metal, dentre outros¹.

Dentre aqueles subgêneros o *folk metal* se originou e difundiu principalmente na Europa a partir do final dos anos 1990. Globalizou-se a partir dos meios de comunicação alternativos e ganhou várias facetas por quase todas as partes do mundo, inclusive no Brasil. Segundo Mulvany, “esse é um subgênero do *heavy metal* que incorpora instrumentos; melodias e textos comumente associados com a vida de um povo ou ao folclore”². Essa característica fundamental faz com que esse subgênero possa ser incrivelmente diverso.

A performance simultânea de música folclórica³ (*folk music*) e *metal* é uma característica definitiva (MANJENIN, 2014, p. 46) do *folk metal*. Existem inúmeras culturas, regionalizações e subgêneros de metal diferentes, logo, um enorme número de variações podem ser criadas dentro do *folk metal*.

Marjenin (2014) diz que Skyclad é a primeira banda que manteve uma identidade *folk metal* pela maior parte de sua carreira. A música do grupo mistura melodias folclóricas, temas e estruturas com música *heavy metal*. O nome da banda vem de um ritual da religião neopagã Wicca, de origem inglesa, país de origem da banda. Ainda segundo Marjenin, a banda é caracterizada pelo uso de instrumentos do metal com violinos, acordeões, bandolins, gaitas de fole e outros instrumentos acústicos. Membros da banda também usam vestes reminiscentes de

1 Representantes notáveis dos subgêneros: New Wave of British Heavy Metal: *Iron Maiden* e *Diamond Head* (Reino Unido), bandas de 1975-76. Power Metal: *Helloween* e *Blind Guardian* (Alemanha), de 1984-87. Speed Metal: *Judas Priest* (EUA, no álbum “Painkiller”, de 1990), de 1969. Thrash Metal: *Metallica* (em seus quatro primeiros álbuns) e *Megadeth* (EUA), de 1981-83. Death Metal: *Morbid Angel* e *Death* (EUA), de 1983. Black Metal: *Bathory* (Suécia), *Mayhem* (Noruega), bandas de 1983-84. Glam Metal: *Def Leppard* (RU) e *Mötley Crüe* (EUA), bandas de 1977-81. Nu Metal: *Korn* e *Slipknot* (EUA), de 1993-95. Gothic Metal: *Paradise Lost* (RU) e *Type o Negative* (EUA), de 88-89. Metalcore: *All That Remains* e *Killswitch Engage* (EUA), de 1998-99. Folk Metal: *Skyclad* (RU) e *Cruachan* (Irlanda), de 1990-94).

2 MARJENIN, Peter A. **The Metal Folk: The Impact of Folk Music And Culture on Folk Metal and The Music of Korpiklaani**. Tese (Mestrado) - College of the Arts of Kent State University, 2014.

3 “Tipo específico de música popular que é descendência cultural da música tradicional rural, ou de outro modo influenciada por ela” (ALMEIDA, 2012, p. 63).

grupos rurais pré-modernos ingleses, estabelecendo uma conexão com a cultura *folk* da Inglaterra.

O *folk metal* baseia-se fundamentalmente na mistura do *heavy metal* – gênero surgido na Europa – com elementos frequentemente associados a um povo ou cultura específicos. No caso de um *folk metal* brasileiro, parece-nos interessante pensar o conceito de antropofagia (ou movimento antropofágico) fundado e teorizado pelo poeta paulista Oswald de Andrade.

Oswald traz para o solo arenoso da discussão cultural da época a releitura do conceito de antropofagia como um processo inevitável de assimilação crítica das ideias e modelos europeus, devorando, deglutindo e degustando o que vem de fora, sem se subordinar às dicotomias nacional/estrangeiro, modelo/cópia. Nas suas próprias palavras: “Só interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. A antropofagia surge como necessidade de atualização da discussão posta em 22, marcada pelas duas forças mais significativas do modernismo brasileiro – a vertente internacionalista (sintonizar o Brasil com as vanguardas europeias) e a vertente nacionalista (sintonizar o Brasil com a sua vocação artística e cultural). (DINIZ, 2011, p. 2).

A premissa simples consiste em: “O artista dos trópicos deveria ‘devorar’ as características de seu opositor (no caso, o artista do ‘primeiro mundo’, da Europa) e transformá-las” (SENRA, 2009, p. 9); influências estrangeiras poderiam e deveriam estar presentes, mas o artista não deveria ser dominado por elas: algo novo deveria ser “vomitado” pelo antropófago.

Partindo dessa premissa antropofágica procuramos investigar duas bandas de metal brasileiras que realizam misturas inusitadas na performance, estética e musicalidade. Arandu Arakuaa, de Brasília, que funde elementos das tradições indígenas ao *heavy metal* extremo e Can-

gaço, de Recife, que apresenta fusões musicais entre o metal e musicalidades regionais nordestinas, apresentando em suas letras narrativas relacionadas ao universo regional.

O resultado aqui apresentado procura traçar o perfil dessas duas bandas por meio da análise dos discos, entrevistas, dados biográficos dos integrantes e releases das bandas. A princípio pretendíamos inserir as bandas em uma análise histórica das misturas realizadas na música brasileira. A noção de antropofagia nos ajudaria a discutir e analisar a mistura realizada pelas bandas Arandu Arakuaa e Cangaço a partir de uma perspectiva da tradição cultural e artística brasileira confrontando-a com as influências recebidas do exterior.

Entender o processo de apropriação e ressignificação musical a partir da tradição musical de misturas sob a rubrica da antropofagia nos ajudaria a situar Arakuaa e Cangaço em uma longa tradição de hibridez presente, por exemplo, na Bossa Nova, renovada com a Tropicália, em especial na obra dos Mutantes nos anos 1960, passando pelas experimentações realizadas nos anos 1970 por Raul Seixas, Secos e Molhados, ressaltando as importantes contribuições criativas de Chico Science e Nação Zumbi e Raimundos, que fundiram ritmos regionais em novos patamares nos anos 1990.

No âmbito específico do metal brasileiro o álbum *Roots* do grupo Sepultura, sem dúvida teria sido uma experiência fundamental, ao demonstrar as possibilidades de fusão entre elementos culturais brasileiros e o *trash metal*, certamente abriu o caminho para romper com os radicalismos sectários tão característicos das bandas e fãs da cena *underground*.

Apresentamos aqui uma história das duas bandas que a nosso ver realizam atualmente uma música de excelente qualidade, reafirmando e representando muito bem a riqueza cultural e musical brasileira.

2 ARANDU ARAKUAA – QUANDO O METAL REENCONTRA O POVO VERMELHO

A banda Arandu Arakuaa surgiu em Brasília-DF, o projeto começou em 2008 mas apenas em 2011 Zândhio Aquino se juntou a vocalista Nájila Cristina, o baixista Saulo Lucena e o baterista Adriano Ferreira e de fato teve início a banda.

O grupo surgiu de uma ideia do guitarrista Zândhio: criar uma banda em que ele pudesse se expressar livremente como compositor com influências de música indígena e do *heavy metal*. “O norte da banda sempre foi misturar *heavy metal* com música indígena brasileira e regional, tanto na parte instrumental quanto nos vocais”, disse Zândhio, guitarrista do grupo em entrevista ao UOL Música.

O guitarrista nasceu e foi criado em Tocantins, perto de uma terra indígena do grupo Xerente, onde morou até os 24 anos e cresceu ouvindo música indígena, regional e, posteriormente, rock.

Em apresentações ao vivo e em videoclipes é comum ver os membros do grupo com pintura corporal inspirada pelo costume indígena. Zândhio, por exemplo, usa pinturas características dos Xerente, com “traços verticais fortes e unitários como uma tora. Trazendo para nosso contexto seria algo como você ter contato com outras culturas, porém permanecer fiel às suas origens” (ZÂNDHIO, 2016), elemento essencial da banda.

A mistura do “metal com o regional”, das influências exteriores e interiores, se dá em vários aspectos, como na instrumentação, que contém instrumentos do rock, indígena e da música popular brasileira: bateria, baixo, guitarra, chocalhos, viola caipira, flautas indígenas como Flauta Uruá, Enawenê-Nawê, Flauta/Apito Bororo, Efeito de Jatobá, Maracá e Pau de chuva.

Figura 1 – Membros da banda em videoclipe da música “Hêwaka Waktû”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aT6eLthDwUE> (2016)

O instrumento usado pelo guitarrista em apresentações do grupo é incomum. Zândhio teve a ideia, a levou para um luthier (profissional que trabalha com construção e manutenção de instrumentos musicais), e foi feito uma “guitarra viola”: uma “guitarra de dois braços”⁴, o braço de baixo é de uma guitarra e o de cima de uma viola, instrumento símbolo da música popular brasileira. A necessidade de um instrumento assim vem da constante alternância entre guitarra e viola na música da banda: o instrumento modificado (ou novo instrumento) torna viável apresentações ao vivo do músico.

⁴ O guitarrista da igualmente muito famosa e influente banda de rock Led Zeppelin, Jimmy Page, é lembrado por usar uma guitarra de dois braços/dupla/gêmea.

Figura 2 – Zândhio durante apresentação do grupo



Fonte: Acervo de Neide Hostemann.

O uso de um instrumento que mistura a influência estrangeira com um símbolo da música sertaneja e MPB contrapõe o discurso que percorria o surgimento da MPB que recusava “qualquer expressão musical que revelasse influência estrangeira” (KIRSCHBAUM; VASCONCELOS, 2006, p. 15). Mais do que isso, remete à Tropicália, que:

[...] ressaltou, em sua estética, os contrastes da cultura brasileira, buscando superar as dicotomias arcaico/moderno, nacional/estrangeiro e cultura de elite/cultura de massas, que, hegemonicamente, marcavam a discussão cultural na década de 60. Sua proposta voltava-se para a absorção de distintos gêneros musicais, como samba, bolero, frevo, música de vanguarda e o pop rock nacional e internacional, incorporando a utilização da guitarra elétrica. (DINIZ, 2011, p. 2-3).

Consequentemente, por remeter ao tropicalismo, remete também ao já mencionado antropofagismo (ou movimento antropofágico), de onde veio a base para a Tropicália.

O primeiro trabalho gravado lançado pelo grupo é o EP de 2012 de título homônimo ao nome da banda.

Figura 3 – Capa do primeiro EP homônimo



Fonte: <http://residuotoxico.blogspot.com/2016/02/entrevista-com-banda-arandu-arakuaa.html>

A capa do álbum traz uma grande árvore erguida em meio a um centro urbano. Remete a um retorno a um passado pré-industrial ou até mesmo pré-cabralino, quando fauna e flora dominavam espaços onde hoje são centros urbanos. Isso, junto ao contraste entre o forte verde da árvore e o acinzentado tom da cidade, mostra uma crítica à sociedade moderna – trazida por ocidentais e que transformou os ameríndios em uma minoria – em prol de alguma ideia ambientalista, ecologista: volta para a defesa da natureza.

Figura 4 – Capa de Wdê Nnâkdra



Fonte: <https://palcolocal.com.br/entrevista-com-a-banda-arandu-arakuaa/>

Figura 5 – Pintura “Iracema”, José Maria de Medeiros, 1881

Fonte: www.picturingtheamericas.org (2016).

O terceiro trabalho e segundo álbum do grupo foi lançado em 2015. A capa de *Wdê Nnâkrda* traz uma indígena dentro de uma floresta, conectada à terra por raízes: uma romântica representação de uma relação harmônica da personagem com a natureza e pertencimento a ela. Tal representação remete ao indianismo do romantismo brasileiro (1836-81), que elegia e romantizava a figura do indígena como herói nacional. Uma pintura característica do movimento é *Iracema*, de 1881, autoria de José Maria de Medeiros. A obra remete à personagem de outra obra homônima, o romance de 1865 de José de Alencar, importantíssima para o romantismo brasileiro.

“*Wdê Nnâkrda*” (“tronco de árvore” no idioma Akwê Xerente) que em um sentido amplo seria origem, raiz, base, ancestralidade... O motivo para a pintura corporal dos indígenas Akwê Xerente terem traços verticais fortes e unitários como

uma tora. Trazendo para nosso contexto seria algo como você ter contato com outras culturas, porém permanecer fiel às suas origens. Nesse álbum conseguimos consolidar e explorar bem todos os elementos da nossa proposta musical, esse é o disco que sempre quis fazer e estou muito feliz que tenhamos conseguido. Com esse álbum aumentamos consideravelmente nosso público também fora do nicho do Metal. (ZÂNDHIO, 2016).⁵

O Arandu Arakuaa traz uma característica marcante e importante para a proposta da banda: os principais idiomas usados nas letras das músicas são indígenas. Tupi antigo, xerente e xavante. Apenas uma música não é cantada em nenhum desses idiomas: “Povo Vermelho”, última faixa do último álbum *Wdê Nnâkrda*, cantada em português. Cabe aqui uma transcrição da letra da música:

Mata verde e passarinhos
Animais e peixes
A terra tudo oferecia
Era festa todo dia
Homem e mulher dançando
Criança brincando
Ancião contando história
Cantoria e alegria

Minha casa era grande, muitas pessoas
Tocar maracá fazia planta nova crescer
Homem chumbo no meu povo
Acertava na cabeça e o coração parava
Índio caía, eu chorei muito
Homem, mulher, menino bonito, morrer tudo

5 Trecho de entrevista feita com Zândhio ao site <<http://crushemhifi.com.br/>> em 2016. Acesso no mesmo ano.

Alguns de nós fugimos, escondemos na mata
Lutamos até hoje, lutamos até hoje
O povo vermelho resiste, o povo vermelho resiste
Enquanto houver terra, enquanto houver mata

Depois tudo ficou diferente
Os espíritos chamados de demônios
Cada dia menos árvores, animais, histórias, cantoria

Os monstros do progresso continuaram a matar
Com armas, doenças, pregando a sua fé
Ganância e ignorância comandam seus corações
Matavam nossos homens, roubavam nosso saber
Entraram para a história como heróis

O povo vermelho resiste, o povo vermelho resiste
Enquanto houver terra, enquanto houver mata
O povo vermelho resiste, o povo vermelho resiste
Enquanto houver espírito, enquanto houver sangue

Tem que contar pra criança aprender
Tem que falar a língua pra cultura não morrer
Somos filhos da lua e o sol, a mata é nosso lar
Viemos da terra e pra terra hei de voltar
Tem que tocar maracá pra cultura não morrer
Tem que ter mata virgem pro espírito proteger

Parte do saber continua, espíritos resistem
Até os invasores precisam da terra
Sem ela não há vida, sem ela não há harmonia
A grande mãe está morrendo e os espíritos estão furiosos

A representação harmônica do indígena com a terra presente na capa do álbum é escancarada tanto nas duas primeiras estrofes da letra quanto no arranjo (instrumental e vocal) executado em conjunto com elas. No início da terceira estrofe, o arranjo sofre uma “quebra” e sussurros e vozes não muito claros fazem essa parte do vocal. Marcando a ruptura entre os períodos pré e pós cabralinos, da harmoniosa vida levada pelos nativos à invasão dos “monstros do progresso”, a passagem da terceira para a quarta estrofe é explosiva e o arranjo remete ao conflito e luta dos indígenas desencadeados pela invasão.

No decorrer da música a mudança na vida dos nativos e da terra devido ao impacto dos “espíritos chamados de demônios” é trabalhada: cada dia menos árvores, animais, histórias, cantoria. Os gananciosos e ignorantes invasores pregaram sua fé, mataram com armas e doenças e, no entanto, entraram para a história como heróis.

As três últimas estrofes reafirmam a identidade, luta, conhecimento da história e preservação das culturas indígenas e a preservação e defesa da natureza.

A última música do último álbum lançado pelo Arandu Arakuaa sintetiza toda a essência da banda: a mistura de metal com música regional brasileira, valorização e defesa da natureza. “Ancestralidade, identificação e compromisso em dar nossa contribuição para ajudar a preservar e divulgar as culturas e lutas dos Povos Indígenas do Brasil” (ZÂNDHIO, 2016).

Muito além do que foi feito pelo icônico Sepultura no igualmente icônico álbum *Roots*⁶, de 1996, o que não faz dele menos importante, Arandu Arakuaa mostra um metal definitivamente brasileiro, que explora muito mais as raízes de seu povo.

6 Sepultura é uma banda e grande nome do *heavy metal* mundial e brasileiro. No álbum “*Roots*”, de 1996, a capa, algumas letras, experimentações com instrumentos e músicas feitas com índios Xerente remetem especificamente à cultura brasileira. Músicas recomendadas: “*Roots Bloody Roots*” e “*Itsari*”.

3 CANGAÇO: *FOLK METAL* DO SERTÃO

A banda Cangaço surgiu em Recife, Pernambuco, no início de 2010. Atualmente, é composta por Rafael Cadena, guitarrista e vocalista, Magno Barbosa Lima, baixista e vocalista, e Mek Natividade, baterista e percussionista.

Segundo Wilfred Gadêlha:

A arte da banda é criar novas texturas musicais baseadas na Música tradicional brasileira e no Metal moderno, com letras que incitam a reflexão e o senso crítico na juventude atual “... A banda trilha por um caminho que assusta os puristas. A escolha é pela mescla da agressividade com as melodias regionais de baião, forró, maracatu e por aí vai. Com um detalhe: o que influencia os caras é a vertente erudita: Sivuca, Quinteto Violado e o guitarrista Fred Andrade”.

De acordo com o próprio site do grupo, em 2010, o ano das duas primeiras demos da banda, o trio foi vencedor do Wacken Metal Battle Brasil, uma seletiva do festival Wacken Open Air, considerado o maior evento de *Heavy metal* do mundo que acontece com vários shows ao ar livre na vila/município Wacken, no norte da Alemanha. A seletiva selecionou a banda Cangaço entre setenta e cinco bandas inscritas do Brasil para tocar no festival, que aconteceu entre os dias 4 e 7 de agosto de 2010. (CANGAÇO, s/d, s.p.)

O grupo conta com dois vocalistas, o baixista Magno Lima e o guitarrista Rafael Cadena. Magno Barbosa Lima nasceu em Recife e:

[...] iniciou na música em 2004, com então 15 anos, influenciado por bandas como Iron Maiden⁷ e Raul Seixas⁸.

7 Clássica banda de *heavy metal* inglesa.

8 Precursor do rock no Brasil e que em músicas misturou o rock ao baião, dentre outros estilos.

Estudou baixo elétrico no Conservatório Pernambucano de Música e em aulas particulares com Ricardo Paraíso. Participou de projetos dos mais diferentes estilos [...]. Atua como compositor, arranjador, letrista e vocalista. Influenciado por nomes como Dallas Toler-Wade⁹ e Elomar Figueira Mello¹⁰ desenvolve um estilo próprio de poesia e vocais guturais cantados na língua portuguesa. (CANGAÇO, s.d., s.p.).

Já sobre o outro vocalista, que assume também a guitarra, Rafael Cadena:

Começou a tocar guitarra em 2004, com 15 anos de idade, inspirado por bandas clássicas do Heavy Metal como Iron Maiden e Metallica. Além de guitarrista, atua como vocalista em vozes guturais mais graves e violonista nas gravações, influenciado por bandas de Death Metal como Vader, Opeth e Torture Squad. Estudou na escola de música Acordê's e no Conservatório Pernambucano de Música, com o nacionalmente reconhecido compositor e guitarrista Fred Andrade. Atualmente cursa Licenciatura em Música na UFPE e dedica-se exclusivamente à composição e arranjos da banda Cangaço. (CANGAÇO, s.d., s.p.).

Vader e Opeth são bandas de *death metal* europeias enquanto Torture Squad é paulista. Formada em 93, em 2007 foi vencedora brasileira do Metal Battle do Wacken e, assim como o Cangaço em 2010, tocou no grande festival.

Já como baterista da banda, o experiente Mek Natividade é:

9 Guitarrista e vocalista da banda de *death metal* estadunidense Nile.

10 Compositor, cantor e violonista baiano que criou um tipo próprio de linguagem chamada linguagem dialetal sertaneza (sic), usada em algumas de suas obras. O uso de um tipo específico de linguagem também é visto no "estilo próprio de poesia" criado e usado por Magno.

Músico profissional de abordagem multi-instrumentista, especializado em Metal, Flamenco e músicas brasileiras. Formado em licenciatura em Música pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), foi professor da Instituição no curso de extensão (bateria) em 2007. Na Alemanha, foi professor de teoria musical e violão flamenco na escola turca Kultur Zentrum, (Berlin 2003).

Em 2000 foi solicitado para integrar como baterista, a banda Hanagorik, excursionando internacionalmente com a banda. Em 2003 apresentou-se no Brasil e na China como baterista com a Banda de Pau e Corda; foi Arranjador e violonista no álbum “Outros Carnavais” do cantor/compositor Sergio de Andrade, o qual tem a participação do compositor mineiro Beto Guedes, do Maestro Spok, e MakelyKa; foi violonista e arranjador no álbum “Pedra de Amolar” do cantador Abdias Campos. Trabalhou com o ex-guitarrista Frank Gosdzik das bandas alemãs Sodom e Kreator. É atualmente diretor musical e violonista da Cia Flamenca de La Luna, baterista da Banda de Pau e Corda e, desde setembro de 2012, do Cangaço. (CANGAÇO, s.d., s.p.).

Em 2010, duas demos foram lançadas pela banda. A primeira demo, sem nome, tem uma imagem de capa com um lampião que remete ao histórico Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), o “Rei do Cangaço”.

Figura 6 – 1ª demo da banda Cangaço, título homônimo



Fonte: http://cangacometal.com/site/?page_id=18

Logo no começo do disco a proposta da banda de “criar novas texturas musicais baseadas na Música tradicional brasileira e no Metal moderno” (CANGAÇO, s.d., s.p.) é notada. A primeira faixa, “Devices of Astral”, se inicia com uma viola caipira tocando junto a um baixo elétrico, com uma frase tensa que, não por mera coincidência, remete ao clássico ritmo do Baião. Após a introdução, o trio clássico do rock efetivamente entra em cena de modo agressivo e, ao mesmo tempo, com melodia que ainda remete ao ritmo nordestino. Todas as quatro músicas

do álbum, por mais que se trate de uma banda brasileira, tem suas letras escritas, como a maioria das bandas de metal tupiniquins, em inglês.

“Parabelo” é o nome da segunda demo da banda, também lançada em 2010. Também começa com uma faixa instrumental de introdução, só que dessa vez, com muitas mais influências de música brasileira contidas. A música possui viola caipira, triângulos, chocalho e percussão tocados juntos de forma a anunciar as músicas a seguir.

A capa do álbum traz uma releitura do pôster do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de 1964, dirigido pelo baiano Glauber Rocha, que tem em sua base o sertão nordestino.

Figura 7 – Capa da 2ª demo da banda Cangaço, “Parabelo”



Fonte: http://cangacometal.com/site/?page_id=18

Figura 8 – Capa do filme “Deus e o diabo na terra do sol”



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_e_o_Diabo_na_Terra_do_Sol#/media/File:Deus_Diabo_Terra_Sol.jpg

Nessa demo as faixas novamente combinam muito bem o peso com as influências regionais, tudo isso de forma bastante técnica: todos os três membros têm formação em seus instrumentos e o estudo deles é refletido na performance do grupo.

Em 2011 é lançado o EP *Positivo*. Com capa emblemática que, como nos trabalhos anteriores, remete ao cangaço. Diferentemente das demos anteriores, começa com uma faixa não acústica e, pela primeira vez, possui quatro das cinco músicas com suas respectivas letras escritas em português. Esse EP conta com uma notável evolução dos vocais, agora cantados na língua nativa, o que reforça o “brasileirismo” do grupo, e pelos guturais soarem mais definidos e mais bem performados.

Em 2013, dois anos após os três lançamentos da banda, duas demos e um EP, *Cangaço* lança seu primeiro álbum, *Rastros*.

Além de ser o primeiro álbum completo do grupo, tem qualidade de gravação e sonora evidentemente superior à dos outros trabalhos posteriores, além de mais evolução nos vocais – rasgados porém compreensíveis – e impecável execução de todos os instrumentos.

“*Rastros*” tem nove músicas, sendo seis inéditas, e três lançadas posteriormente nos trabalhos anteriores, como “*Devices of Astral*”, da primeira demo, “*Statu Variabilis*” e “*Corpus Allienum*”, da segunda demo *Parabelo*.

O disco começa novamente com uma música atmosférica de introdução chamada “*Atrito*” e depois se inicia a segunda música, evidenciando o metal da banda.

A letra da segunda música, “*Cantar Às Excelências das Armas Brancas*”, veio do poema homônimo escrito pelo cangaceiro Pedro da Santa Fé:

Cantar Às Excelências das Armas Brancas

O cabra atira, eu me abaixo,
A bala passa...
Na catinga da fumaça,
Pego o nêgo no punhá.

A faca enfina, o dente trinca, o sangue pula.
Meninos, vocês num bula
Com os caras do Gravatá

Você me atira, eu me arredo,
A bala passa...
E, no rumo da fumaça,
Vou buscá-lo no punhá.

Faca de ponta é danada por costela,
Nêgo vê a ponta dela,
Corre doido e não vai lá.

Nós somos o Cangaço
E só deixamos rastros
Aos que vêm auxiliar.

Nós somos o Cangaço
E só deixamos rastros
Aos que vêm auxiliar.

Na faixa “Bombardeio no Ceará”, quarta música do Rastros, a “arte da banda [...] (de) criar novas texturas musicais baseadas na Música tradicional brasileira e no Metal moderno, com letras que incitam

a reflexão e o senso crítico na juventude atual” (CANGAÇO, s.d., s.p.) é definitivamente evidenciada.

A música, como muitas outras, mistura o metal a ritmos nordestino de forma coesa e convincente, mostra o “estilo próprio de poesia” (CANGAÇO, s.d., s.p.) do vocalista/baixista Magno Barbosa e, como marca do senso crítico, tem sua letra como forma de memória crítica de um evento da história brasileira, o massacre de Caldeirão de Santa Cruz.

Bombardeio no Ceará

No subconsciente da nação
Nos confins do Cariri
Ondas de ação e resultado

{Positivos}

[Um homem condenado
Pelo credo se levanta
E rebate com trabalho sua sina
Atraia, de ladrões a roubados
De cegos a iluminados
E sem armas desafiou
Os princípios do]

{Institucionalizado}

Sem posse e sem dono
Da terra e da troca
[Tiravam o seu sustento
O produzido era dividido
O excesso era vendido]
E o lucro reinvestido

Reflexo do desejo de centenas
Jogados dentro do Caldeirão
Com vontade e organização apenas
Tirados de dentro do Caldeirão

[Entretanto, demais fez
Mostrando que o povo tem vez]

Da injustiça veio a ação
O fogo do céu surgiu
Bombardeiros do exército do Brasil
O genocídio, o massacre
Consumado, Infundado

Bombardeio no Ceará!

Exterminados pelo sistema
Passados para a história
Os sonhos do Caldeirão
E hoje adormecido, o exemplo vivo
Cruz do deserto, o Caldeirão.

“Bombardeio no Ceará” começa com um dueto de viola e bateria em ritmo de maracatu (estilo de dança e música pernambucano).

“A ideia do Cangaço é exatamente misturar elementos do metal moderno com aquilo que só se encontra na música nordestina brasileira. A ideia pode soar um pouco original mas não é nada muito diferente do que fez Nelson Valença há alguns anos atrás” (Magno Barbosa, em vídeo de entrevista publicado pelo *Diário de Pernambuco*).

A mistura de elementos exteriores com nacionais na música de fato não é novidade, citando exemplos, aconteceu na antropofagia mu-

sical com seu principal representante sendo a Tropicália; no contrterrâneo Manguê Beat, com, por exemplo, Chico Science e Nação Zumbi, que como o Cangaço misturou ritmos locais com influências exteriores; em bandas como Raul Seixas e Raimundos; e a banda pioneira da mistura de metal com ritmos brasileiros com seu álbum “Roots”, o Sepultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como o Sepultura é um exemplo do “antropofagismo *Heavy metal*” com “[...] seus tribalismos presentes e ritmos brasileiros tocados com guitarras pesadíssimas” (SENRA, 2008, p. 9), o Arandu Arakuaa com seu “metal indígena” e o Cangaço com o “metal nordestino” são, ainda mais concretamente, emblemas atuais do antropofagismo musical presente no *heavy metal* brasileiro.

Apresentamos aqui o resultado de uma pesquisa que procurou situar a novidade estética e temática das bandas Arandu Arakuaa e Cangaço na trajetória do *heavy metal* produzido no Brasil. Dos primeiros discos de metal gravados nos anos 1980 aos dias atuais muita música foi produzida. Tom Leão (1997, p. 201), ao se referir aos pioneiros, lembra-nos que havia mais reprodução e pouca imaginação criativa, por serem poucas as referências, até mesmo pela dificuldade de acessar informações, muitas das primeiras bandas “soavam parecidas entre si”, “a maioria tinha um quê satanista e caprichava nas letras e visual demoníacos”.

Como disse o velho bluesman Muddy Water: “A rollin’ stone gather moss” [pedras que rolam não criam limo] e essa, ao que parece, é a dinâmica da criatividade musical no rock e no metal. A criatividade é uma qualidade necessária aos músicos, em geral há uma pressão para produzir algo novo, mas sobretudo criar uma música autêntica, com identidade, a fim de se destacar no universo congestionado da música.

Arandu Arakuaa e Cangaço, conforme apresentamos, são duas expressões relevantes na dimensão do *heavy metal*, ou mais especificamente, do *folk metal*, no Brasil. No entanto, a proposta apresentada por

elas amplifica ainda mais a diversidade e a riqueza musical brasileiras. Ao mesmo tempo contribuem para uma formação histórica e política interessante, ao trazer à tona questões relevantes ligadas às lutas dos povos indígenas e o seu lugar discriminado no âmbito da sociedade brasileira; narrando e difundindo histórias e memórias do sertão nordestino, das obras de artistas do nordeste para os ouvintes mais jovens estimulam reflexões sobre o que nós somos e qual o nosso lugar no século XXI. “Tupi or not Tupi, that is the question!”

REFERÊNCIAS

CANGAÇO. **A Banda**. Disponível em: <http://cangacometal.com/site/?page_id=28/>. (s.p.). Acesso em: 1 ago. 2016.

_____. **Discografia**. Disponível em: <http://cangacometal.com/site/?page_id=28/>. Acesso em: 1 ago. 2016.

_____. **Integrantes**. Disponível em: <http://cangacometal.com/site/?page_id=28/> Acesso em: 1 ago. 2016.

DHEIN, Gustavo. **A besta que se recusa a morrer**: Identidade, mídia, consumo e resistência na subcultura *heavy metal*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 2009.

KIRSCHBAUM, Charles; CARVALHO DE VASCONCELOS, Flávio. Tropicália: manobras estratégicas em redes de músicos. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 1-17, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2016.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal**: guitarras em fúria. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LIMA, Cícera; PEREIRA, Cláudio; CORDEIRO, Domingos. 2010. Identidade Metaleira na construção de um espaço social na região do cariri.

Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v. 2, n. 5, p. 21-38, nov. 2010.

MARJENIN, Peter A. **The Metal Folk: The Impact of Folk Music And Culture on Folk Metal and The Music of Korpiklaani**. 2014. Tese (Mestrado) - College of the Arts of Kent State University, 2014.

MULVANY, Aaron. **“Reawakening Pride Once Lost”**: Indigeneity and European Folk Metal. 2000. Dissertação (mestrado) - Music Department of Wesleyan University, 2000.

SENN, Flávio Pereira. A antropofagia heavy metal: a resistência brasileira ao discurso colonial na literatura e na música pesada. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro: PPGCL/UFRJ, n. 16, p. 1-13, jan./abr. 2008.

WALSER, Robert. **Running with the devil: Power, Gender, and Madness in Heavy Metal Music**. Middletown: Wesleyan University Press, 1993.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The music and its culture**. Nova York: Da Capo Press, 2000.

W:O:A. METAL BATTLE BRASIL. Disponível em: <<http://www.metal-battle.com.br/>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

FILMOGRAFIA:

METAL Evolution: Pre-Metal. Dirigido e produzido por Sam Dunn, Scot McFadyen. Vários artistas. Canadá: Banger Films, 2011. DVD, son. color.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO

Prof. Dra. Anna Maria Dias Vreeswijk
Rayane Keren de Castro Félix

RESUMO

O seguinte trabalho analisa a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, buscando compreender o processo de criação do artista em suas fotos. Inicialmente, abordamos o contexto histórico do surgimento da fotografia, contextualizando nossa fonte na história contemporânea. Em seguida, a partir das considerações de Kossoy, nos apropriamos do referencial teórico acerca do processo de criação fotográfico, destacando que a fotográfica é resultado do olhar do fotógrafo, e não uma mera reprodução do real. Posteriormente, apresentamos a biografia de Salgado, no intuito de avaliar como sua trajetória pessoal influenciou nas escolhas presentes na produção de suas fotografias. Por fim, analisamos algumas de suas fotografias, distinguindo dois aspectos delas: a produção da imagem em preto e branco, utilizada em quase todos os seus ensaios fotográficos, e a temática de grande parte de seus trabalhos, que consiste em grupos sociais marginalizados, como indígenas, e trabalhadores vivendo em situações precárias, como garimpeiros. Buscamos compreender como o olhar do artista focalizava esses grupos humanos.

Palavras-chave: Sebastião Salgado. Fotografia. Criação do fotógrafo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, a fotografia ganhou grande destaque na sociedade, passando a ser uma ferramenta amplamente utilizada nas mais diversas áreas, como nos meios de comunicação (jornais e revistas), na internet, na arte e até mesmo na vida privada. Resulta disso a importância de se estudar e problematizar esse tipo de imagem que está tão presente no nosso cotidiano.

Este trabalho analisa a obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, artista internacionalmente reconhecido e premiado, buscando compreender como ocorre o processo de criação do fotógrafo: o que ele fotografa e como ele fotografa.

Na primeira parte, buscamos delinear alguns aspectos da história da fotografia, contextualizando o seu surgimento e difusão. O surgimento da fotografia pode ser relacionado com os avanços tecnológicos da Revolução Industrial, que possibilitou o desenvolvimento dessa tecnologia de produção de imagem, e com a ascensão da burguesia, que promoveu a formação de um grupo produtor e consumidor desse tipo de imagem.

Apresentamos também o nosso referencial teórico: as considerações sobre o processo de criação do fotógrafo tendo como base as análises de Kossoy (2002). O autor destaca o fotógrafo como sujeito da fotografia. Essa análise é de grande importância, já que, no senso comum, a maioria das pessoas percebe a fotografia como um duplo do real, isto é, a foto supostamente representaria a realidade de forma objetiva, pois sua imagem é percebida não como resultado do trabalho do fotógrafo, mas sim da máquina fotográfica. Contudo, é o olhar do fotógrafo que direciona a lente e a produção da imagem.

Por isso, vários autores da área de estudos da cultura visual se debruçaram sobre a natureza do discurso fotográfico buscando destacar a fotografia como algo subjetivo, construída a partir do olhar do fotógrafo. Entre esses autores, nos apropriamos das contribuições de Kos-

soy, que destaca justamente a fotografia como representação, como uma elaboração do fotógrafo e fruto de seu processo criativo.

Na segunda parte, apresentamos um pouco da trajetória pessoal de Sebastião Salgado. É importante conhecer sua trajetória para compreender como suas experiências pessoais influenciaram suas escolhas em relação à fotografia, reforçando o nosso referencial teórico que justamente entende a fotografia como fruto das escolhas do fotógrafo.

Nesta parte, fazemos também uma análise qualitativa de algumas de suas fotografias. Optamos por não fazer um levantamento quantitativo de sua obra, o que levaria a enumerar todas as suas fotografias e elaborar dados numéricos. Preferimos selecionar algumas de suas fotografias para podermos analisar com mais profundidade e compreender o sentido de cada imagem. Nessa seleção, utilizamos também critérios pessoais, escolhendo algumas das fotografias que de alguma forma mais nos sensibilizaram, das quais mais gostamos ou que julgamos melhores para demonstrar o aspecto que estávamos analisando.

Ao analisar algumas das fotografias de Salgado, diferenciamos dois aspectos que fazem parte delas: primeiramente, a escolha por produzir imagens em preto e branco. Nesse momento, ao recorrer a trechos do livro escrito pelo próprio Sebastião Salgado (2013), optamos por buscar o sentido disso nas palavras do próprio fotógrafo: o porquê de sua escolha e o que ele julga que isso contribui para as suas imagens.

O segundo aspecto diz respeito à temática de suas fotografias. Na maioria de seus ensaios, Salgado fotografa grupos sociais marginalizados, como indígenas, trabalhadores sem-terra, ou grupos em situação de risco, como refugiados. Para analisar como o olhar do fotógrafo representa esses grupos humanos, escolhemos trabalhar com algumas fotos de garimpeiros realizadas na região da Serra Pelada, no estado do Pará, na década de 1980, e também de outros grupos de trabalhadores. Também trabalhamos com fotos de crianças, que Salgado constantemente destaca ao fotografar esses grupos humanos.

Como metodologia, empregamos dois tipos de análises: uma iconográfica, que consiste na descrição dos elementos visuais da imagem, e uma análise iconológica, que se fundamenta na reflexão sobre o sentido da imagem. É essa metodologia que nos leva a fazer uma análise qualitativa de poucas imagens, e não um levantamento quantitativo das fotografias de Salgado.

2 A FOTOGRAFIA E O FOTÓGRAFO

Elaboramos aqui um breve relato da história da fotografia, destacando alguns aspectos do contexto histórico de seu surgimento e de sua difusão. Em seguida, analisamos o papel do fotógrafo no processo de criação da fotografia, com base nas considerações de Kossoy (2002).

2.1 O surgimento da fotografia

A fotografia é o produto de uma técnica que consiste na fixação da luz refletida por objetos em uma superfície impregnada com produtos fotossensíveis a radiações. Na história da fotografia, é reconhecido que o primeiro registro fotográfico foi feito entre 1824 e 1826 pelo inventor francês Joseph Nicéphore Niépce, que conseguiu captar e fixar a imagem de uma rua em uma placa de metal coberta com betume, um derivado do petróleo. Contudo, essa técnica exigia várias horas de exposição ao sol até a efetivação do registro fotográfico.

Alguns anos depois, o inventor francês Louis Jacques Mandé Daguerre desenvolveu um processo com vapor de mercúrio que reduzia o tempo de revelação de horas para minutos. Finalmente, em 1839, o inventor britânico William Fox Talbot divulgou sua pesquisa em que realizava registros fotográficos não em placas metálicas, mas em papel fotossensível, usando folhas de papel cobertas com cloreto de prata, contribuindo para o desenvolvimento da fotografia (SALLES, 2004).

Assim, a invenção da fotografia não pode ser atribuída a uma pessoa só, mas a vários inventores que desenvolveram essa tecnologia ao longo de anos.

O período em que foi desenvolvida essa tecnologia é marcado pela chamada Segunda Revolução Industrial, ocorrida na Europa durante a primeira metade do século XIX. Foi justamente o desenvolvimento científico e tecnológico característico dessa época que possibilitou a invenção da máquina fotográfica e o aperfeiçoamento da fotografia, como destaca Scorsato:

A união da indústria com a ciência, tornou-se mais presente e importante no cotidiano das pessoas. O desenvolvimento do capitalismo industrial estimulou pesquisas e inventos, fazendo surgir novas tecnologias de meios de transporte e de comunicação e aperfeiçoando as indústrias. Dentre as inúmeras descobertas, surgiram a locomotiva, o barco a vapor, o telégrafo e a fotografia. Criada pelos artistas franceses Niépce e Daguerre na década de 1830, a fotografia foi a culminação de anos de experimentações que pretendiam obter superfícies sensíveis à luz e meios de fixar as imagens. Partindo da França, ela difundiu-se rapidamente a todo continente europeu. (SCORSATO, 2012, s.p.).

Segundo Monteiro (apud SCORSATO, 2012, s.p.), a fotografia vinha responder à “demanda crescente de imagens e de auto-representação da burguesia em ascensão, buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente”.

Antes do surgimento da fotografia, quem produzia registros visuais de pessoas, acontecimentos ou paisagens eram os pintores, principalmente a partir do chamado Renascimento, ocorrido na Europa durante o século XVI. Essas pinturas geralmente eram encomendadas por instituição ou famílias ricas, já que o custo dessa produção era bastante alto, pois os artistas podiam demorar longos períodos para produzir

uma única pintura. Assim, somente a nobreza e a Igreja Católica tinham condições de promover e consumir pinturas e desenhos.

Com o surgimento e a ascensão social da burguesia, a partir da Revolução Industrial e da expansão do capitalismo, tal classe também passou a querer ter acesso a registros visuais, como símbolo de prestígio social. Isso fez com que houvesse uma demanda cada vez maior por registros visuais, gerando a formação de um mercado consumidor que possibilitava a produção e o consumo em grande escala de fotografias.

De acordo com Martins (2010), foi no ano de 1880 que pela primeira vez uma fotografia foi publicada em jornal, o *Daily Graphic*, de Nova Iorque. Com a fotografia introduzida na imprensa, ela passou a ser consumida pela grande massa nas cidades. Esse fenômeno teria alterado a visão de mundo das pessoas comuns. Segundo Freund, “o homem vulgar apenas podia visualizar fenômenos que se passavam perto dele, na rua, na sua aldeia. Com a fotografia, abre-se uma janela para o mundo” (FREUND, 1995, p. 107).

Atualmente, a fotografia desempenha um grande papel no cotidiano das sociedades industrializadas. Nas palavras de Freund (1995, p. 20), “quase não existe uma atividade humana que não a empregue de uma maneira ou de outra. Tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria. Está na origem do *mass media*, como o cinema, a televisão e os videocassetes”.

Além disso, um fator que contribui para a difusão da fotografia e seu poder de influenciar as pessoas é o fato de ela poder transmitir um conteúdo para qualquer pessoa. O fato de a fotografia ser uma imagem permite que qualquer pessoa, alfabetizada ou não, possa interpretá-la, ao contrário do que acontece com documentos escritos:

Qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, falante de qualquer idioma, alfabetizada ou não, desde que dotada do sentido sensorial da visão, extrai dela alguma mensagem (...).

A linguagem verbal impede aos analfabetos sua leitura. A imagética, não. A linguagem imagética é universal. A verbal, não. (BONI, 2000, p. 13).

Atualmente, a fotografia está presente em todos os meios de comunicação de massa: jornais, revistas, sites, blogs de internet, redes sociais, entre outros. Devido ao fato de ser produzida por uma máquina, é percebida no senso comum como uma prova do real. É assim que ela é normalmente utilizada em notícias de jornais e revistas. Sua utilização é como mera ilustração, para que o público possa ver o que aconteceu, confirmando o que está escrito na reportagem. Contudo, podemos afirmar que a fotografia, mesmo com o seu aparato tecnológico, é algo elaborado pelo fotógrafo, já que é ele que manuseia a máquina e cria a imagem. É para desenvolver essa análise que recorreremos às considerações de Kossoy (2002) sobre o processo de criação do fotógrafo.

2.2 O processo de criação do fotógrafo

Antes da invenção da fotografia, para saber o que aconteceu no passado, era necessário ouvir a história de uma testemunha, ler o relato escrito de uma pessoa ou confiar no registro visual de um artista, viajante ou cientista. Contudo, tais registros, por serem falados, escritos ou desenhados por uma pessoa, possibilitavam alguma dúvida sobre se descreveriam exatamente o que aconteceu ou se a pessoa deturpou algum aspecto.

Já com a invenção da máquina fotográfica, as pessoas, numa mentalidade cientificista de valorização da máquina e da tecnologia que marcou a Segunda Revolução Industrial, passaram a acreditar que a fotografia, por ser feita por uma máquina, revelava a realidade de forma objetiva. Ao olhar a imagem, poderia ter certeza de como aconteceu e como é o referencial registrado na foto.

Assim, do momento em que a fotografia surgiu até os dias atuais, ela é aceita e utilizada como uma prova definitiva, ou seja, como um “testemunho da verdade” (KOSSOY, 2002, p.19). Devido ao seu desenvolvimento tecnológico e à sua capacidade de retratar os aspectos do real, foi atribuído à fotografia “um elevado status de credibilidade” (KOSSOY, 2002, p.19). Isso se refere à crença de que a fotografia mostra o que se passou, de que ela demonstra a verdadeira história, o que aconteceu e como aconteceu, sem ser a opinião de uma pessoa.

É justamente contra essa concepção que Kossoy (2002) destaca o processo de criação do fotógrafo: mesmo sendo feita por uma máquina, a imagem é também um ponto de vista do fotógrafo que usa a máquina fotográfica. A foto é elaborada de acordo com diversos interesses sociais presentes no contexto de sua produção e de acordo com o olhar do fotógrafo que a produz.

Segundo Kossoy (2002, p. 19), o processo de criação do fotógrafo envolve várias ações para tornar uma imagem um documento real:

Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos.

Há sempre um interesse individual ou de grupos específicos, de acordo com o objetivo com o qual a foto é produzida. O interesse pode ser artístico, educacional (em campanhas educativas ou em materiais didáticos), policial (no registro de criminosos ou como prova criminal), jornalístico (como ilustração do que aconteceu de acordo com a notícia). Há ainda o interesse cada vez maior pelo registro pessoal, com as pessoas registrando momentos de suas vidas, fotografando sua família,

amigos ou a si mesmo, nas chamadas *selfies*. Além disso, sem dúvida, nas sociedades capitalistas atuais, o interesse comercial é responsável por grande parte das imagens fotográficas produzidas, por meio de propagandas que buscam vender alguma coisa.

Ou seja, há vários interesses sociais que demandam a produção de fotografias. Contudo, apesar de esses fatores serem importantes na produção do tipo de imagem, há um espaço que cabe ao papel do próprio fotógrafo e de seu olhar.

Kossoy (2002, p. 28) afirma que uma fotografia é resultado da somatória de diferentes seleções, sendo várias delas realizadas, geralmente, pelo fotógrafo, dentro das suas condições materiais e de acordo com seu senso estético:

- a) seleção do próprio assunto;
- b) seleção de equipamentos (câmara, objetivas, filtros etc.) e materiais fotossensíveis (natureza e tipo de filmes);
- c) seleção do “quadro”, ou da denominada geralmente de composição; trata-se de organização visual dos elementos constantes do assunto no visor da câmara com o propósito de alcançar, o segundo determinadas condições de iluminação, um certo efeito plástico na imagem final (...).

Para criação da fotografia, primeiramente o fotógrafo tem que escolher o assunto que será representado, depois selecionar os equipamentos, sendo o principal a câmara fotográfica, e, por fim, o enquadramento da fotografia, ou seja, como serão enquadrados os elementos na fotografia. Assim, uma imagem fotográfica consiste numa “representação resultante do *processo de criação/construção* do fotógrafo”. (KOSSOY, 2002, p. 30).

Por fim, Kossoy ainda ressalta que a imagem depende também do olhar do público que a vê. Ou seja, o sentido da imagem pode variar de acordo com as diversas visões que cada indivíduo/receptor é capaz de fazer. “(...) A realidade fotográfica reside nas múltiplas interpretações,

nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (KOSSOY, 2002, p. 38).

3 VIDA E OBRA DE SEBASTIÃO SALGADO

Nesta parte, abordamos a vida de Sebastião Salgado, destacando como sua trajetória, em especial as diversas viagens pelo mundo, influenciaram a sua fotografia. Em seguida, evidenciamos também o conteúdo de suas fotografias, analisando alguns aspectos presentes em sua obra: o uso de preto e branco, o seu olhar para as causas humanitárias, destacando as condições de trabalhadores pobres, e o seu olhar em especial para as crianças desses grupos humanos.

3.1 A trajetória do fotógrafo

Sebastião Ribeiro Salgado Júnior nasceu no dia 8 de fevereiro de 1944, em Aimorés, no estado de Minas Gerais, em uma fazenda no Vale do Rio Doce. Sebastião é o único filho homem entre nove irmãs. No seu livro *Da minha terra à Terra*, Salgado escreve que saiu de casa aos quinze anos para estudar: “Faço parte da primeira geração que saiu do campo para estudar na cidade” (SALGADO, 2013, p.18).

Salgado graduou-se em Economia no ano de 1967¹. No mesmo ano, casou-se com a arquiteta Leila Salgado e mudou-se para São Paulo para começar o mestrado na Universidade de São Paulo (USP). Em 1971, foi para a França, onde fez doutorado na Escola Nacional de Estatísticas Econômicas. Depois, mudou-se para Londres para trabalhar como economista na Organização Internacional do Café. A trabalho para essa organização, ele viajou para Ruanda.

1 Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>> Acesso em: 16 jul. 2014.

Relembrando sua trajetória, Salgado afirma que viu em Ruanda homens e mulheres trabalhando em condições desumanas: sem descanso, com doze horas de trabalho por dia nas plantações, descalços e em pleno calor do sol (SALGADO, 2013, p.47). De acordo com Salgado, esses trabalhadores não possuíam nenhum sistema de proteção social. Essa relação pessoal que estabeleceu com o continente fez com que a África fosse um dos lugares mais fotografados por ele. A partir disso, percebeu que sua verdadeira profissão não era ser economista e sim fotógrafo.

Assim, seu interesse por causas humanitárias teve início pelo contato com pessoas vivendo e trabalhando em condições desumanas. Ao descobrir a fotografia, ele experimentou vários temas convencionais, como o nu, o esporte, etc. Mas foi o retrato social que foi prevalecendo como sua temática, com o seu olhar se voltando cada vez mais para o ser humano e suas condições sociais.

Em 1974, após o período em que viveu na África, Salgado retornou à Europa e passou a morar em Paris, onde começou a trabalhar como “free-lancer em fotojornalismo”, trabalhando nas agências Sygma (1974), Gamma (1975-76) e Magnum (1979-94). Em seu livro, relata que deve sua formação e seu desenvolvimento inicial como fotógrafo à agência Gamma, porém foi na Magum que pôde, pela primeira vez, desenvolver seus próprios projetos.

“Minha grande escola de fotografia havia sido a Gamma, mas a Magnum possibilitou uma fantástica oportunidade de desenvolvimento” (SALGADO, 2013, p. 59). Nesse momento, pôde desenvolver seu próprio estilo como fotógrafo. Ele trabalhou durante 15 anos na Magnum e, quando saiu da agência, já havia publicado vários livros com ensaios fotográficos e realizado diversas exposições ao redor do mundo.

Entre os anos de 1977 e 1983, realizou uma pesquisa sobre as condições de vida de camponeses e de indígenas na América Latina, fotografando suas condições de vida e sua cultura, o que lhe rendeu diversos prêmios e reconhecimento internacional.

Pelo fato de seu trabalho como fotógrafo ter se iniciado em agências fotográficas, Salgado tornou-se reconhecido como um fotojornalista. Porém, ele próprio afirma que vê a fotografia não como uma profissão, mas como sua paixão: “Para alguns, sou um fotojornalista. Não é verdade. Para outros, sou militante. Tampouco. A única verdade é que a fotografia é minha vida” (SALGADO. 2013, p. 47). Por isso, neste trabalho, optamos por chamá-lo de fotógrafo ou artista, para ressaltar sua paixão por fotografar, em vez de jornalista ou fotojornalista.

Salgado relata em seu livro que fotografia é a sua vida, explicando que suas fotos foram momentos vividos por ele, que esse material fotográfico só existe porque a sua vida o levou a isso. Destaca que é o seu instinto que o leva a fotografar em determinado lugar. “Às vezes fui guiado por uma ideologia, outras, simplesmente pela curiosidade ou pela vontade de estar em um dado local” (SALGADO, 2013, p. 47).

Revela também que suas fotografias não têm a pretensão de serem objetivas, aspiração presente no trabalho de outros fotógrafos. Suas fotos vêm a partir daquilo que ele está sentindo naquele momento, o que está passando na sua cabeça e o que está vivendo. Assim, o próprio Salgado destaca sua fotografia como fruto de sua subjetividade. Tal afirmação do fotógrafo reforça ainda mais o referencial teórico adotado neste trabalho, que analisa o seu processo criativo.

Normalmente, seu trabalho com um tema ou numa região dura vários anos. Salgado explica em seu livro que trabalha por volta de cinco a seis anos em um assunto e que prefere trabalhar assim a ficar mudando rapidamente de tema. Ele ressalta que a única maneira de contar uma verdadeira história é ficar no mesmo lugar por um bom tempo e voltar lá diversas vezes, estabelecendo uma relação real e longa com o tema retratado. Para ele, suas fotografias nunca estão realmente prontas.

Para Salgado, o poder que a fotografia tem é o poder de síntese. Ele afirma que a foto tem a capacidade de “sintetizar tantas coisas ao

mesmo tempo: a cultura da pessoa que está fotografando, a ideologia, o momento histórico que a pessoa que está fotografando está vivendo, porque ela está sendo influenciada pelo ontem e pelo agora. E aquela fração de segundo é representativa” (PERSICHETTI, 2000, p. 80). Assim, enfatizando o papel do fotógrafo, podemos entender que a fotografia revela inúmeras informações sobre o objeto que está sendo fotografado, mas que também manifesta muita coisa do sujeito que está fotografando.

3.2 Aspectos das fotografias de Sebastião Salgado

Na fotografia de Salgado, duas características são predominantes: as imagens somente em preto e branco e a representação de grupos humanos formados por trabalhadores ou pessoas marginalizadas, destacando, em especial, as crianças desses grupos. Persichetti (2000, p. 78) também ressalta esses dois elementos ao afirmar que Salgado é um fotógrafo do preto e branco e da contraluz e que retrata o ser humano com respeito e dignidade. “Fotografar gente é sua meta. Dono de um sólido embasamento cultural, sua preocupação sempre foi a de captar a humanidade que respira ao seu redor”.

3.2.1 A imagem em preto e branco

Figura 1 - Fotografia de Sebastião Salgado



Fonte: Disponível em: <http://odescortinardaamazonia.blogspot.com.br/2014/01/zoe-tribos-de-recente-contato-e_1048.html> Acesso em: 20 nov. 2014.

Figura 2 - Fotografia de Sebastião Salgado



Fonte: Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/02/sebastiao-salgado-fala-de-genesis-projeto-que-o-levou-a-30-paises-em-oito-anos-4419763.html>> Acesso em: 20 nov. 2014.

Para analisar o uso do preto e branco, comparamos inicialmente duas imagens. As imagens a seguir foram feitas na aldeia Towari Ypy, no Pará, em 2009. A primeira (figura 1) foi feita por um componente da equipe que acompanha Salgado em suas viagens a trabalho e mostra o momento em que o artista fotografa um grupo de indígenas da aldeia. Já a segunda (figura 2) é uma foto tirada pelo próprio Salgado ao representar esse grupo, publicada no livro *Gêneses*.

A primeira fotografia (figura 1), por ser colorida, revela o costume das mulheres Zoës (nome do povo indígena) de colorir o corpo de vermelho. A tinta é obtida a partir do urucum, um fruto brasileiro utilizado por diversos povos indígenas para a fabricação do pigmento vermelho empregado na pintura corporal. Na segunda fotografia, podemos perceber a opção de Salgado em trabalhar apenas com o preto e branco, abandonando o verde que prevalece no fundo da fotografia e o vermelho que predomina nos corpos. Mesmo ao representar a natureza, ele usa o preto e branco. O próprio Salgado ressalta essa sua opção: “Não preciso do verde para mostrar as árvores, nem do azul para mostrar o mar ou o céu. A cor pouco me interessa na fotografia” (SALGADO, 2013, p.127).

Salgado considera a cor uma informação desnecessária na fotografia, o que o leva a optar pela produção de fotos em preto e branco. Assim, a ausência de cor em suas fotografias resulta da seleção de informações feita pelo fotógrafo na elaboração da imagem, o que é uma das etapas do processo de criação do fotógrafo destacado por Kossoy. Sem as cores, o público que observa a imagem pode concentrar toda sua atenção na situação e nas pessoas retratadas.

Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós,

nós a digerimos e, inconscientemente, a colorimos. (SALGADO, 2013, p. 128).

O artista reconhece que nada no mundo é em preto e branco, mas ele transforma todas essas cores do mundo em gamas de cinzas para que a imagem penetre naquele que está vendo, para que essa pessoa se aproprie dela e possa atribuir-lhe cor mentalmente. Assim, Salgado atribui à fotografia um grande poder, o de tocar as pessoas. Para ele, essa é a melhor maneira que encontrou para colocar sua própria personalidade nas fotos e destacar a dignidade dos personagens representados.

Da mesma forma para aproximar dos homens e dos animais, para fotografar a natureza é preciso senti-la, amá-la, respeitá-la. Para mim tudo isso passa pelo preto e branco. É meu gosto, minha escolha, mas também uma necessidade e às vezes uma dificuldade. (...) Mas, no fim, o resultado é de fato belo. (SALGADO, 2013, p. 128-129).

Em determinadas fotografias, esta ausência de cor realça o drama da situação, a dor e desespero de quem ele retrata, como se naquele momento fotografado tudo perdesse a cor, a alegria, a felicidade. Especialmente porque Salgado fotografa temáticas relacionadas à exclusão social, à miséria e à violência, como analisamos a seguir.

3.2.2 Os trabalhadores

Salgado relata em seu livro que, no ano de 1984, participou dos Médicos Sem Fronteiras, organização humanitária que leva acesso a tratamento médico em regiões muito pobres do planeta. Acompanhando a organização, ele fotografou populações vítimas da seca e da fome na região do Sahel (Líbano). Assim, ele passou a fotografar grupos em situação de vulnerabilidade, como vítimas de seca, de fome, de perseguição ou de guerra.

Um exemplo de fotógrafo que voltou seu olhar para causas humanitárias, ele transforma sua fotografia em uma ferramenta de denúncia e de sensibilização social. “Considerando o grande alcance e o caráter de denúncia, o trabalho do fotógrafo mostra-se uma importante estratégia para uma reflexão sobre a condição do homem no mundo. Sua obra valoriza a fotografia e arte como agentes de conscientização” (HOFFMAN, 2009, p. 396).

A obra de Salgado é marcada pela representação de trabalhadores das camadas mais pobres da sociedade. Selecionando algumas fotografias dele, podemos perceber as principais características dessa representação, isto é, como ele retrata esses trabalhadores.

Figura 3 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *Trabalhadores*



Fonte: Disponível em: <<http://www.blckdmnds.com/a-fotografia-dramatica-de-sebastiao-salgado/>> Acesso em: 20 nov. 2014.

A figura 3 é uma fotografia feita por Salgado publicada em seu livro *Trabalhadores*. A imagem mostra três mineradores: o primeiro deles, com seu rosto destacado em primeiro plano, e os dois outros no segundo plano. Podemos saber que são mineradores devido ao ambiente ao fundo, à aparência empoeirada das três pessoas e aos instrumentos de trabalho

que aparecem na foto. O minerador do primeiro plano posa para a fotografia com sua ferramenta de trabalho apoiada no ombro, o que o identifica como trabalhador. Seu rosto, coberto por uma poeira escura, apresenta um semblante sério. Do seu rosto destacam-se olhos e boca, por justamente não estarem cobertos pela poeira. O elemento principal da imagem é o seu olhar fixo para a câmera, como se estivesse olhando diretamente para a lente do fotógrafo e nos olhos de quem está vendo a imagem.

Na próxima fotografia aqui apresentada (figura 4), Salgado retrata nove camponeses no seu local de trabalho, o campo. Os três primeiros da esquerda para a direita são destacados na imagem por estarem em primeiro plano. Os outros estão alinhados no segundo plano. Contudo, todos estão com sua enxada no ombro. Assim, mais uma vez, as pessoas são retratadas com seu objeto de trabalho, as caracterizando como trabalhadores. Salgado poderia fotografá-los deixando os instrumentos de trabalho de fora da imagem. Com essa decisão, feita tanto nesta imagem (figura 4) quanto na anterior (figura 3), ele busca caracterizar as personagens de suas fotos como trabalhadores, relacionando seu trabalho a essa temática.

Figura 4 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *Trabalhadores*



Fonte: Disponível em: <<https://balcaoufes.wordpress.com/2010/12/15/vida-de-campones/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Os trabalhadores rurais estão com a mesma pose e posicionados na mesma direção. Quando analisamos a fotografia, percebemos que ela não foi algo espontâneo. Podemos concluir que o fotógrafo pensou e planejou com os trabalhadores o lugar deles no espaço e seus olhares voltados para a lente. Ou seja, a foto não é um *click* instantâneo, como se o fotógrafo estivesse passando por lá e apenas a tirasse do jeito que eles já estavam. Assim, a fotografia é resultado de um acordo entre fotógrafo e fotografados para produzir a imagem desejada. O fotógrafo também planejou o ângulo e o enquadramento da imagem. Desse modo, a foto também resulta do planejamento e das escolhas estéticas do fotógrafo.

Salgado, ao retratar trabalhadores, demonstra um olhar de empatia por eles, movido por uma vontade de compreender o sentimento do outro. Essa empatia é repassada quando observamos suas imagens.

Em 1980, quando a mina de ouro da Serra Pelada foi descoberta, Salgado teve grande vontade de conhecê-la, mas o Sistema Nacional da Informação (SNI), órgão de repressão e censura do regime militar, proibiu que ele entrasse nela. Contudo, assim que a mina passou a ser administrada pela Cooperativa dos Garimpeiros, ele conseguiu autorização para ir visitá-la, realizando um ensaio que se tornou bastante conhecido. “Foi impactante ver tantas pessoas trabalhando lado a lado num imenso buraco a céu aberto” (SALGADO, 2013, p. 73).

Sobre esses trabalhadores, Salgado relembra que, nessa mina, conheceu todo tipo de gente: desde pessoas que não sabiam ler nem escrever até pessoas que já haviam chegado à universidade. Destaca ainda que os garimpeiros estavam por conta própria, movidos por apenas um objetivo: o de se enriquecer.

Figura 5 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *Trabalhadores*



Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/WH2T_Q0fUcQ/TbzXeL_711I/AAAAAAAAAKk/B3jjctEmUuo/s1600/Trabalho%252C+par%25C3%25A1.jp> Acesso em: 20 nov. 2014.

A fotografia apresentada (figura 5) foi tirada por Salgado e retrata os trabalhadores de Serra Pelada. Esta imagem foi feita de cima para destacar a grande massa de trabalhadores: os cerca de 80 mil garimpeiros que ocupavam a mina de Serra Pelada. A foto representa o esforço da grande massa de trabalhadores em busca de riqueza ou, ao menos, de sobrevivência. A imagem mostra uma enorme massa de homens compartilhando as mesmas condições de trabalho, bastante adversas e que podem fazer mal à saúde. O preto e branco utilizado pelo fotógrafo ressalta o drama que está sendo representado na fotografia.

Figura 6 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *Trabalhadores*



Fonte: Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/sobre_lacos_/Foto-Sebastião-Salgado-02%20plugcitarios.com.br.jpg>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Essa imagem (Figura 6) mostra outro foco utilizado por Salgado ao retratar o garimpo e os garimpeiros: uma imagem de perto que destaca em especial um trabalhador. Ao produzir fotos que destacam um trabalhador específico, o fotógrafo busca humanizar essa massa, mostrar que essa massa é formada por indivíduos, por pessoas singulares.

Novamente, como em outras fotos apresentadas (figuras 3 e 4), o trabalhador está olhando para a lente. Essa repetição de pose dos personagens revela um tipo de imagem buscada por Salgado. Ela retrata mais de perto as condições de trabalho desses garimpeiros. O fotógrafo trabalha mais uma vez a imagem composta por dois planos: o trabalhador destacado está alinhado à esquerda da fotografia, em primeiro plano, e em segundo plano pode-se ver outros trabalhadores subindo uma esca-

da bem precária. O trabalhador em destaque apresenta uma expressão de grande cansaço, completamente coberto de lama.

Ao selecionar essas duas fotografias (figuras 5 e 6), buscamos demonstrar que Salgado opta por utilizar dois focos ao trabalhar com a temática de trabalhadores: um que retrata a grande massa de trabalhadores e outra que destaca apenas um trabalhador específico. Essa dualidade massa e indivíduo marca profundamente a sua obra.

Salgado busca revelar em suas fotografias uma triste realidade do mundo: a desigualdade. Ele afirma que ocorre algo interessante quando expõe suas fotos em galerias frequentadas por pessoas ricas: percebe no público um incômodo ao se deparar com imagens de pessoas e lugares pobres, que eles não gostariam de ver. “A pessoa só pensa nas imagens do mais pobre porque é mais rica. Então você incomoda. Por que você foi lá? Por que você faz isso? Na verdade minha imagem incomoda” (PERSICHETTI, 2000, p. 84).



3.2.3 O olhar para as crianças

Figura 7 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *O berço da desigualdade*

Fonte: Disponível em: <<http://dc395.4shared.com/doc/cd-2Cdik6/preview.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Salgado tem um olhar voltado em especial para as crianças desses grupos de trabalhadores ou grupos marginalizados que ele fotografa. A figura 7 destaca uma menina. A imagem foi realizada quando o fotógrafo fazia, em 1996, um ensaio sobre trabalhadores sem-terra no Brasil, acompanhando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A menina retratada está em um ambiente escolar precário, situado em uma escola de um assentamento do MST. O principal foco da fotografia é a menina, de aproximadamente sete anos, centralizada no primeiro plano. Também compõem a imagem dois meninos ao fundo, desfocados na fotografia. O fotógrafo buscou identificar e passar elementos da aparência da garota e do ambiente em que ela está, voltando a imagem para o aspecto social.

A imagem destaca o olhar da menina, atento ao copiar algo no quadro. Também mostra sua roupa simples e seu cabelo bagunçado. Os elementos que caracterizam a percepção da desigualdade são o ambiente precário da escola, os materiais escolares dentro de uma sacola pendurada na cadeira e, principalmente, os pés descalços da criança. “Oito mil anos depois da invenção dos sapatos, pequenos pés são marcas vergonhosas do descaso da civilização com as crianças” (SALGADO; BUARQUE, 2006, p. 44).

Salgado tem dois filhos. Após o nascimento de seu segundo filho, descobriu que ele tinha síndrome de Down. “Quando ele nasceu, alguns dias da minha entrada na Magnum, descobrimos que era portador da trissonomia do cromossomo 21, mais conhecida como síndrome de Down” (SALGADO, 2013, p. 59). Descreve em seu livro que, com a chegada de Rodrigo, ele e sua esposa tiveram que tomar um novo caminho, tiveram que “descobrir e familiarizar” com o próprio filho. Ele afirma que essa nova vida que teve que enfrentar lhe ensinou muito e que tem no seu filho “uma fonte de afeto e doçura” (SALGADO, 2013, p. 59).

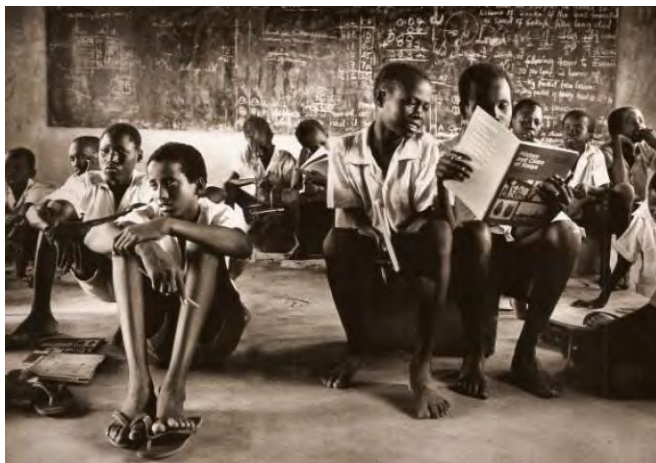
O fotógrafo revela que, sem seu filho em sua vida, provavelmente suas fotografias não seriam do mesmo jeito que são. Seu filho lhe ensinou a levar um olhar diferente para os rostos fotografados (SALGADO, 2013, p. 59). Assim, sua experiência familiar foi um fator bastante im-

portante para que ele se dedicasse a fotografar as crianças dos grupos com os quais conviveu.

A figura 8 retrata novamente uma escola, mas desta vez uma localizada no Quênia, na região do Lago Turcana. A fotografia mostra uma sala de aula apenas com garotos. A precariedade da sala de aula de uma escola de assentamento rural revelada na imagem anterior (figura 7) também pode ser observada nesta outra escola, no Quênia. Na verdade, o ambiente em que os garotos estão é ainda mais precário por não ter nem cadeiras e mesas para os alunos, fazendo com que tenham que sentar no chão batido ou em bancos improvisados.

Os pés descalços são mais uma vez destacados na imagem, apontando a questão da desigualdade. O lápis na mão, o olhar atento em algum ponto, a curiosidade estampada no rosto ao ler o livro e descobrir algo, a vontade de aprender... Tudo isso são elementos que podemos perceber na imagem. Mais uma vez a fotografia de Salgado revela uma situação de pobreza que o público que comparece a sua exposição não vivencia nem conhece.

Figura 8 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro *O berço da desigualdade*



Fonte: Disponível em: <<http://quetalumcafe.blogspot.com.br/2012/01/livro-o-berco-da-desigualdade.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

A figura 9 é uma das imagens mais chocantes do trabalho de Salgado, revelando em apenas uma fotografia diversos elementos como pobreza, fome, desigualdade e, em especial, o sofrimento de muitas pessoas, inclusive crianças, que vivem em regiões miseráveis na África e em diversos outros países. A imagem mostra uma criança em uma condição desesperadora. O menino desnutrido da fotografia se arrasta pelo chão, sem forças para caminhar, pedindo, com o olhar, comida ou socorro ao homem que passa por ele. A fotografia, de cunho social, com um conteúdo bastante forte e dramático, denuncia um mundo de extrema desigualdade no qual as crianças são as principais vítimas.

Figura 9 - Fotografia de Sebastião Salgado publicada no livro Êxodos



Fonte: Disponível em: < <http://www.blogdataninha.blogspot.com.br/2009/11/v-behaviorurldefaultvml-o.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do surgimento da fotografia até os dias de hoje, ela passou por vários processos de aperfeiçoamento. É aceita e utilizada como uma prova definitiva, como se fosse um “testemunho da verdade”, tal como

destacamos na afirmação de Kossoy. Com a invenção da máquina fotográfica, as pessoas passaram a ter a concepção de que a fotografia, por ter sido projetada por uma máquina, revelaria a realidade de forma objetiva.

Por isso buscamos, nas considerações de Kossoy, destacar a fotografia como algo subjetivo, construída a partir do olhar do fotógrafo. A imagem, mesmo sendo feita por uma máquina, é um ponto de vista de um indivíduo que se utiliza dela para registrar um momento de acordo com o seu interesse. O fotógrafo realiza uma série de escolhas individuais no processo de criação da fotografia: a escolha do assunto, a montagem da imagem, etc. A imagem será elaborada a partir da sua percepção.

Neste trabalho, buscamos destacar, por meio da obra de Sebastião Salgado, todo esse processo de criação do fotógrafo. As fotografias foram analisadas como representação, isto é, como uma elaboração do fotógrafo, fruto de seu processo criativo e de suas experiências pessoais.

Os dois tipos de análises feitas como metodologia deste trabalho foram a iconográfica, que consiste na descrição dos elementos visuais da imagem, e a análise iconológica, que é a reflexão sobre o sentido da imagem. Essas análises nos levaram a perceber vários aspectos das fotografias de Salgado: primeiramente, a produção da imagem em preto e branco. Utilizamos as próprias palavras do fotógrafo para compreender sua opção por esse tipo de fotografia. Para ele, não é necessário, em suas imagens, as cores vivas para passar aquilo que quer transmitir.

Em seguida, analisamos a temática dos trabalhadores como predominante em sua obra. Percebemos que ele fotografa esses sujeitos de duas formas: o sujeito coletivo, a massa de trabalhadores retratada em fotos aéreas, e o sujeito individual, mostrado em fotos bem de perto, destacando que a massa é composta por indivíduos.

Ao representar estes trabalhadores, assim como grupos indígenas ou vítimas de guerra ou seca, Salgado busca mostrar ao espectador o que passa ao seu redor, os problemas vividos pelos grupos fotografados, caracterizando o retrato social. Ao usar o preto e branco para retratar esses

problemas sociais, a atenção do espectador pode se voltar justamente para a situação fotografada, o sofrimento, o cansaço, a pobreza, a desigualdade, etc. O tema das causas humanitárias escolhido por ele é refletido com profunda empatia, buscando a dignidade das pessoas fotografadas.

Por fim, nesses grupos de trabalhadores ou grupos marginalizados, Salgado tem olhar especial para as crianças. Relacionamos esse olhar com a sua própria experiência pessoal, com o cuidado de seu filho.

Sebastião Salgado procura retratar a desigualdade e todos os problemas gerados por ela, como trabalhadores e crianças sendo submetidos a condições precárias e penosas. Temas como estes são difíceis de serem vistos e apreciados por quem desconhece essas situações. Assim, sua fotografia tem a função de sensibilizar esses espectadores. Tais situações também são difíceis de serem fotografadas para o próprio artista, que tem que as observar e vivenciar. O fotógrafo precisa querer estar naquele momento e assumir dentro de si essa presença.

REFERÊNCIAS

AUTOR desconhecido. **Projeto Gêneses**. Disponível em: <<http://www.vale.com/PT/aboutvale/initiatives/genesis/Paginas/default.aspx>> Acesso em: 13 nov. 2014.

_____. **Verbetes Sebastião Salgado**. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3293&cd_item=3&cd_idioma=28555 Acesso em: 13 nov. 2014.

_____. **Verbetes Sebastião Salgado**. Infopédia. Dicionários Porto Editora. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$sebastiao-salgado](http://www.infopedia.pt/$sebastiao-salgado)> Acesso em: 13 nov. 2014.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - ECA/USP, São Paulo, 2000.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Vega, 1989.

HOFFMAN, Maria Luiza. As mulheres sob o olhar de Sebastião Salgado: fotografia e produção de sentido. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM. **Anais...** Londrina, Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Hoffmann.pdf>> Acesso em: 7 maio 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MARTINS, Célia. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**: Apontamentos sobre fotografia vencedora do World Press Photo 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2014.

PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia Brasileira**. São Paulo: Estação liberdade: Editora Senac São Paulo: 2000.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013.

SALGADO, Sebastião; BUARQUE, Cristóvam. **O berço da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 2005.

SALLES, Filipe. **Uma breve história da fotografia**. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/artes/artigos/Hist%F3ria_fotografia.pdf> Acesso em: 13 nov. 2014.

SCORSATO, Helen. O uso da fotografia em processos de identificação e o método Bertillon – século XIX. **Revista Estudos Historicos**, Uruguay, ano IV, n. 9, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/edicion9/eh0911.pdf>> Acesso em: 16 jul 2014.

MODA PÓS-APOCALÍPTICA: O USO DE ROUPAS PARA A SOBREVIVÊNCIA

Profa. Ms. Rosana Beatriz Garrasini Sellanes
Marcela Ferraz Resende da Rocha

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica realizada em 2017. O tema desenvolvido foi na área da moda, especificamente, sobre a Moda Pós-Apocalíptica (MPA) e se justifica por minha identificação com esse segmento e no qual pretendo seguir meus estudos acadêmicos. O objetivo principal foi destacar as características que definem a MPA, os contextos que ela influencia e aproximar essa moda do público jovem. Para atingir esse fim realizei uma entrevista exclusiva com o figurinista Dimitri Zaitsev, da Nuclear Snail Studios, e analisei algumas fotos dos seus modelos pós-apocalípticos. A base teórica investigada mostra que é necessário conhecer o conceito do termo “pós-apocalíptico” e os diferentes eventos que podem causar tragédias de grandes proporções, capazes de criar ambientes inóspitos. Nesse contexto, os figurinos de MPA são criados para facilitar a sobrevivência dos indivíduos em uma sociedade ou mundo imaginário e distópico. Para tal é necessário escolher uma combinação perfeita entre tecidos, cores e acessórios. Assim foi possível observar que a MPA busca criar um novo conceito utilizando roupas e acessórios que já se encontram disponíveis no mercado. Para a MPA, o

essencial deixa de ser apenas a estética para dar ênfase à funcionalidade das roupas e acessórios.

Palavras-chave: Roupas. Moda pós-apocalíptica. Sobrevivência.

1 INTRODUÇÃO

Sou aluna do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), localizado em Goiânia, no campus da Universidade Federal de Goiás (UFG) e estou cursando o terceiro ano do Ensino Médio (EM). O Cepae é uma escola pública de Educação Básica e disponibiliza na Matriz Curricular do EM uma disciplina chamada Trabalho de Conclusão do Ensino Médio (TCEM). Integralizar esta disciplina é um dos pré-requisitos para a conclusão do terceiro ano e, ao final do ano letivo, todos os alunos devem apresentar um trabalho de pesquisa de tema livre. Este trabalho deve seguir os passos de uma pesquisa acadêmica e ser apresentado em defesa pública para uma banca de três professores, e também em eventos científicos.

Dentre os inúmeros assuntos que me interessavam para abordar no TCEM, o que mais me motivou está relacionado à moda, pois é neste caminho que pretendo seguir meus estudos acadêmicos e futuramente minha carreira profissional. O interesse específico pela moda pós-apocalíptica, tema desta pesquisa, surgiu a partir da recorrência do uso desse cenário em filmes e séries de que gosto de assistir e em desfiles de moda que tenho por hábito acompanhar e prestigiar.

O objetivo geral deste trabalho é aproximar as pessoas, especialmente o público jovem, do conceito de Moda Pós-Apocalíptica (MPA), descrever as características que a definem e destacar os contextos que essa moda influencia.

Para atingir tais objetivos, a metodologia utilizada foi analisar as propriedades que tornam um figurino pós-apocalíptico, a partir de um estudo bibliográfico de artigos relacionados a esse contexto e de uma entrevista exclusiva com o figurinista Dimitri Zaitsev, da Nuclear Snail

Studios, realizada em maio de 2017, além da análise de algumas de suas criações. Portanto, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Os artigos selecionados e lidos para este trabalho estavam, em sua maioria, na língua inglesa, pois o Brasil ainda não é considerado uma referência nessa temática e há pouca bibliografia sobre MPA.

Nosso entrevistado, Dimitri Zaitsev, nasceu na Rússia, em 1985, e atualmente mora na Alemanha. Ele gentilmente aceitou participar desta pesquisa, por meio de uma entrevista via *webcam* (Facebook), colaborando com seu conhecimento, adquirido ao longo de 15 anos de experiência com a produção de figurinos de MPA.

Para a realização da entrevista em maio com Dimitri Zaitsev foi utilizado um questionário com perguntas abertas em inglês e aqui traduzidas ao português (apêndice A), que foram gravadas por meio de um *software* de gravação de tela (NCH Suite's *Debut Video Capture Software*) e transcritas posteriormente. Nem todas as respostas da entrevista foram utilizadas neste trabalho, somente aquelas necessárias ao cumprimento dos nossos objetivos. Antes da entrevista, nosso colaborador foi informado do uso dos dados coletados por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (apêndice B).

Este trabalho foi dividido em seis partes. A primeira parte trata do referencial teórico sobre o termo “pós-apocalíptico” que apresenta um pequeno histórico e os contextos que a MPA influenciou. A segunda parte apresenta o ambiente e a vestimenta mais adequada para sobreviver em lugares inóspitos, e a terceira, os diferentes acessórios que protegem membros superiores e posteriores. Na quarta parte apresentamos uma descrição e análise de figurinos de Dimitri Zaitsev e trechos de sua entrevista, na quinta etapa, as considerações finais e finalmente as referências.

A seguir, apresento as concepções teóricas sobre o termo “pós-apocalipse” que influenciaram o mundo do cinema e, consequentemente, da moda contemporânea, além dos eventos que podem causar um “apocalipse”.

2 PÓS-APOCALIPSE

O termo “apocalipse” diz respeito à produção de situações de caos. O evento em si pode ter diversas causas: de ordem climática, causada por mudanças extremas no ambiente; de ordem natural, provocada pelo impacto de um meteoro; de ordem política, iniciada pelo homem, como as guerras nucleares e químicas ou de ordem fictícia, após a invasão de zumbis e alienígenas.

Assim, o período de tempo imediatamente após uma catástrofe apocalíptica é que dá origem ao termo “pós-apocalíptico”. Pós-apocalipse também é um subgênero da ficção científica em que a civilização do planeta Terra se encontra em colapso. Nesta perspectiva, é importante saber lidar com as consequências desse evento, por isso, o foco está nas dificuldades físicas ou psicológicas dos sobreviventes, na maneira de manter a raça humana viva e na existência de uma civilização pós-catástrofe que foi esquecida.

As histórias “pós-apocalípticas” geralmente se desenvolvem em um mundo futuro em que apenas alguns elementos dispersos da sociedade permaneceram vivos. Sociedades antigas, como a babilônica e a judaica, produziram bastante literatura do gênero apocalíptico que descreviam o fim do mundo e da raça humana, como a *Epopéia de Gilgamesh*, escrita por volta do segundo milênio antes de Cristo.

Os romances apocalípticos modernos existem desde o primeiro quarto do século 19, quando *O Último Homem*, de Mary Shelley (1826) foi publicado (apud BOOKER; THOMAS, 2009). No entanto, este gênero da literatura ganhou popularidade após a Segunda Guerra Mundial, momento em que a possibilidade de aniquilação global, por meio de armas nucleares, tornou-se um fato inerente à população mundial.

Em 1911 o filme *The Diver* e, na sequência, *The Terminator* (1984), *The Matrix* (1999), *The Hunger Games* (2012), *Divergent* (2014), *Mad Max: Fury Road* (2015), entre outros, tornaram o mundo distópi-

co¹ uma fonte de inspiração para a indústria da moda. Para combinar com as tramas sombrias e sem esperança dos filmes, que buscam derrubar um sistema político corrupto ou sobreviver a um evento apocalíptico, os editoriais de moda têm retomado a concepção de moda militar, utilizando matizes de cores mais escuras e materiais com resistência climática (SABAN, 2014).

Após a decorrência de um evento apocalíptico que provoque mudanças drásticas no ambiente e no modo de vida da sociedade ou dos sobreviventes é necessária uma adaptação rápida. A adaptação a um ambiente inóspito foi a grande inspiração para a chamada MPA que ganhou as passarelas do mundo. Nessa perspectiva, a MPA tem como principal função aumentar significativamente as chances de sobrevivência.

A fim de que os profissionais do segmento da MPA desenvolvam uma vestimenta adequada é preciso considerar, inicialmente, o tipo de evento que causou o apocalipse. Embora alguns desses eventos sejam de um nível imaginário ou possam se misturar e fazer parte de uma mesma categoria, é possível apresentar uma divisão segundo Anders (2014) e Saathoff (2013).

- Invasão alienígena – aliens ou guerra com espécies extraterrestres.
- Evento de impacto - impacto com corpos celestes (meteoros, asteroides, planetas, etc.).
- Doenças - pandemias ou pestes.
- Zumbis - humanos infectados ou cadáveres reanimados que atacam os humanos vivos ou que não estão infectados.
- Catástrofes ecológicas – uma nova era do gelo, superaquecimento da terra, poluição global que torne o planeta inabitável para o ser humano.

1 Distopia é um pensamento filosófico que caracteriza uma sociedade imaginária controlada pelo Estado ou por outros meios extremos de opressão, criando condições de vida insuportáveis aos indivíduos (Fonte: <https://www.significados.com.br/distopia/>).

- Colapso do futuro - após a queda ou o colapso de alguma civilização espacial futura.
- Declínio humano - o declínio ou extinção da raça humana pela falta de reprodução.
- Sobrenatural - humanos biologicamente alterados como vampiros, colosso, seres sobrenaturais, demônios.
- Sol - sol expansivo ou moribundo.
- Colapso social – problemas econômicos gerados por uma superpopulação, terras inférteis, falta de produção, de energia ou escassez de água.
- Ficção escatológica/religiosa – apocalipse Maia e Bíblico.
- Tecnologia/Revolta cibernética - guerras apocalípticas entre humanos e tecnologia, com a revolução de robôs e computadores, etc.
- Ataques de *cyberwarfare* – guerras provocadas por vírus de computador ou *malware*, etc.
- III Guerra Mundial – um novo holocausto nuclear global e outras guerras apocalípticas entre humanos.
- Não especificado - após algum apocalipse cuja natureza não é especificada.

3 O AMBIENTE E A VESTIMENTA MAIS ADEQUADA

O ambiente em que circulam as pessoas é outro fator essencial a ser considerado para o desenvolvimento de uma vestimenta adequada à MPA. Este pode ser urbano ou suburbano, rural, desértico, marítimo ou ainda regiões de matas e montanhas (SWICK, 2013). Ao definir o tipo de evento e o ambiente há condições de prever padrões de temperatura e níveis de poluição, e assim, definir tecidos, roupas, cores que ajudem na camuflagem, materiais e acessórios que podem determinar a sobrevivência das pessoas.

Para Adams (2016), um exemplo do que não vestir em uma nova era do gelo são roupas feitas de algodão, pois este é um material bastante

isolante e absorvente, ou seja, o algodão faz seu usuário transpirar, o suor demora a secar e pode ser congelado pelas baixas temperaturas, causando hipotermia e morte.

Macwelch (2015) destaca a importância do uso do poliéster, um tecido resistente que pode esticar facilmente, auxiliando na movimentação, ideal para uma situação em que é necessário correr. Já a lã é um material altamente isolante, respirável e bastante resistente, portanto uma boa escolha para áreas montanhosas ou com tendências a temperaturas muito baixas. Os tecidos confeccionados a partir de fibra de carbono possuem características muito úteis, como resistência ao fogo e alta durabilidade.

Para resistir a um ambiente “pós-apocalíptico” é preciso uma proteção adequada dos membros superiores do corpo, como o uso de várias camadas de roupas com tecidos diferentes. Nesta perspectiva segue a criação dos figurinos de MPA. De acordo com Pinola (2015), a primeira camada inicia com uma camiseta à base de material sintético para absorver secreções e manter o usuário fresco. Já a segunda camada deve ser de um material ainda absorvente, a melhor opção seria a lã. A terceira camada é opcional, para climas mais frios opta-se pelo uso de jaquetas com *zippers* ou velcro, pois são fáceis de remover. E ainda é possível uma quarta camada, preferencialmente, com materiais à prova d'água.

Para proteger os membros posteriores o ideal é fazer uso de calças resistentes ao clima, de alta durabilidade, facilidade de movimento e com muitos bolsos para armazenamento estratégico de carga ou alimentos.

Além das características já citadas, de acordo com Deleon (2013) e Pantenburg (2017), também são importantes os materiais com resistência às substâncias químicas e com facilidade de secagem, ou seja, pouca retenção de água, leveza e de fácil camuflagem.

4 OS ACESSÓRIOS

Os acessórios são de extrema importância para MPA e complementam o figurino com funções específicas. Para situações de guerras envolvendo apenas humanos, pode-se inferir que a melhor escolha seriam os coletes à prova de balas. Em incidentes nucleares, o ideal seriam materiais e acessórios que protejam contra radiação, como os macacões com capuz, pois são projetados para minimizar a penetração de materiais radioativos e manter o mínimo de contato com a pele, as roupas e os cabelos.

Os bonés confeccionados com materiais mais leves protegem do sol, a touca, do clima mais frio, e o capacete pode proteger o crânio de vários agentes externos, principalmente de impactos. A bandana, muito popular entre *preppers*², atua como um acessório para o cabelo ou pescoço, absorve o suor do usuário, protege da poeira e pode ser utilizada como curativo reserva, em situações de emergência e na falta de recursos médicos.

Para sobreviver a um evento pós-apocalíptico é importante manter a visão intacta, pois ela auxilia na detecção de várias ameaças. Para isso, a proteção dos olhos pode ser mantida com o uso de óculos e de máscaras de solda ou de oxigênio. Esses acessórios são recomendados em situações com luminosidade intensa, radiação (infravermelha e ultravioleta), partículas suspensas no ar e riscos provocados por origens térmicas (BRASIL, 2010). Além destes, existem os acessórios para proteger a audição, como tampões auriculares ou aquecedores/protetores de orelha.

Outras opções de acessórios para evitar ferimentos no corpo são o uso de luvas, mangas, braçadeiras, cotoveleiras, ombreiras e dedeiras, além de meias, pochetes, joelheiras, caneleiras e os cinturões do tipo trava-queda para proteção contra quedas de diferentes níveis (HENAUT,

2 Definido por Simpson (2013) como “qualquer um que tenha observado a história recente e os desastres recorrentes (tanto naturais como causados pelo homem) que resultaram em casulações maciças e/ou perda de vidas, e em consideração das lições aprendidas... toma medidas apropriadas para lidar e/ou sobreviver com quaisquer eventos que possam ocorrer em seu ambiente”.

2013). Também é indispensável o uso de sapatos adequados ou botas de caminhada que têm resistência à água.

O fator sobrevivência exige que utilizemos o máximo dos recursos disponíveis. Em uma situação em que não seja possível comprar alimento no mercado ou ir ao médico quando se está doente, é necessário tomar decisões pensando a longo prazo. Para isso, é preciso ter uma alta capacidade de armazenamento, e a melhor opção são as mochilas que mesmo cheias não causem danos à postura (ADAMS, 2016).

Para o desenvolvimento de um figurino de MPA, é preciso considerar os tipos de eventos e o ambiente em que as pessoas precisam se deslocar e sobreviver e, assim, realizar as escolhas mais adequadas. Com esse intuito, a seguir, descrevo três figurinos produzidos pelo *design* de moda russo Dimitri Zaitsev e, posteriormente, analiso os materiais e acessórios utilizados em sua composição.

A seguir, a descrição das fotos de MPA e sua análise a partir de suas características funcionais.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste tópico, apresento três figurinos de MPA que foram escolhidos de maneira aleatória entre as diversas possibilidades que a produção de Dimitri Zaitsev oferece. Além das fotos, de períodos diferentes de sua obra, também apresento trechos da entrevista que descrevem a criação dos seus modelos e suas fontes de inspiração, a fim de observar se estão em consonância com a teoria descrita.

É importante destacar que a análise realizada neste trabalho segue o caminho inverso do artista que produz um figurino de MPA, ou seja, um figurinista normalmente pensa primeiro no contexto. Nessa perspectiva, são analisados o tipo de evento apocalíptico que irá ocorrer, o ambiente em que as pessoas precisam sobreviver e o tipo de ameaças que irão enfrentar, para depois criar o figurino condizente com as necessidades. No caso de produções cinematográficas, o roteiro contempla

essas informações. No entanto, para editoriais ou desfiles, as informações são obtidas ou geradas pelo próprio figurinista ou pela indústria da moda interessada nos modelos.

Nesta pesquisa estou partindo de um figurino acabado, portanto a análise se baseia na observação, descrevendo os tipos de tecidos e acessórios utilizados e destacando as características funcionais da roupa, além dos ambientes em que ela poderia ser utilizada, para finalmente, propor um possível evento apocalíptico.

Durante a entrevista com Dimitri observa-se uma evolução do artista, em primeiro lugar profissional, pois de uma carreira de fotógrafo e editor passou a figurinista. Em segundo, na criação das roupas que deixam de ser fantasias, provavelmente mais chamativas e pouco úteis caso fossem pensadas para um ambiente pós-apocalíptico, o que demonstra a importância que tem a funcionalidade nesse tipo de roupas.

Em T1 é possível constatar que Dimitri iniciou:

[T1] como fotógrafo e editor e a partir daí comecei a criar... no começo, eu usava materiais muito pesados, fazendo que as roupas ficassem mais exageradas, com uma aparência de fantasia, ficavam muito grandes, principalmente os ombros.

A seguir apresento a figura 1, trata-se de uma obra do conceituado fotógrafo canadense hiperrealista Benjamin Von Wong e foi realizada para uma campanha contra a poluição do ar. No início de 2016, Benjamin acessou um *website* que vendia oxigênio engarrafado para cidades poluídas na China, além disso, descobriu que sua antiga escola, no Canadá, havia adotado uma tecnologia para filtrar o ar nas salas de aula. Estes fatos inspiraram um ensaio fotográfico realizado na Alemanha, em frente ao museu “Ferroópolis”, uma antiga mina de carvão. O projeto do ensaio fotográfico foi desenvolvido com o apoio de outros fotógrafos e de participantes do grupo *Wasteland Warriors*, como a modelo Elisabeth Krings e Dimitri Zaitsev, que produziu o figurino (JOHNSON, 2017).

Figura 1 – Ambiente contaminado

Fonte: https://scontent.fgyn2-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/18814307_1350661805019286_8816431865383058275_n.jpg?oh=9f507aec000bf9e2dfd4ce0b93e0d48f&oe=5A9D3C92

A figura 1 apresenta a modelo fazendo uso de uma máscara respiratória conectada por um tubo a uma garrafa, cujo rótulo indica que contém oxigênio. No ombro direito, um acessório que aparenta ser uma bandoleira para armazenar balas e carregar armas de fogo. Caso o contexto em que foi produzido o figurino (uma campanha publicitária) não fosse de conhecimento, aliado à tonalidade escura da foto, indicando a falta da luz solar, e aos demais acessórios, seria possível inferir um ambiente com bastante violência, obrigando a necessidade de uso de armas para defender o oxigênio escasso. No entanto, não há problemas com radiação ou substâncias químicas, pois o figurino não utiliza acessórios que protejam os olhos, nem luvas para as mãos, conforme Brasil (2010).

O figurino de Dimitri Zaitsev é inspirado nos *preppers* americanos, especificamente, no uso de um capuz que indica que a pessoa não quer

ser identificada. Neste sentido, demonstra-se a necessidade de manter o anonimato protegendo a cabeça. De acordo com Swick (2013), o figurino de MPA apresentado na figura 1 seria específico de um ambiente urbano ou suburbano definido pelo tipo de roupas que ajudem na camuflagem.

Finalmente, o que é possível observar na figura 1, segundo Anders (2014) e Saathoff (2013), é que retrata um evento apocalíptico causado por alguma catástrofe ecológica provocando poluição global no planeta, podendo ser fatal a qualquer ser humano.

A figura 2 foi produzida por Dimitri Zaitsev, inicialmente com a intenção de dar as boas-vindas à modelo e irmã Svetlana Zaitsev, que vive no Canadá, e estava a passeio na Alemanha, onde reside Dimitri. A foto também foi publicada em seu *website* que divulga a empresa Nuclear Snail Studios, especializada em MPA.

Figura 2 - Situação de combate



Fonte: <http://characterdesigninspiration.tumblr.com/post/145112313225/post-apocalyptic-costuming-by-dimitiri-zaitsev-of>

A figura 2 retrata um cenário de clima frio pelo uso de vestimentas bastante pesadas, provavelmente utilizando diversas camadas (PINOLA, 2015). A ideia de que a temperatura do ambiente é baixa está demonstrada no uso da touca, cachecol, luvas e na calça da modelo, longa e de tecido grosso. No entanto, não se trata de uma temperatura permanente, possivelmente no período noturno. É provável que o material utilizado não possua algodão em sua confecção, pois, segundo Adams (2016), o algodão é absorvente e demora a secar, podendo congelar e causar hipotermia. Neste caso, para locais com temperaturas baixas, o mais indicado seria a lã (MACWELCH, 2015).

Os óculos escuros demonstram a necessidade de proteção para os olhos de raios ultravioleta, sinal de que o sol é forte no local fictício em que a figura 2 foi produzida. Em conformidade com Henaut (2013), o uso da arma de fogo e das joelheiras demonstra situações de combate e a necessidade de proteger os membros inferiores de ambientes inóspitos, como montanhas com terreno acidentado ou cidades em ruínas onde há muitos escombros.

Os eventos apocalípticos que causaram a necessidade desse figurino, conforme Anders (2014) e Saathoff (2013), podem ser diversos, como um possível ataque alienígena, uma guerra ou, ainda, causado por uma catástrofe ecológica.

Figura 3 - Lugar hostil



Fonte: <https://www.facebook.com/nuclear.snail/photos/a.481689115249897.1073741833.481666775252131/508269415925200/?type=3 &theter>

A figura 3 foi originalmente criada durante a filmagem do curta-metragem *Red Morning*, em 2012, para o *website composite-reality.com*, mas que atualmente não está mais disponível. Essa figura retrata um cenário de clima frio e com neve, indicando temperaturas mais extremas que as da figura 2.

Observa-se que há o uso de vestimentas bastante pesadas, com mais de uma camada que inclui, na camada exterior, a jaqueta com *zipper* para facilitar a remoção e que em temperaturas abaixo de zero torna-se indispensável à sobrevivência. E, na camada interior próxima ao corpo, roupas de lã para manter-se aquecido. Embora não seja possível afirmar a existência da segunda camada, é fácil imaginar essa possibilidade, uma vez que apenas a jaqueta não seria proteção suficiente contra as baixas temperaturas do ambiente, conforme explica Pinola (2015).

O uso de uma bandana demonstra o propósito claro desse acessório que protege o pescoço e o rosto do vento frio. As luvas e cotoveleiras protegem os membros superiores da vegetação e do perigo de ferimentos (HENAUT, 2013). Por último, a arma de fogo e o facão na cintura podem indicar situações de combate com necessidade de se proteger contra o ataque hostil de pessoas e animais ou, ainda, o uso do facão como ferramenta para cortar galhos, abrir caminhos e manusear os alimentos.

A explicação mais plausível de como pode ter sido causado o apocalipse retratado na figura 3 seria uma catástrofe ecológica que inicie uma nova era do gelo, em consonância com Anders (2014) e Saathoff (2013), demonstrado pelo foco excessivo na baixa temperatura do ambiente.

Durante a entrevista, Dimitri fala sobre sua inspiração e as figuras 1, 2 e 3 revelam essa bagagem:

[T2] a inspiração veio de coisas que vi e adorava quando criança e ainda gosto, como, por exemplo, uniformes militares, especialmente do exército alemão dos anos 70 e 80... Tive

que reutilizar tudo, improvisar bastante... É tudo isso mais a cultura dos filmes distópicos dos anos 80 e 90 e videogames.

As características de roupas do exército alemão se mostram evidentes, pois a roupa do exército tem uma finalidade semelhante à da MPA. As roupas e acessórios possuem cores neutras que facilmente camuflam ou escondem seus usuários em diversos ambientes, lembram uniformes utilizados por militares, uma vez que estes são preparados para sobreviver em lugares inóspitos, portanto a MPA também leva em consideração toda a experiência desse segmento. Para Dimitri, uma situação verdadeira causada por uma catástrofe exigiria a figura de um *Gray man*, ou seja, um termo de sobrevivência... um modo de se vestir e se comportar que torna a pessoa quase invisível.

Ao final da entrevista com Dimitri ele nos revela uma mudança nos seus figurinos que contrastam com o início de sua obra, ao dizer que:

[T3] ao longo do tempo é que eu coloquei conforto como prioridade, ficaram menos quentes, incomodam menos, menos inconvenientes e têm mais mobilidade... Minhas roupas agora são mais confortáveis, parecem menos com fantasias e têm uma aparência mais realística... em uma verdadeira situação de sobrevivência, as maiores ameaças são todas aquelas coisas chatas e nojentas como doenças, pequenas lesões, insônia, desnutrição e é esse tipo de coisa que vai te matar. É preciso encontrar um equilíbrio entre mobilidade e proteção.

Após a análise dos figurinos e também de trechos da entrevista com Dimitri foi possível observar que a MPA busca criar um novo conceito utilizando roupas e acessórios que já se encontram disponíveis no mercado. Roupas e acessórios utilizados de forma isolada pelas pessoas são reaproveitados pela MPA, realizando novas combinações que mostram estilo e se diferenciam de outros segmentos da

moda. Para a MPA, o essencial deixa de ser apenas a estética para dar ênfase à funcionalidade e adaptação a novos ambientes levando em conta possíveis desastres de grandes proporções que comprometam a sobrevivência humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a MPA o essencial é aumentar significativamente as chances de sobrevivência após um evento catastrófico de grandes proporções que, supostamente, aniquilariam boa parte da população do planeta. Nessa perspectiva, os profissionais que trabalham com moda precisam conhecer todos os efeitos de um evento apocalíptico, com o intuito de determinar a vestimenta adequada para obter o máximo de vantagem em um novo ambiente.

O objetivo geral deste trabalho era apresentar a MPA, suas características, aproximá-la das pessoas e destacar os contextos que essa moda influencia, uma vez que se trata de um conceito de moda bastante diferenciado e pouco explorado no Brasil. Assim, foi possível demonstrar que a MPA se encontra cada vez mais visível em filmes, nas passarelas, em jogos de videogames e no guarda-roupa de muitas pessoas que gostam de usar uma combinação de botinas, jaquetas, bandanas e outros acessórios.

Durante o percurso foram várias as limitações, entre elas, a dificuldade de encontrar referências sobre a temática e até artistas que trabalhem com a MPA no Brasil, o que explica meu interesse pelo figurinista Dimitri. No futuro pretendo produzir um pequeno documentário contendo parte do meu estudo e ainda investigar por que a MPA tornou-se tão popular em alguns países como os Estados Unidos e na Europa Ocidental, no entanto, é pouco divulgada no Brasil e no restante do mundo, especificamente, observar se existem preconceitos ou estereótipos ligados a esse segmento da moda.

REFERÊNCIAS

ADAMS, D. **How To Dress For Survival**. 2016. Disponível em: <<https://blog.survivalfrog.com/dress-survival/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

ANDERS, C. J. **The 10 Types Of Fictional Apolypsyes (And What They Mean)**. 2014. Disponível em: <<http://io9.gizmodo.com/10-types-of-fictional-apocalypsyes-and-what-they-mean-1643403076>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

BOOKER, M. K.; THOMAS, A. M. **The Science Fiction Handbook**. John Wiley & Sons Ltd: West Sussex, 2009.

BRASIL. **Lista de equipamentos de proteção individual**. Norma regulamentadora 6. Anexo 1. 2010. Disponível em: <http://www.guia-trabalhista.com.br/legislacao/nr/nr6_anexoI.htm>. Acesso em: 26 set. 2017.

DELEON, J. **What to Wear to Survive the Apocalypse**. 2013. Disponível em: <<http://www.complex.com/style/2013/06/apocalypse-survival-style-guide/>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

HENAUT, M. **Deslizamento de Terra**. 2013. Disponível em: <http://pop.cbmerj.rj.gov.br/arquivos/II_10_Deslizamento_de_Terra_AN.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

JOHNSON, A. **Benjamin Von Wong Takes Aim At Coal Pollution With Post-Apocalyptic Photo Shoot**. 2017. Disponível em: <<https://www.dpreview.com/news/0809903072/benjamin-von-wong-takes-aim-at-coal-pollution-with-post-apocalyptic-photo-shoot>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MACWELCH, T. **What to Wear: be prepared for a survival situation with these 5 clothing tips**. 2015. Disponível em: <<http://www.outdoor-life.com/blogs/survivalist/what-wear-be-prepared-survival-situation-these-5-clothing-tips>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

PANTENBURG, L. **Know Which Fabrics Make The Best Survival Clothing**. 2017. Disponível em: <<https://survivalcommonsense.com/best-winter-clothing-fabrics/>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

PINOLA, M. **The Three Layers You Need To Stay Warm In Freezing Winter**. 2015. Disponível em: <<https://lifehacker.com/the-three-layers-you-need-to-stay-warm-in-freezing-wint-1686545193>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

SAATHOFF, E. **Choose Your Own Apocalypse**: 10 ways the world has ended in movies. 2013. Disponível em: <<http://screencrush.com/worlds-end-movies/>>. Acesso em: 29 ago.2017.

SABAN, M. **From Dystopian Film Fashion To Dystopian Military Editorials**. 2014. Disponível em: <<https://www.trendhunter.com/slide-show/film-fashion>>. Acesso em: 17 set. 2017.

SHELLEY, M. **O último homem**. Henry Colburn: London, 1826.

SIMPSON, W. E. **What Is A Prepper?** 2013. Disponível em: <<http://www.theprepperjournal.com/2013/04/22/what-is-a-prepper/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

SWICK, M. **Dress to survive any environment**. 2013. Disponível em: <<http://howtosurviveit.com/dress-to-survive-any-environment/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com Dimitri

ENTREVISTA COM DIMITRI ZAITSEV

1. Poderia se apresentar?
2. Sua experiência, como começou?
3. Gostaria de saber mais sobre o que te inspira a criar e como você inicia um projeto?
4. Suas roupas, elas teriam utilidade em um cenário pós-apocalíptico verdadeiro?
5. Você acredita que essas roupas podem auxiliar na sobrevivência?
6. Você divulga suas criações apenas online e em LARPs? Ou tem outros meios de divulgação?
7. Comparado quando você começou, como você acha que sua arte mudou no passar do tempo? E de que forma?
8. Pode me dizer como roupas específicas poderiam te ajudar em um cenário pós-apocalíptico?
9. O que você pretende realizar com a sua arte?

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

CONSENT FORM

I, **Dimitri Zaitsev**, declare that I have been notified and authorize Marcela Ferraz Resende da Rocha to make use of all the data collected during my video interview for the accomplishment of her High School Completion Work, titled “Post-Apocalyptic Fashion: The Use of Clothing for Survival” And in various forms of dissemination such as seminars, scientific articles, presentations, etc. It is a research which the main goal is to approximate people to the post-apocalyptic fashion concept, specifically to describe the characteristics that define it and to highlight the contexts that this fashion influences and does not bring any type of burden to the participant.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Dimitri Zaitsev**, declaro que fui esclarecido e autorizo Marcela Ferraz Resende da Rocha a fazer uso de todos os dados coletados durante minha entrevista em vídeo para a realização de seu Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (TCEM), intitulado “Moda Pós-Apocalíptica: O uso de roupas para a sobrevivência” e em diversas formas de divulgação como seminários, artigos científicos, apresentações, etc. Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo principal aproximar as pessoas do conceito de moda pós-apocalíptica, especificamente descrever as características que a definem e destacar os contextos que essa moda influencia e não traz nenhum tipo de ônus para o participante.

Goiânia, ___ de maio de 2017.

Dimitri Zaitsev

CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA

Profa. Ms. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes
Alexssander Rogério da Silva Mata

RESUMO

O consumo de álcool na adolescência tem aumentado nos últimos anos e, embora muito se fale dos perigos e riscos que essa prática pode gerar, parece que muitos adolescentes não estão preocupados com as consequências de seus atos. A partir desse panorama, definimos o consumo de álcool na adolescência como nosso tema de pesquisa, pois percebemos a necessidade de estudar e esclarecer aspectos pouco divulgados, que não aparecem na mídia e são dificilmente discutidos no ambiente escolar ou familiar. A pesquisa foi realizada durante o ano de 2013 e teve como pergunta: Qual é a opinião dos adolescentes sobre o consumo de álcool nessa fase da vida? Para sua realização definimos como espaço uma escola pública de Educação Básica do estado de Goiás, como sujeitos, 100 adolescentes entre 14 e 18 anos (estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio) e como instrumento de coleta de dados utilizamos o questionário.

Palavras-chave: Consumo de álcool. Adolescência. Opinião de jovens.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o consumo de álcool na adolescência tem aumentado gradativamente, bem como os riscos e perigos gerados por ele. Estudos indicam que a maioria dos adolescentes entre 12 e 17 anos consomem ou já consumiram algum tipo de bebida alcoólica, desrespeitando a Lei 9.294, de 15 de julho de 1996, que proíbe o consumo para menores de 18 anos. Alguns adolescentes acabam bebendo de forma inconsequente e sem pensar em todos os problemas que podem ser resultantes de tal prática.

A partir desse panorama definimos como tema de nossa pesquisa “o consumo de álcool na adolescência”. Este tema se justifica por fazer parte do cotidiano dos adolescentes, independentemente de consumir ou não bebidas alcoólicas, pois participam de festas, de encontros, passeios e certamente o álcool está presente nesses ambientes. Além disso, é importante ressaltar a necessidade de estudar e esclarecer aspectos pouco divulgados e comentados, que não aparecem na mídia, que dificilmente são discutidos no ambiente escolar ou familiar.

Nossa pesquisa foi realizada durante o ano de 2013 e teve como objetivo geral verificar o que pensam os adolescentes sobre o consumo precoce de bebidas alcoólicas. Como objetivos específicos, apresentamos: esclarecer as terminologias relacionadas à temática de pesquisa; estudar as leis que tratam sobre o uso de álcool; organizar um breve panorama de pesquisas já publicadas; conhecer os benefícios e malefícios do consumo de álcool por adolescentes; verificar quais são as bebidas mais consumidas pelos adolescentes; identificar as razões que levam ao consumo e qual a influência da família. Nesse sentido, nosso problema de pesquisa foi: Qual é a opinião dos adolescentes sobre o consumo de álcool nessa fase da vida?

Para a realização da pesquisa definimos como espaço uma escola pública de Educação Básica do estado de Goiás e nossos sujeitos foram 100 adolescentes entre 14 e 18 anos, estudantes do 1º, 2º e 3º anos da

escola. Para a coleta de dados foi elaborado e aplicado em questionário formado por oito questões (abertas e fechadas) que pretendiam esclarecer nossos questionamentos acerca do tema.

Alguns dados importantes que apareceram durante a análise foram: a grande quantidade de adolescentes que ingere ou já ingeriu bebidas alcoólicas, o conhecimento dos riscos e danos que o álcool provoca à saúde, a influência da família, entre outros.

2 ÁLCOOL E BEBIDAS ALCOÓLICAS: TIPOS, CATEGORIAS E EFEITOS

O álcool, conhecido cientificamente como etanol, é um líquido incolor, derivado de cereais, vegetais e utilizado na produção de bebidas alcoólicas destiladas, fermentadas e compostas. Como é um líquido incolor, durante o processo de produção de bebidas alcoólicas são utilizados corantes e diluentes para que se obtenha a coloração desejada (NAVES, 2011). De forma geral, é um líquido inflamável, perigoso para o meio ambiente e para a saúde, pode causar alterações físicas e comportamentais quando usado em doses elevadas.

Conforme Naves (2011), o tipo mais comum de álcool é o etanol ou álcool etílico, que é utilizado na fermentação de açúcares (para as bebidas alcoólicas), em produtos de limpeza doméstica e como combustível para automóveis. Outro tipo é o metanol, utilizado como solvente ou como combustível de automóveis e que apresenta alta toxicidade, ou seja, não pode ser ingerido por causar danos à saúde.

O anidro é outro tipo de álcool e seu teor alcoólico é bastante elevado. Costuma ser utilizado como matéria-prima em indústrias de tintas, vernizes e solventes. Este produto é nocivo e quando inalado por tempo prolongado pode gerar algum problema ao usuário. O álcool hidratado se dá a partir de uma mistura de álcool e água. É utilizado como combustível para automóveis, produtos de limpeza e nas indústrias farmacêuticas e de bebidas.

Conforme os estudos e orientações de Naves (2011), para a utilização e ingestão de álcool é necessário que o usuário tome precauções, tais como: manter o recipiente fechado, afastado do calor, fora do alcance de crianças e que não seja inalado por período prolongado. A saúde do usuário pode ser prejudicada quando o consumo ou uso dos mais variados tipos de álcool ocorrer sem cautela.

As bebidas alcoólicas são divididas em três categorias: as destiladas, as fermentadas e as compostas. As bebidas destiladas são purificadas pelo processo de destilação, o qual consiste em separar duas ou mais substâncias. Durante esse processo, ocorre o aquecimento, a evaporação e a condensação de vapores do álcool, segundo apontam Alavarse e Carvalho (2006). Após, são combinadas as quantidades e especificidades de cada bebida apresentando um alto teor alcoólico, que varia entre 38 a 54° GL (gramas/litro). Algumas das bebidas mais conhecidas são: rum, cachaça, conhaque, tequila, uísque e vodka.

De acordo com Alavarse e Carvalho (2006), as bebidas fermentadas passam por um processo de fermentação, ou seja, pela transformação de uma substância em outra a partir da utilização de micro-organismos (fungos e bactérias), sendo definido como uma reação espontânea de um composto orgânico acompanhada de efervescência. A fermentação alcoólica ocorre com a transformação de algumas substâncias em álcool etílico e anidrido, tendo como exemplos os vinhos, os champagnes e as cervejas.

Já as bebidas compostas são feitas pelo processo de infusão, o qual ocorre por meio da extração das essências de substâncias vegetais e da adição de ingredientes específicos e característicos de cada bebida. Como exemplos de bebidas compostas, apresentamos os licores e os vermouths. Segundo estudos de Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004, p. 4), o uso contínuo e sem cautela de bebidas pertencentes a qualquer uma das três categorias apresentadas pode causar graves e variados danos à saúde.

Os prejuízos associados ao uso de álcool estendem-se ao longo da vida. Os seus efeitos repercutem na neuroquímica cerebral, em pior ajustamento social e no retardo do desenvolvimento de suas habilidades, já que um adolescente ainda está se estruturando em termos biológicos, sociais, pessoais e emocionais.

Conforme a citação, um dos órgãos atacados pelo excesso de álcool é o cérebro, o que pode levar à atrofia de várias áreas, à redução do seu fluxo sanguíneo, à perda de memória e à coordenação motora. Em estudo publicado na revista *Cuminale* (2013), afirma-se que os efeitos prejudiciais do alto consumo de álcool são verificados principalmente no cérebro, no fígado e no estômago. No fígado os ácidos graxos passam a desenvolver uma decomposição lenta que leva ao acúmulo de gordura no órgão, podendo resultar futuramente em cirrose. No estômago ocorre o aumento do suco gástrico que leva à formação de feridas, causando a gastrite.

Já no coração e no pâncreas podem ser notados benefícios quando o uso se dá com moderação. No coração aumenta o nível de colesterol e previne a formação de placas de gordura, que poderão prejudicar as artérias. No pâncreas melhora a ação da insulina, responsável por metabolizar o açúcar.

A grande concentração de álcool no organismo afeta diretamente o sistema sanguíneo, segundo explica *Cuminale* (2013). Os possíveis problemas poderão variar em cada indivíduo, sendo necessário considerar fatores como a variação da quantidade de álcool consumida, a massa corporal, o metabolismo e a quantidade de comida presente no estômago.

De modo geral, com o consumo de 99 mg/dl (miligrama por decilitro) ocorre a diminuição da inibição e da coordenação motora, acompanhadas da euforia e da sensação de calor. De 100 a 199 mg/dl já é aparente a instabilidade do humor e da atenção e os reflexos come-

çam a diminuir. Com ingestão de 200 a 299 mg/dl o usuário de bebidas alcoólicas apresenta problemas na fala, a visão fica turva, tem crises de vômito, falta de memória e de concentração. Ao ingerir de 300 a 399 mg/dl, os sintomas de anestesia e sonolência se somam aos anteriores. A partir de 400 mg/dl, os indivíduos podem apresentar problemas respiratórios e chegar à morte, conforme apontou o estudo de *Cuminale* (2013).

Após um excessivo período de consumo de álcool ocorre o que se denomina popularmente como “ressaca”, a qual se caracteriza por fortes dores de cabeça, tremores e vômitos. Esse momento acontece como reação do organismo, como forma de tentar expulsar os resquícios de álcool e seus efeitos colaterais.

Além disso, *Cuminale* (2013) afirma que o álcool também pode ser considerado como uma droga por sua forma de atuação no organismo, levando muitos de seus usuários ao vício. É necessário ter muito cuidado com a ingestão de álcool concomitantemente com outras drogas (cocaína, crack e tranquilizantes), pois pode levar à morte. O consumo contínuo e excessivo de álcool também apresenta como efeitos a perda de apetite, a impotência sexual e a irregularidade do ciclo menstrual.

3 LEI SECA (11.705/2008)

Segundo a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), nos últimos anos o consumo exagerado de bebidas tem sido responsável por 30% dos acidentes de trânsito. Outro dado alarmante é que metade dos índices de morte no trânsito tem relação com o uso de álcool por motoristas. Com base nesse panorama preocupante, surgiu a Lei 11.705/2008, com o objetivo de conscientizar e alertar a sociedade sobre os riscos da associação entre álcool e direção.

A Lei 11.705, aprovada em 19 de junho de 2008, modificou o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) e ficou conhecida como Lei Seca. Tal normativa legal proíbe o consumo de bebida alcoólica ou qualquer ou-

tra substância de teor alcoólico comprovada como superior a 0,1 mg de álcool por litro de ar no exame do bafômetro. Caso a lei seja desrespeitada, o condutor pode ficar sujeito à multa, suspensão da CNH (Carteira Nacional de Habilitação) por 12 meses e pena de prisão.

O teste do bafômetro consiste em identificar a concentração de álcool ingerido pelo indivíduo através do ar expelido pelos pulmões ao soprá-lo. Porém, este teste não é obrigatório ao motorista e esta não é a única forma de verificar os níveis de álcool no organismo. Outra forma de verificação que pode ser solicitada ao condutor suspeito de embriaguez é a realização de análise de sangue em laboratório, que comprovará ou não se ele apresenta embriaguez.

Em 16 de novembro de 2011 foram aprovadas alterações na Lei Seca e o condutor que estiver dirigindo sob efeito de qualquer nível de álcool é considerado infrator. Como o teste do bafômetro não é obrigatório, para quem se recusar a fazê-lo e apresentar sinais de embriaguez a acusação poderá ser justificada por meio de testemunhas, de vídeos ou de imagens. Além de as provas contra o condutor terem sido ampliadas, a multa, que era de R\$ 957,70, passou a ser de R\$ 1.915,40 e, em caso de reincidência, o valor cobrado é dobrado (R\$ 3.830,80).

Embora as normas brasileiras tenham sofrido mudanças mais rígidas na tentativa de evitar ao máximo a imprudência no trânsito, muitos motoristas insistem em misturar álcool e direção, aumentando dia a dia os índices de acidentes relacionados diretamente ao consumo de álcool.

4 ÁLCOOL E ADOLESCÊNCIA: MISTURA PERIGOSA

O consumo de álcool na adolescência está se tornando um problema cada vez maior, pois, enquanto a Lei 9.294, de 15 de julho de 1996, proíbe a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos, alguns estabelecimentos comerciais continuam oferecendo indiscriminadamente esse produto. Também falta conscientização por parte dos

jovens e de adultos que auxiliam a burlar as leis quando acreditam ser “necessário”.

Nesse sentido, um estudo publicado por Micheli e Formigoni (2001), realizado com 213 adolescentes brasileiros, mostra o intenso crescimento no uso e/ou dependência do álcool na classe média-baixa. Outro dado importante é que em domicílios com a presença somente da mãe as chances passariam a ser de 22 vezes maiores em comparação com domicílios com ambos os pais. Segundo os pesquisadores, esses dados refletem os traumas familiares, as separações, as brigas e as agressões ocorridas no ambiente familiar e que são fatores que influenciam na entrada dos adolescentes no consumo de álcool e outros tipos de drogas.

De acordo com Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004), em estudos que tratam sobre a influência de comerciais de bebidas alcoólicas na vida dos jovens, é comum constatar-se que mesmo com uma grande variedade de produtos no mercado a quantidade/frequência de anúncios de bebidas alcoólicas supera os demais. Dentre os temas mais comuns apresentados nos comerciais estão o relaxamento e o bom humor que a bebida proporciona, o ser “popular” e para os meninos o “se dar bem” com as meninas, temas que vão ao encontro das expectativas desses jovens. Como a mente dos adolescentes está em processo constante de desenvolvimento, a mídia acaba levando vantagem e influenciando efetivamente no consumo precoce de álcool.

Atualmente, percebe-se uma movimentação entre órgãos e grupos que tentam incentivar e apoiar o consumo responsável de álcool, como é o caso do website da Companhia Brasileira de Bebidas (Ambev), o qual promove campanhas que têm como objetivo a moderação do consumo de álcool e a prevenção de acidentes. Outro órgão bastante empenhado é o Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) que já em outubro de 2003 definiu uma série de regras e parâmetros restritivos a propagandas de bebidas alcoólicas. Dentre elas, é pertinente citar a proibição de pessoas menores de 25

anos atuando em comerciais destes produtos, restrição no abuso do consumo, utilização de menções sobre “beber com moderação” e “se beber não dirija”.

Após essas iniciativas, uma pesquisa realizada por Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) com 950 adolescentes da população de Porto Alegre indicou que 71% deles, com faixa etária entre 10 e 18 anos, já tinham experimentado algum tipo de bebida alcoólica, e aos 18 anos esse percentual chegou a quase 100%. Comparando por sexo/gênero, foi constatado que os meninos começavam a beber geralmente fora de casa, com grupos de amigos e mais precocemente, já as meninas iniciavam o consumo de álcool no contexto familiar.

Embora muitos adolescentes acreditem que o consumo de álcool não é prejudicial e não leva a graves consequências, estudos comprovam que os tipos de problemas ou danos deste consumo em adolescentes e em adultos são bem diferentes. São etapas de crescimento e desenvolvimento que apresentam especificidades e não podem ser utilizadas como forma de comparação.

O uso de álcool na adolescência expõe o indivíduo a um maior risco de dependência química na idade adulta, sendo um dos principais preditores de uso de álcool nesta etapa da vida. A manutenção do consumo em idade adulta pode ocorrer por diferentes fatores. O uso de álcool na adolescência pode ser apenas um marcador do uso de álcool na idade adulta ou, então, pode interferir na neuroquímica cerebral, ainda em desenvolvimento na adolescência. (PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004, p. 4).

Assim, ao beber regularmente, os adolescentes acabam gerando grandes possibilidades de se transformar em um adulto alcoólatra, de se envolver mais facilmente em acidentes automobilísticos e de entrar para as estatísticas: álcool e direção é a principal causa de morte de jovens entre 16 e 20 anos. Além dos riscos entre a mistura álcool e direção tam-

bém estão outros que raramente são mencionados ou discutidos, como apontam Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004, p. 4):

Estar alcoolizado aumenta a chance de violência sexual, tanto para o agressor quando para a vítima. Da mesma forma, estando intoxicado, o adolescente envolve-se mais em atividades sexuais sem proteção, com maior exposição às doenças sexualmente transmissíveis, como ao vírus HIV, e maior exposição à gravidez. A ligação entre sexo desprotegido e uso de álcool parece ser afetada pela quantidade de álcool consumida, interferindo na elaboração do juízo crítico.

O consumo de álcool na adolescência também pode aumentar o déficit de memória, dificultando o desenvolvimento do processo de aprendizagem e da formação integral dos adolescentes. Isso gera queda no rendimento escolar, reduz a autoestima, desmotiva, dificulta a interação e integração no contexto escolar, familiar e social. Claramente, não traz benefícios para a vida dos jovens.

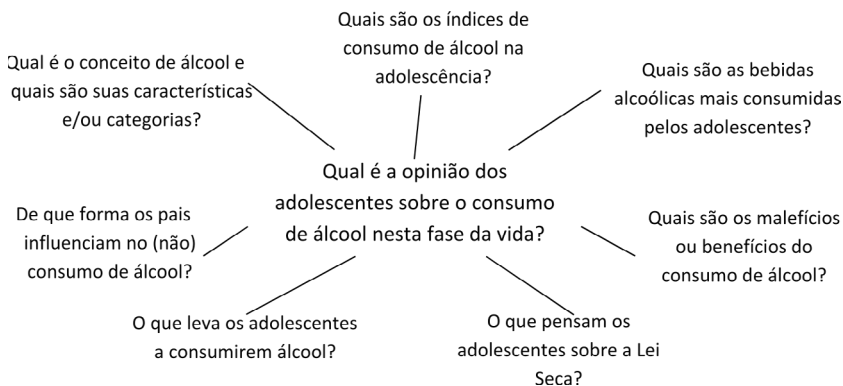
5 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa foram necessárias as seguintes etapas: definição da problemática e elaboração do mapa conceitual; organização das temáticas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa; seleção de artigos, reportagens, textos informativos e explicativos em sites, livros e revistas; leitura e redação inicial do referencial teórico; definição do espaço e dos sujeitos de pesquisa; elaboração e aplicação de questionário; sistematização dos dados coletados; e redação final.

A primeira etapa da pesquisa foi definir a problemática do estudo e elaborar o mapa conceitual. Selecionamos o tema “consumo de álcool na adolescência” e elaboramos a pergunta de pesquisa: Qual é a opinião dos adolescentes sobre o consumo de álcool nesta fase da vida? Para res-

ponder ao nosso problema de pesquisa, elaborar outros questionamentos que se relacionam diretamente ao tema. Desta forma, apresentamos nosso mapa conceitual:

Fluxograma 1 - Mapa Conceitual



Fonte: Elaborado pelo autor.

O espaço definido para a realização da pesquisa foi uma escola pública de Educação Básica situada na cidade de Goiânia-GO. Os sujeitos selecionados foram estudantes de seis turmas de Ensino Médio, totalizando 100 informantes. Os sujeitos são apresentados na discussão a partir da sigla “S” (correspondente a sujeito) e de um “número” (definido aleatoriamente durante a leitura e análise dos dados). Já o espaço foi representado pela sigla “EEB”.

Como instrumento de pesquisa optamos pelo questionário. Ele está formado por oito questões, sendo uma fechada/objetiva e sete abertas/subjetivas. Entendemos que as questões do tipo abertas/subjetivas atendem de forma mais eficaz ao nosso objetivo por abrir espaço para opinião dos nossos sujeitos de pesquisa. Após a elaboração das questões, as quais estão diretamente relacionadas ao mapa conceitual, organizamos um cronograma de aplicação e demos início à coleta de dados. Juntamente com o questionário, entregamos aos alunos um termo de

consentimento com a apresentação do pesquisador e dos objetivos de pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados, iniciamos a leitura e sistematização de cada questão. Para facilitar o entendimento das questões e os resultados obtidos, apresentamos cada uma separadamente e com sua respectiva discussão.

Questão 1: Qual a sua idade e sexo?

A partir dos dados coletados verificamos que nossos sujeitos de pesquisas estão na faixa etária que compreende entre 14 e 18 anos. Destes, 2 com 14 anos, 12 com 15 anos, 30 com 16 anos, 51 com 17 anos, e 5 com 18 anos. Os adolescentes com 14 anos são mulheres, com 15 anos são 11 mulheres e apenas 1 homem, com 16 anos são 15 mulheres e 15 homens, com 17 anos são 33 mulheres e 18 homens e os adolescentes com 18 anos são 3 mulheres e 2 são homens. Constatamos que nesse grupo de estudantes de Ensino Médio da EEB pesquisada há maior presença do sexo feminino (62 mulheres).

Questão 2: Você já consumiu algum tipo de bebida alcoólica?

Nessa questão pretendíamos verificar simplesmente se os adolescentes pesquisados já haviam ingerido bebidas alcoólicas. A questão era fechada, constando somente de duas respostas possíveis: sim ou não.

Os dados coletados indicam que dos 100 adolescentes 72 já consumiram algum tipo de bebida alcoólica, enquanto 28 deles afirmam não ter ingerido álcool. Dentre os 72 adolescentes que já consumiram bebidas alcoólicas estão as 3 mulheres e os 2 homens com 18 anos (idade mínima permitida por lei para o consumo de álcool), 29 mulheres e 11 homens na faixa de 17 anos, 9 mulheres e 8 homens com 16 anos, 8 mulheres e 1 homem com 15 anos, 1 mulher com 14 anos.

A partir destes dados, constatamos que a maioria dos jovens pesquisados já havia ingerido álcool e que o seu consumo está entrando cada vez mais cedo em suas vidas. Estes resultados são similares aos do estudo de Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004), no qual 71% dos sujeitos até 18 anos consumiam álcool. Fica claro que os adolescentes não respeitam as normativas legais para o consumo de álcool e que certamente não encontram problemas para comprar as bebidas alcoólicas.

Questão 3: Em caso de resposta positiva, qual foi a bebida e o que motivou seu consumo?

Essa questão tem a finalidade de saber quais são as bebidas mais consumidas pelos adolescentes e o que os levou a consumi-las. Averiguamos que 46 já haviam ingerido vodka, 43, cerveja, 22, vinho, 18, uísque, 7, pinga/cachaça. Também apareceram em menor número bebidas como: tequila, catuaba, caipirinha, rum e champanhe.

Os adolescentes pesquisados relataram que a influência para o consumo de álcool vem de vários aspectos, tais como: curiosidade em experimentar, saber como é, qual é o gosto (25 respostas), oferta dos amigos (18), estar em festas e querer se soltar, participar do grupo (9), por vontade própria (5) e por oferta da família (4).

Estes adolescentes estão ingerindo bebidas com alto teor alcoólico e mais precocemente, predominando a faixa etária anterior aos 18 anos, prática proibida por lei. O sujeito S16 respondeu: “Me motivou muitos os locais que convivi com bebidas e a sensação me atraiu”. Fica evidente a vontade de “fazer parte” do grupo, do contexto no qual se inserem, faltam conscientização dos adolescentes e entendimento sobre os prejuízos que essa escolha poderá acarretar em suas vidas.

Questão 4: Em caso de resposta negativa, o que o motiva a não consumir bebidas alcoólicas?

Com essa questão pretendíamos entender o que motiva os adolescentes a não consumirem bebidas alcoólicas. Dentre as respostas a

mais comum foi que eles não têm interesse em consumir bebidas alcoólicas (7), as experiências alheias, saber dos malefícios que o álcool traz para o organismo e ser consciente apareceram em 3 respostas, já o medo de se viciar, as lembranças de problemas ocorridos na família, por fazer mal à saúde, por ser alertado pela família e por a religião não permitir foram citados por 2 adolescentes.

A partir destes dados, podemos inferir que os adolescentes que não consomem bebidas alcoólicas apresentam essa postura por acreditaram que o álcool não trará benefícios a sua vida e são conscientes dos problemas provocados por seu consumo, conforme comenta o sujeito S81: “Saber que a bebida leva ao vício e não faz bem à saúde já me motiva a não beber”.

Lembranças negativas relacionadas a este consumo também levam os adolescentes a não ingerirem álcool, como é caso do S43: “Odeio bebidas alcoólicas porque sempre vi meu pai bebendo e não tenho boas lembranças”. Ao contrário do que defenderam Micheli e Formigoni (2001), nossos sujeitos não passaram a consumir álcool após traumas familiares, mas sim perceberam que o consumo abusivo leva a mudanças comportamentais e geram situações inadequadas.

Questão 5: Que tipo de orientação você recebe de sua família sobre o consumo de álcool?

A questão cinco busca verificar se a família influencia nas decisões dos adolescentes ao consumir (ou não) álcool e como acontecem estas possíveis conversas, intervenções ou aconselhamentos.

Verificamos que a maioria dos sujeitos recebe conselhos de seus familiares sobre como deve dar-se o consumo de álcool. Destes, 23 adolescentes responderam que são aconselhados a não consumir álcool, 14, a beber com moderação, 14 não recebem nenhum tipo de orientação sobre o tema, 11 recebem informações sobre as consequências que o consumo de álcool pode acarretar ao organismo, 6 foram orientados a ingerir bebidas alcoólicas somente a partir dos 18 anos, e os demais par-

ticipantes apresentaram outras respostas, tais como: não aceitar bebidas de estranhos, não esconder da família quando beber e que a bebida leva a um caminho sem volta.

A família tem um papel fundamental na conscientização dos jovens e os exemplos, sejam positivos ou negativos, certamente afetarão as escolhas futuras deles. A maioria dos pais destes adolescentes pareceu estar presente, fazer parte das discussões e esclarecer sobre o consumo de álcool. Por outro lado, obtivemos respostas que indicam que alguns pais aconselham seus filhos a beberem em sua presença, como é o caso do S55: “Meus pais não aceitam que eu me embriague, porém me deixam beber socialmente junto da presença deles”. Talvez esses pais acreditem que ao estar em sua presença fiscalizarão o consumo de álcool para que não seja abusivo. O problema é que ao iniciar este contato com o álcool o adolescente dificilmente se conscientizará em beber somente na presença de seus pais, conforme indicam os estudos de Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004).

Questão 6: A partir de seus conhecimentos gerais, quais são os “benefícios” ou “malefícios” do consumo constante de bebidas alcoólicas?

Nessa questão nosso objetivo foi verificar o que os adolescentes realmente sabem sobre o tema e o que entendem como benéfico ou maléfico em relação ao consumo constante de bebidas alcoólicas.

Ao analisar os dados coletados, averiguamos que em relação aos possíveis benefícios que o álcool pode trazer, a maioria dos adolescentes (46) consideraram que são inexistentes, para outros 19 o consumo de álcool faz bem para a saúde, 15 disseram que ao ingerir bebidas alcoólicas “perdem o medo”, 7 afirmaram que quando bebem se sentem mais alegres e 3 consideraram que sentem prazer ao beber.

Em relação aos malefícios, 50 adolescentes afirmaram que o consumo constante de álcool causa danos à saúde (muitos citaram a cirrose), 21 deles explicaram que ao ingerir bebidas alcoólicas as pessoas

acabam se viciando, 10 citaram o grande índice de mortes e perda dos sentidos, 6 consideraram que a embriaguez misturada à direção leva a um grande número de acidentes no trânsito e 5 disseram que os alcoólatras não conseguem se desvencilhar do problema e acabam destruindo suas famílias.

No geral, verifica-se que a maioria dos adolescentes considera que o álcool não possui benefícios, somente malefícios, contribuindo para o surgimento de várias doenças, tal como Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) comprovaram em seus estudos. Segundo os pesquisadores o consumo precoce de álcool, além de causar danos graves à saúde, aumenta os riscos de acidentes no trânsito, de relações sexuais sem proteção e sem consentimento, de abusos e de mudanças bruscas de comportamento. As questões pertinentes ao vício e problemas familiares também apareceram em ambas as pesquisas, o que nos faz inferir que embora os informantes sejam de diferentes estados suas problemáticas são muito semelhantes.

Questão 7: Você concorda com a Lei Seca? Justifique sua resposta.

Buscamos identificar nessa questão se os adolescentes estão de acordo com a Lei Seca e o que opinam sobre suas orientações e punições, já que é uma lei destinada especialmente para pessoas que consomem bebidas alcoólicas.

Com os dados coletados, avaliou-se que a maioria dos adolescentes pesquisados (49) é a favor dessa lei por acreditar que é necessário encontrar uma forma de reduzir os acidentes envolvendo condutores alcoolizados, 14 deles entendem que bebida e direção não combinam, outros 14 acham importante a rigidez na punição devido ao grande número de pessoas irresponsáveis, 13 afirmam que é necessário uma lei como esta e que a fiscalização deveria ser mais efetiva.

Um número bastante reduzido dos sujeitos pesquisados se posicionou contra a Lei Seca, dentre eles, 3 disseram que ela não é eficaz,

pois falta muita supervisão, 2 deles afirmaram que serve somente para dar multas e utilizar o dinheiro do povo e 1 adolescente respondeu que não é eficaz no controle dos adolescentes.

Verificamos que a grande maioria dos sujeitos parece estar consciente quanto aos benefícios da Lei Seca, como afirma S75: “Sim, porém esta lei não melhorou muito a situação, mas imagino que, se a punição realmente for cumprida, dada, as pessoas vão parar de dirigir embriagadas, principalmente pelos riscos”. Entretanto eles sabem que nem sempre o que está na teoria e apresentado como uma normativa legal acaba sendo cumprido na prática.

Questão 8: O que você opina sobre o consumo de álcool na adolescência?

A questão oito visa verificar o que os adolescentes pensam sobre o consumo precoce de álcool em sua faixa etária, considerando que em questões anteriores foram indicados vários riscos e problemas acarretados por tal consumo.

Nesta questão as respostas foram mais variadas, não houve tanta coincidência como nas demais. Dentre as respostas, a que mais se repetiu foi que o consumo de álcool na adolescência gera alterações negativas tanto no comportamento dos indivíduos quanto em sua saúde (23 adolescentes), 13 dos pesquisados afirmaram que os adolescentes não sabem se controlar e acabam exagerando no consumo, 12 disseram que ao ingerir bebidas alcoólicas os adolescentes acabam tendo atitudes inadequadas/erradas, 5 afirmaram que acabam perdendo a consciência de seus atos e 4 pensam que cada pessoa é livre para decidir o que é melhor para si.

Os demais participantes apresentaram respostas variadas, tais como: que beber é nojento, que não há problema algum em beber nesse período, que tem “coisas” bem mais preocupantes, que meninas acabam iniciando as atividades sexuais mais cedo e que beber é falta do que fazer. Podemos inferir que os adolescentes, de forma geral, não apre-

sentam uma opinião formada comum sobre o consumo de álcool nessa fase, pois foram apresentadas várias opiniões, algumas delas um pouco perdidas e sem contextualização.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossa pesquisa foi possível verificar que o consumo de álcool na adolescência é visto como algo comum pelos jovens. Ao perguntar sobre suas experiências com a ingestão de bebidas alcoólicas, 72 dos 100 adolescentes pesquisados assumiram que já consumiram álcool, fato bastante incoerente quando observamos que ao serem questionados sobre seus benefícios e malefícios a maioria sinalizou os problemas acarretados à saúde dos consumidores. Se os adolescentes identificam que o consumo de álcool gera danos à saúde, vicia, aumenta os riscos de acidentes no trânsito, entre outros, como justificam esse consumo?

Entendemos que essas distorções são resultantes da falta de campanhas mais específicas nas diversas mídias, esclarecimentos nas escolas e principalmente muito discernimento dentro do ambiente familiar, para que estes adolescentes consigam conscientizar-se e entender que o consumo precoce de álcool não traz nenhum benefício e não pode ser usado como desculpa para a socialização. Concluímos que, embora a maioria dos adolescentes acredite que “sabe tudo”, que tem opinião formada sobre qualquer temática e que não é necessário estudar temas polêmicos que fazem parte de seu cotidiano, na prática não é isso que se constata.

Para finalizar, ressaltamos que ao realizar esta pesquisa entendemos o quanto é complexo e ao mesmo tempo prazeroso realizar um trabalho acadêmico. Durante o desenvolvimento do estudo percebemos que ao selecionar um tema acreditamos que será possível atender a todos os nossos questionamentos, mas ao final do processo fica claro que muitas são as possibilidades de realização de novas pesquisas sobre o

assunto. Esta pesquisa foi importante para o enriquecimento do processo de aprendizagem e certamente será relevante nas próximas etapas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, G. M. A; CARVALHO, M.D.B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. **Esc Anna Nery, Rev Enferm**, dez. 2006.

BRASIL. Lei 11.705, de 19 de junho de 2008. Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11705.htm >. Acesso em: 18 ago. 2013.

CUMINALE, N. Saúde: adolescentes começam a beber cada vez mais cedo. **Revista Veja**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/adolescentes-comecam-a-beber-cada-vez-mais-cedo>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

MICHELI, D.; FORMIGONI, M. As razões para o primeiro uso de drogas e as circunstâncias familiares preveem os padrões de uso futuro? **Jornal Brasileiro de Dependência Química**, São Paulo, 2001.

NAVES, M. L. A. **Bioquímica do Álcool**. Disponível em: <<http://biobidoalcohol.blogspot.com.br/2011/01/bebidas-alcoolicas-fermentadas.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PECHANISKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCIVOLETTO, S. **Uso de álcool entre adolescentes**: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462004000500005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 jun. 2013.

TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Profa. Ms. Iris Oliveira de Carvalho
Layza Alves Correia

RESUMO

Neste trabalho realizo uma pesquisa bibliográfica sobre o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) em Crianças e Adolescentes, e ao mesmo tempo, abordo os variados transtornos mentais de maneira sintetizada, associando-os. Busco também trazer a público uma discussão sobre o TAB, tão pouco conhecido, tentando averiguar que efeito essa falta de conhecimento pode causar tanto em casa, como na escola, e ainda analisar os principais preconceitos que essas crianças e adolescentes sofrem no decorrer de toda sua vida. Percebo que a maioria desses preconceitos se deve à falta de conhecimento dos indivíduos sobre o transtorno. Retraio também a dificuldade de um diagnóstico precoce, associando com a dificuldade de aceitação familiar. A ocorrência desse transtorno está relacionada a fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicossociais, e pode ser amenizado por meio de tratamentos terapêuticos realizado por psiquiatra e psicólogo. Com este trabalho faço uma tentativa de conscientização para que não julguem de maneira equivocada quem convive com o Transtorno Afetivo Bipolar, e com isso demonstro que essas crianças e adolescentes portadores do TAB têm sentimentos e sofrem com a discriminação.

Palavras-chave: Transtorno Afetivo Bipolar. Dificuldade de diagnóstico. Possibilidades de tratamento. Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

Verificamos que o Transtorno Afetivo Bipolar em Crianças e Adolescentes, conhecido como TAB ou Transtorno Bipolar (TB), é um importante fator na sociedade, devido à alta prevalência, atingindo 5,7 milhões entre adultos, crianças e adolescentes no mundo, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015). O TAB se configura como um dos transtornos psiquiátricos mais frequentes no período da infância e adolescência, gerando uma das principais causas de encaminhamento ao serviço de saúde mental.

Para Marchi (2008), o TAB é uma psicopatologia caracterizada por graves alterações no humor e que cursa com fases de mania (períodos de humor eufórico, aumento de energia, alegria extrema) e de falta de ânimo. Portanto, esse transtorno é compreendido pela interação de fatores genéticos e ambientais, possivelmente em decorrência de traumas precoces e eventos adversos. Essas alterações podem ser revestidas ou suavizadas em alguns casos com uso de medicamentos psicoativos.

O diagnóstico psiquiátrico do Transtorno Afetivo Bipolar na criança e adolescente apresenta maior complexidade que o diagnóstico no adulto. Primeiro, porque seus problemas emocionais se expressam por meio de comportamentos desadaptados e desviantes, raramente associados pela própria criança a um sofrimento interno (BIRD; DUARTE, 2002).

Segundo, porque alguns comportamentos podem ser considerados normais em uma determinada idade, mas sugerem problemas de saúde mental em outra: sintomas como dificuldades na regulação de impulsos, dificuldade em tolerar frustração, dificuldade em sustentar a atenção, medo, dificuldades na fala não são normais em criança peque-

nas, mas podem ser indicadores de problemas de desenvolvimento em idade um pouco mais avançada (PAPOLOS; PAPOLOS, 2007).

E terceiro, porque os critérios para diagnóstico de alguns transtornos mentais na infância são derivados daqueles para adultos, e pouca atenção em pesquisa tem sido dada à validação desses critérios. Ou seja, não apenas os limites entre o normal e o patológico são menos passíveis de distinção em crianças, mas também aqueles entre um diagnóstico e outro (PERRING, 1997). Um diagnóstico competente nessa faixa etária demanda, portanto, avaliação criteriosa.

Esse tema foi escolhido porque aos meus 15 anos eu fui diagnosticada com Transtorno Afetivo Bipolar (CID-10 F-31), sintomas depressivos, ansiedade patológica e sintomas de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), além do quadro dismórfico com consequência, anorexia. Com isso, iniciei o tratamento psicoterápico e tratamento associados para a depressão e os outros transtornos. Assim, optei por esse tema para auxiliar as pessoas a entenderem melhor sobre o TAB, sem julgar os portadores como pessoas doidas, devido à falta de conhecimento.

Percebi que a falta de conhecimento acaba gerando preconceito e, assim, gostaria de auxiliar, com este estudo, o convívio do bipolar com a família também. Ainda, demonstrar que é possível ter uma vida normal com o tratamento adequado. Nesse sentido, abordar este tema no meu Trabalho de Conclusão do Ensino Médio é uma maneira de fazer com que as pessoas conheçam um pouco sobre o Transtorno Afetivo em Crianças e Adolescentes e diminuam o preconceito.

Como objetivo geral, pretendo verificar a dificuldade de diagnósticos do Transtorno Bipolar em crianças e adolescentes e falar do preconceito da sociedade. Como objetivos específicos busco analisar as oscilações de humor típicas presentes na infância e adolescência; descrever os tipos de transtornos mentais que acometem as crianças e adolescentes; e ainda levantar as possíveis causas e tratamento desse transtorno.

A partir dos objetivos obtive as perguntas que direcionaram o trabalho.

- Qual o grau de dificuldade de diagnóstico do Transtorno Afetivo Bipolar em Crianças e Adolescentes?
- Como funciona o processo de oscilações de humor nas crianças e adolescentes?
- Quais os principais transtornos mentais, mais comuns no período da infância e adolescência?
- Quais as principais causas do Transtorno Bipolar e quais os possíveis tratamentos?

Portanto, o presente estudo teve como base autores que explicam esses transtornos, como: Appolinário (2000), Marchi (2008), Castillo (2000), Fonseca (2012), Juruena (2001), Teixeira (2013), entre outros. Esses autores também explicam a dificuldade do diagnóstico, alternativas de tratamento, prevalência do TAB e os possíveis fatores associados.

Para alcançar tais objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, utilizando-se o método qualitativo. Entende-se que uma pesquisa bibliográfica é a inspeção de um determinado tema baseando-se em documentos já existentes, sejam eles revistas, jornais, livros, teses ou qualquer outro tipo de documento. Para Fonseca (2002), todo trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica para que se possa conhecer o que já foi estudado sobre o assunto e o que ainda pesquisar-se-á sobre ele.

Este trabalho está dividido em itens e subitens. Inicio este estudo com uma apresentação breve dos tipos de transtornos que podem surgir na infância e adolescência. Em seguida, trato especificamente do Transtorno Bipolar, características, possíveis causas, tratamentos e a questão do preconceito.

2 TRANSTORNOS MENTAIS

Segundo Juruena (2001, p. 2) os transtornos de humor (ou afetivos) atingem mais de 20% da população em algum momento da vida. As depressões são duas vezes mais comuns em mulheres que em homens, iniciam-se, em geral, entre 20 e 40 anos de idades e vitima de 15% a 18% das pessoas. O Transtorno Afetivo Bipolar tipo I atinge igualmente de 1% a 2% dos homens e mulheres e começa geralmente entre 15 e 30 anos de idade. Cerca de 5% da população pode desenvolver a forma bipolar tipo II, mais comum em mulheres (os tipos TAB serão explicados mais adiante). Apesar de infrequentes, os transtornos afetivos atingem crianças, com sintomas de ansiedade e irritabilidade que são predominantes.

A seguir, apresentamos os principais transtornos afetivos.

2.1 Oscilação de humor

Oscilação de humor (ou transtorno afetivo) é considerado pela alternância de humor da criança, adolescente e/ou adulto, ou seja, mudança repentina ou constante de comportamento, no modo de pensar, sentir e agir. Portanto, essas oscilações de humores são contrastantes de acordo com o tipo de criança ou adolescente que se apresentava anteriormente às crises.

Na maioria dos casos, as crianças ou adolescentes sofrem com crises depressivas e manias constantemente (no próximo item falaremos mais profundamente sobre as manias). Os sintomas de euforia e depressão variam de um paciente para outro e no mesmo paciente, ao longo do tempo, muitas vezes confundindo-o e a seus familiares (JURUENA, 2001, p. 2).

Em alguns casos ocorrem recaídas dos pacientes tratados, ou seja, alguns normalmente nem apresentam sintomas. Existem duas formas e apresentações básicas: uma forma chamada mania, e outra chamada depressão (JURUENA, 2001, p. 2). As pessoas com esta doença podem ter

duas formas intercaladas e, neste caso, a doença é chamada de Doença Afetiva Bipolar, que pode apresentar-se de uma só forma (depressão) e, neste caso, a doença é chamada de Transtorno Afetivo Unipolar ou Depressão Maior (JURUENA, 2001, p. 2).

2.2 Mania

O termo mania significa um estado mental alterado com euforia, exaltação/ou muita irritação, “pavio curto”, podendo tornar-se agressivo verbal ou fisicamente. Segundo Juruena (2001), a mania está relacionada com o transtorno de humor, geralmente a criança ou adolescente apresenta normalidade, na maioria dos casos o indivíduo encontra-se em situação de humor alterado, exaltação, alegria exagerada e duradoura, podendo torna-se agressivo verbal e fisicamente.

De acordo com estudo realizado por Juruena (2001, p. 3), pondera-se que:

Em alguns casos pode haver períodos que ocorrem bastante agitação ou inquietação, aumento de energia, pensamentos aceleram-se, aumenta a quantidade de ideias, a criança ou adolescente não consegue falar tudo o que vem à mente ao mesmo tempo, tagarelice, fala rápida, aumento da produtividade ou começa muitas coisas e não consegue terminar. Também ocorre como insônia, redução da necessidade de sono, às vezes alguns indivíduos não conseguem manter a atenção, distração fácil tudo devia a atenção. Maior contato social e desinibição, comportamento inadequado e provocativo, agressividade e/ou verbal, associada a brigas e discussões. O mais preocupante é quando ocorrem períodos de alucinações ou delírios e também o uso abusivo de drogas, álcool e medicamentos para dormir.

A mania está relacionada com estado de humor da criança ou adolescente. O diagnóstico da mania requer que a criança ou adolescente apresente a doença maníaco-depressiva, com isso, os pais devem procurar ajuda médica, no caso, um psiquiatra para orientar e evitar o agravamento da fase maníaco-depressiva, que pode afetar o relacionamento, emprego e até mesmo os estudos tanto da criança como do adolescente.

Normalmente, o comportamento da criança ou adolescente varia de um dia para o outro. Se não for tratado a tempo pode permanecer meses ou semanas. Geralmente, a criança ou adolescente não percebe as alterações de pensamentos e sentimentos que a/o acometem, devido a sentir-se tão animado.

2.2.1 Hipomania

Na hipomania, o grau de aceleração psíquica é menor que na mania. É comum aparecer antes ou depois de uma depressão e dura alguns dias (JURUENA, 2001).

Os sintomas da hipomania normalmente são confundidos com os da mania, porém, a hipomania é de menor gravidade, já que a criança ou adolescente não apresenta sintomas psicóticos. Quando a criança ou adolescente se torna insuportável ou mesmo provocativo, causando atritos familiares e sociais. O aumento de energia é muito rápido, e faz com que a criança ou adolescente torne-se disperso e perca mais tempo com detalhes desnecessários. Pode haver menor necessidade de dormir ou mudança na autopercepção, já que pode tornar-se exageradamente otimista, seguro de si, arrogante, enfim, sentir-se superior aos outros (JURUENA, 2001).

A hipomania pode, ainda, significar um sinal precoce de doença maníaco-depressiva, estado no qual a criança ou adolescente demonstra alto nível de energia, mudanças excessivas de humor ou irritabilidade e comportamento impulsivo ou imprudente (JURUENA, 2001).

2.3 Depressão

Até pouco tempo não se imaginava que um transtorno incrivelmente incapacitante e grave como a depressão pudesse acometer crianças e adolescentes (TEIXEIRA, 2013, p. 91).

De acordo com Teixeira (2013, p. 92) em relação à depressão pode-se afirmar que:

É fato, durante muito tempo acreditou-se que crianças e adolescentes não eram afetados pela depressão; entretanto, não sabemos hoje que eles são tão suscetíveis ao transtorno como os adultos, e tal diagnóstico interfere de maneira significativa em sua vida diária e em suas relações sociais e acadêmicas.

A depressão na criança ou adolescente causa mudanças no comportamento, faz com que alegria se torne tristeza, angústia e isolamento social. Os prazeres da vida desses indivíduos são trocados pela desesperança.

Os estudos realizados sobre a depressão demonstraram como ela atinge crianças e adolescentes, verifica-se que a depressão infantil atinge aproximadamente 1% das crianças em idade pré-escolar e 2% das crianças com idade escolar, porém em adolescentes tem um aumento de 6% (TEIXEIRA, 2013, p. 92).

De acordo com Teixeira (2013), a depressão não é similar entre os sexos, o índice é mais elevado no sexo feminino em relação ao masculino. Os sintomas mais comuns em crianças e adolescentes com depressão são: a tristeza com frequência, falta de motivação, solidão e humor deprimido ou até mesmo humor irritável ou instável.

Portanto, pensamentos de morte, ideias de suicídio são recorrentes à depressão, assim, se não houver tratamento, pode ser fatal. Alguns adolescentes tendem a ter comportamentos de riscos, como o uso de álcool, drogas, prática sexual sem proteção, entre outros.

O transtorno depressivo produz dificuldades sociais e acadêmicas que podem comprometer o desenvolvimento e o funcionamento social da criança ou adolescente (TEIXEIRA, 2013, p. 94).

As causas da depressão estão relacionadas com uma origem multifatorial. Influências genéticas, associadas a fatores bioquímicos, hormonais e ambientais, estão relacionadas ao transtorno.

De acordo com os dados epidemiológicos, foi possível observar que filhos de pais com depressão apresentam três vezes mais chances de desenvolver o transtorno durante a vida, quando comparados a filhos de pais não depressivos. Crianças e adolescentes vivendo em lares hostis, desestruturados, com interações familiares estressantes, convivendo com pais agressivos ou negligentes, têm maior chance de desenvolver o quadro depressivo (TEIXEIRA, 2013, p. 96).

O tratamento contra a depressão na infância e adolescência envolve a associação de medicamentos antidepressivos, psicoterapia e apoio psicopedagógico para orientação dos pais e professores. É muito utilizada a terapia cognitivo-comportamental para auxiliar no tratamento de episódios depressivos em crianças e adolescentes, com isso, associa-se a terapia familiar com objetivo da reestruturação da família.

3 TRANSTORNO DE ALIMENTAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O transtorno de alimentação é o grau de dificuldade que a criança tem para se alimentar. Tem início precoce, antes dos seis anos de idade, pode haver ganho de peso ou perda. Portanto, deve haver uma averiguação dos principais fatores que estejam contribuindo para tal problema e a sua manutenção.

3.1 *Pica* ou alotriofagia

O nome *pica* vem do latim e significa “pega”, uma espécie de pássaro do hemisfério norte conhecido por comer quase tudo o que

encontra. Assim, a alotriofagia se caracteriza pela ingestão de substâncias que não são fundamentais para o equilíbrio nutritivo da criança ou adolescentes. As substâncias mais frequentemente consumidas são: terra, barro, cabelo, alimentos crus, cinzas de cigarro e fezes de animais (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000, p. 1).

Segundo os autores, essas substâncias podem causar atrasos no desenvolvimento e retardo mental. A história familiar de pica é uma condição que pode estar associada. Porém, o consumo de fezes ou outros compostos não inerentes à dieta não está relacionada às carências nutricionais, mas a distúrbios emocionais. Nestes casos a criança ou adolescente tem o impulso de comer ou sente-se confortado com seu consumo.

Entretanto, o descuido com a alimentação incorreta pode causar complicações clínicas no sistema digestivo, provocando intoxicações que dependem do que a criança ou adolescente ingeriu. Em casos mais graves pode haver obstrução intestinal, parasitoses ou complicações gástricas (hemorragias e úlceras).

3.2 Transtorno de ruminação

A ruminação se refere a episódios em que a criança, adolescente ou adulto, tem um hábito constante de mastigação com movimentos repetitivos que até hoje nenhuma condição médica conseguiu explicar sua possível causa. As pessoas com esse transtorno regurgitam repetidamente os alimentos após a ingestão, normalmente todos os dias. Estas podem mastigar novamente o alimento regurgitado e, depois, cuspi-lo ou engoli-lo novamente.

Diferentemente do vômito, a regurgitação não é violenta e pode ser voluntária. No entanto, as pessoas podem relatar que não conseguem parar de fazer isso sozinhas. Em crianças maiores, adolescentes e adultos esse transtorno pode ser mascarado, pois este tem consciência de que é um comportamento social inaceitável. Desta forma, restrin-

gem ao máximo o consumo de alimentos para evitar que regurgitem em público, ocasionando deficiência nutricional. As principais complicações médicas podem ser a desnutrição, a perda de peso, as alterações do equilíbrio hidroeletrólítico, a desidratação e morte (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000, p. 1). Esse transtorno requer uma atenção especial, já que, se não houver tratamento psiquiátrico ou tratamento comportamental, pode ser fatal.

3.3 Anorexia

A anorexia nervosa (AN), de acordo com Appolinário e Claudino (2000, p. 2), compreende várias alterações, como: mudanças de hábitos alimentares, que se iniciam, geralmente na infância e são consideradas patológicas. Porém, existem outros fatores envolvidos, como: perturbação da imagem corporal, abuso de drogas laxativas e anfetaminas (presentes nos inibidores de apetite).

A criança ou adolescente costuma vomitar após comer, exagera em exercícios físicos e inicia o isolamento social que acaba agravando e levando à depressão. A anorexia envolve uma condição psiquiátrica, assim, tem consequências potencialmente fatais. Estimativas de morbidade e mortalidade de AN estão em torno de 4% a 8% (FLEITLICH, 2000, p. 2).

Estudos psiquiátricos realizados até o momento ainda não conseguiram achar a causa concreta da anorexia. Os psiquiatras e os pesquisadores na área acreditam que podem ser características biológicas, psicológicas, familiares e socioculturais que são fatores que interagem na determinação da manifestação da anorexia nervosa.

Um dos principais problemas é a opressão da sociedade pelo corpo perfeito, o que acaba causando a magreza excessiva entre mulheres e adolescentes, e a insatisfação com seu próprio corpo, e desencadeia os comportamentos anoréxicos.

De acordo com a grande variação nas taxas de incidência e a prevalência de anorexia nervosa, podemos prever que essas variações estão associadas aos fatores de risco. Dentre os fatores de risco, a faixa etária e os sexos estão claramente envolvidos. A idade mais comum de início é a adolescência e há um grande aumento da prevalência entre mulheres. Existem dois picos de maior incidência, aos 14 anos e aos 17 anos. Para Fleitlich (2000), somente de 5% a 10% dos pacientes com AN são do sexo masculino.

Na AN, o paciente se recusa a manter seu peso corporal acima do exigido pela sua autoimagem, tornando-se preocupação para os familiares e médicos. O maior desafio no tratamento contra anorexia é fazer a criança ou adolescente reconhecer que tem uma doença. A maioria dos adolescentes nega que tem distúrbios alimentares. Portanto, existe uma maior gravidade, pois geralmente se começa o tratamento em um estágio avançado da anorexia. Crianças ou adolescentes precisam de vários tipos de tratamentos. O principal objetivo do tratamento contra anorexia é recuperar o peso corporal e os hábitos alimentares saudáveis. O ganho de peso de 0,5 a 1,4 kg por semana é considerado um objetivo seguro pelos médicos.

Em geral, o tratamento contra anorexia não é fácil, precisa de auxílio familiar e também exige colaboração dos pacientes. Porém, é um tratamento cauteloso, e envolve diversas terapias, até conseguir conscientizar o paciente do distúrbio alimentar.

3.4 Bulimia

A bulimia nervosa (BN) é extremamente rara antes dos 12 anos (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000). Esse transtorno é típico em mulheres jovens e adolescentes com prevalência de 1,1% a 4,2%. Na maioria dos casos é muito comum haver episódio de compulsão alimentar e os sintomas surgirem a partir de uma dieta estabelecida. Neste período, crianças e adolescentes começam a gerar sentimentos negativos (frustração, tristeza, ansiedade, tédio e solidão).

Ainda segundo Appolinário e Claudino (2000), deve-se incluir um aspecto comportamental objetivo, que seria comer uma quantidade de comida considerada exagerada, se comparada ao que uma pessoa comeria em condições normais, e um componente subjetivo, que é a sensação de total falta de controle sobre seu próprio comportamento alimentar.

Normalmente, esses episódios geram sentimentos de vergonha, culpa e desejos de autopunição. O total de calorias ingeridas pode obter uma variação entre 2 mil e 5 mil kcal. O vômito autoinduzido ocorre em cerca de 90% dos casos, sendo, portanto, o principal método compensatório utilizado (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000, p. 3). Outros métodos utilizados pelos bulímicos é o uso de laxantes, de diuréticos, de hormônios tireoidianos, de agentes anorexígenos e enemas (acúmulo anormal de líquidos por uso indevido de diuréticos). Os bulímicos costumam fazer jejuns prolongados e exercícios físicos são formas de controlar o peso corporal. O efeito colateral mais perigoso da bulimia é a desidratação.

A introdução de vômitos, laxantes e diuréticos pode causar desequilíbrio eletrolítico no corpo, devido aos níveis baixos de potássio. Os níveis baixos de potássio podem desencadear vários fatores, como batimentos cardíacos irregulares, insuficiência renal e morte. Os bulímicos praticam o vômito autoinduzido, que pode resultar em complicações bucais. Pode criar aumento das cavidades dentárias, perda do esmalte dos dentes e criar uma sensibilidade ao frio ou comida quente. E também os vômitos repetidos podem resultar em úlceras, rupturas gástricas ou estenoses do esôfago.

Na maioria dos casos, pode haver o aparecimento do transtorno de humor e de ansiedade em pacientes com BN. A bulimia tem um diagnóstico diferente da AN. Diferentemente da AN do tipo purgativo, na BN os pacientes conseguem manter o peso dentro do limiar de normalidade na maioria dos casos (cerca de 70%) ou discretamente abaixo deste (15%), (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000, p. 3).

4 ABUSO OU DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Substâncias psicoativas é uma substância química (como álcool e drogas) que age principalmente no sistema nervoso central, onde altera a função cerebral e temporariamente muda a percepção, o humor, o comportamento e a consciência. As substâncias psicoativas também causam transtornos. Normalmente pelo uso de álcool e drogas que se inicia na fase da infância para a adolescência.

Um dos países com elevado índice de crianças e jovens viciados em tabaco são os Estados Unidos. O álcool é mais usado pelos adolescentes estudantes do Ensino Médio. O uso de drogas varia de acordo com o sexo e, em meninos, esse uso aparece associado com mais frequência à delinquência (MARQUES, 2000, p. 1).

Entre os fatores que desencadeiam o uso de drogas (lícitas ou ilícitas) pelos adolescentes, afirma Marques (2000), os mais importantes são as emoções e os sentimentos associados ao intenso sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade exagerada e baixa autoestima.

4.1 Psicofarmacologia

Psicofarmacologia é a ciência que trata da relação entre o uso de drogas (substâncias psicoativas) e as alterações psíquicas diversas da ordem do humor, cognição, comportamento, psicomotricidade e personalidade. Questões frequentes relacionadas ao uso de álcool e drogas incluem os mecanismos de ação dessas substâncias, se o uso traz piores consequências na população jovem e se existem drogas mais fortes ou piores que outras (MARQUES, 2000, p. 1).

O uso de drogas pode provocar overdose, produzindo alterações mais duradouras, até irreversíveis. As substâncias psicoativas, se forem usadas de maneira abusiva, podem trazer riscos de acidentes e até mesmo de violência. Ocorre, principalmente, com uso de álcool e drogas. O álcool pode causar graves crises convulsivas, levando à morte.

A cocaína e as anfetaminas estimulam as ações dopaminérgica e noradrenérgica, podendo produzir, durante a intoxicação, crises convulsivas, isquemia cardíaca e cerebral, além de quadros maníacos e de paranoia (MARQUES, 2000, p. 2). Uma das formas de tratamento mais utilizadas pelos norte-americanos e ingleses é a terapia cognitivo-comportamental (com abordagem que é mais específica, breve e focada no problema atual do paciente. E tem como objetivo ajudar nos pensamentos distorcidos e aliviar os sintomas depressivos).

O tratamento do dependente de substâncias psicoativas é bastante complexo para os psiquiatras, pois existe uma variação entre pacientes. Assim, cada paciente terá um tratamento dependendo de sua conduta e situação psiquiátrica.

5 TRANSTORNO DE CONDUTA

O transtorno de conduta e o transtorno desafiador são categoriais diagnósticas usadas para crianças e adolescentes, enquanto o transtorno de personalidade antissocial aplica-se aos indivíduos com 18 anos ou mais (BORDIN; OFFORD, 2000, p. 1).

O transtorno de conduta é um dos transtornos psiquiátricos mais frequentes na infância e também um dos maiores motivos de encaminhamento para psiquiatria infantil. Ele evidencia o comportamento de crianças e adolescentes com dificuldade para aceitar regras e limites, que desafiam seus familiares e até mesmo os professores, assim, costuma-se dizer ao serviço de saúde mental que é “distúrbio de conduta”.

Entretanto, o distúrbio de conduta não é aceito pela associação de psiquiatria. No Canadá, o transtorno de conduta atinge 5,5% dos indivíduos da população geral com idade entre 4 e 16 anos, com taxas variando de 1,8% (meninas de 4 a 11 anos) a 10,4% (meninos de 12 a 16 Anos), (BORDIN; OFFORD, 2000, p. 1). O transtorno de conduta é mais frequente no sexo masculino, independentemente da idade, e mais frequente em crianças maiores (12 a 16 anos) comparadas às menores

(4 a 11 anos), independentemente do sexo (BORDIN; OFFORD, 2000, p. 1).

Os sintomas do transtorno de conduta costumam aparecer no início da infância ao começo da puberdade. Antes dos 10 anos é comum perceber a presença do transtorno com déficit de atenção intelectual, que pode ser proveniente de alguns fatores como álcool/drogas, que foram utilizados no pré-natal, uso de medicamentos ou traumas cranianos, etc. (BORDIN; OFFORD, 2000, p. 1).

Uns dos principais fatores são o baixo rendimento escolar, problemas com amizades e sociais do indivíduo. Os comportamentos antissociais estão interligados em diversas circunstâncias na vida do adolescente e da criança.

O diagnóstico do transtorno de conduta é considerado uma preocupação, devido aos comportamentos que incomodam e perturbam, além do envolvimento com atividades perigosas. Portanto, existe uma dificuldade em fazer esses jovens reconhecerem seus atos e que estes podem ferir os sentimentos das pessoas ou mesmo desrespeitar seus direitos.

O quadro clínico do transtorno de conduta é caracterizado por comportamento antissocial persistente com violação de normas sociais ou direitos individuais (BORDIN; OFFORD, 2000, p. 1). Alguns critérios de diagnóstico utilizados pelo DMS-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), para o transtorno de conduta são: uso de armas que podem causar ferimentos (pau, pedra, caco de vidro); roubo ou assalto, lutas corporais, perseguição, tormento, ameaça, mentira, atividade sexual forçada, entre outros.

6 ANSIEDADE

O transtorno de ansiedade é muito comum atualmente. Para Castillo (2000), a ansiedade está relacionada ao medo, opressão, sentimento vago, que atormenta a criança, adolescente e até mesmo o adulto. A

ansiedade em crianças tem maior densidade, já que às vezes não conseguem expressar os sentimentos, o que acaba manifestando-se como medo e preocupação.

Portanto, em adultos consegue-se perceber com maior facilidade, já em crianças não é possível reconhecer o verdadeiro medo como exagerado ou irracional. A ansiedade, está interligada com o medo, que é um fator reconhecido como patológico quando exagerado ou desproporcional em relação ao estímulo, também é observado no desempenho diário do indivíduo.

A maneira prática de se diferenciar ansiedade normal de ansiedade patológica é basicamente avaliar se a reação ansiosa é de curta duração, autolimitada e relacionada ao estímulo do momento ou não (CASTILLO, 2000, p. 1). Os transtornos ansiosos são considerados como quadro clínico primário, ou seja, psicoses, transtorno hiperkinético (refere-se a “muito movimento”, à inquietação, impulsividade ou agitação), depressões, entre outros.

Sintomas ansiosos (e não o transtorno propriamente) são frequentes em outros transtornos psiquiátricos. De acordo com a classificação, o transtorno de ansiedade é o único transtorno que é mantido na secção específica da infância e adolescência (CID-10, DMS-IV). Os transtornos ansiosos são quadros psiquiátricos mais comuns tanto em crianças quanto em adultos, com uma prevalência estimada durante o período de vida de 9% e 15%, respectivamente (CASTILLO, 2000, p. 1).

Ainda não existe uma causa específica para o transtorno ansioso na infância e na adolescência. Embora não seja conhecida a causa, o tratamento é feito por meio de terapia cognitivo-comportamental, psicoterapia dinâmica, uso de psicofármacos, entre outros.

7 ESQUIZOFRENIA

A esquizofrenia é uma doença mental crônica que se manifesta na adolescência ou início da idade adulta. Nos estudos analisados,

a prevalência de esquizofrenia ficou entre 0,16% e 0,57% (MARI, 2000, p. 1).

A incidência de esquizofrenia é calculada por meio de vários estudos realizados em pacientes portadores da doença. A incidência da esquizofrenia foi de 5,7 por 10.000 habitantes, em homens, e de 4,6 por 10.000 habitantes, em mulheres. A esquizofrenia é considerada um transtorno de baixa incidência na construção epidemiológica. São raros os casos de esquizofrenia antes da puberdade e acima dos 50 anos.

A esquizofrenia se manifesta de várias formas, como: alucinações, delírios, alterações de pensamentos, alteração de afetividade, entre outros. Os estudos epidemiológicos realizados no Brasil estimam que a doença é mais precoce no sexo masculino, já no sexo feminino é mais brando o curso da esquizofrenia. O tratamento da esquizofrenia é medicamentoso e psicossocial.

8 TOC - TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO

O transtorno obsessivo compulsivo, ou TOC, segundo Fortes (2012, p. 177), é diagnosticado, basicamente, pela presença de “obsessões e compulsões que acometem o indivíduo e prejudicam o seu funcionamento em diversos âmbitos”.

Embora sejam consideradas como características marcantes do TOC, é importante frisar que as obsessões e compulsões não são exclusivas deste transtorno e podem ser verificadas também em outras patologias como depressões, esquizofrenia e demência (TORRES, 2004).

As obsessões são pensamentos intrusivos, que atrapalham crianças, adolescentes e adultos, com pensamentos constantes involuntários que são gerados constantemente. Os tremores também são um aspecto do TOC, que está associado ao medo que causa perturbações capazes de atormentar a mente de crianças ou adolescentes. A necessidade de evitar o medo é chamada de comportamento evitativo, que é a problemática do transtorno do TOC.

O perfeccionismo exagerado interfere nas emoções, causando desconforto, tornando tudo desagradável. A compulsão é algo mais grave, pois não gera prazer no indivíduo, mas provoca a ansiedade, que gera a aflição por meio da obsessão. As atividades realizadas ao longo do dia a dia podem ter um caráter compulsivo, provocado pela obsessão, já a mania é considerada algo anormal, persistência elevada, expansiva ou irritável, embora não seja considerada exclusiva do TOC.

O diagnóstico do TOC é complexo. É necessário que apresente sintomas que estejam prejudicando a vida profissional, escolar, familiar e social. Torres (2004) aponta que, no caso do TOC, outros transtornos comórbidos são regras e não a exceção, sendo, em ordens descendentes, os mais predominantes: depressão maior (60 a 80% dos casos), fobia simples (22 a 27%), hipocondria (23%), transtorno dismórfico (20%), tricotilomania (18%), fobia social (11 a 18%), abuso ou dependência de álcool (14 a 17%), transtorno de pânico (12 a 15%), transtornos alimentares (5 a 20%), transtorno afetivo bipolar (13%) e síndrome de *Tourette* (7%).

9 TRANSTORNO AFETIVO BIPOLAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O transtorno bipolar de humor (TBH), distúrbio bipolar ou transtorno afetivo bipolar (TAB), foi inicialmente descrito pelo conceito moderno de doença bipolar e iniciado na França, por Jean-Pierre Falret (1851), psiquiatra francês considerado o primeiro a descrever o diagnóstico do transtorno afetivo bipolar, e Jules Baillarger (1856), neurologista e psiquiatra francês. Porém, Emil Krarpelin (1856-1926) teve seu conceito unitário a respeito da insanidade maníaco-depressiva que foi amplamente aceito e adotado pelos psiquiatras.

Depois de Krarpelin, no entanto, as ideias de Kleist e Leonhard, na Alemanha, e o trabalho de Angst Perris e Winokur enfatizaram a distinção entre as formas unipolar e bipolar da depressão (DEL POR-

TO; DEL PORTO, 2005, p. 7). Para Marchi (2008), o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) é uma psicopatologia caracterizada por graves alterações de humor e que cursa com fases de mania (períodos de humor eufórico, aumento de energia, alegria extrema) e de falta de ânimo.

Desta forma, importa ressaltar que o transtorno bipolar não deve ser confundido com o termo “depressão”. É confundido com frequência, pois as crianças ou adolescentes apresentam distúrbios psicológicos e sociais importantes, antes que consiga ser confirmado o diagnóstico pelo médico.

O TAB tem início na infância e adolescência, normalmente está associado a outras comorbidades (a presença de mais de um transtorno em um mesmo indivíduo em um determinado período de tempo). O TAB pode se instalar paralelamente a um Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtorno de conduta, transtorno de ansiedade ou mesmo transtorno alimentar. O TAB em crianças e adolescentes tem sido pouco estudado, porque, durante muitas décadas, esse transtorno foi considerado inexistente nessas faixas etárias.

As baixas prevalências e incidência do TAB em crianças, historicamente relatadas, podem ser decorrentes do fato de as características atípicas em adultos parecerem ser regras e não exceção, em crianças (FU I; BOARATTI, 2010, p. 17). Segundo Oliveira e Albuquerque (2009), o diagnóstico de TAB em crianças com problemas de comportamento, hiperatividade, impulsividade, entre outros, requer um diagnóstico diferencial.

9.1 Aspectos epidemiológicos e demográficos

As estimativas de prevalência de TAB em crianças e adolescentes estão circunscritas a vieses da história ou a crença de que esse transtorno se trata de uma doença extremamente rara na infância (FU I; BOARATTI, 2010, p. 19).

Portanto, os estudos do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) revelaram que o TAB é possível na infância e, com isso, identificaram um aumento espantoso em relação ao diagnóstico do TAB em crianças e adolescentes. Desta maneira, em 2003 houve um crescimento exagerado de 1.003 casos para 100 mil. De acordo com 60% dos portadores de TAB, a doença se manifestou ainda criança, porém só foi constatada quando adulto.

Nesse sentido, Fu I e Boaratti (2010, p. 19) justificam essa afirmação dizendo que investigações em amostras clínicas indicam que há predomínio de ocorrência de sintomas disruptivos de comportamento nos meios com TAB tipo I e que a ocorrência do tipo II parece ser mais frequente entre adolescentes do sexo feminino do que entre o sexo masculino.

Para Fu I e Boaratti (2010) vários estudos avançados conseguiram analisar que o TAB pode ocorrer igualmente em crianças e adolescentes de ambos os sexos.

9.2 Causas do TAB

O TAB é um transtorno complexo e multideterminado, causado pela interação de fatores genéticos e ambientais (BOSAIPÓ; BORGES; JURUENA, 2017, p. 75). Os estudos de fatores genéticos apontam incidência superior a 80% em gêmeos idênticos, caindo para 6% em parentes de primeiro grau.

As análises indicam que a evolução do TAB é caracterizada por traumas precoces, por eventos adversos (qualquer ocorrência médica desfavorável, que pode surgir durante o tratamento com um medicamento, mas não possui, necessariamente, relação casual com esse tratamento, como exemplos: uso abusivos de medicamentos; erros de medicação; intoxicação relacionada aos medicamentos, entre outros) e pelo uso indevido de álcool e drogas. Nos estudos dos fatores da doença, indicam uma forte relação, pelo estresse sofrido no final da adolescên-

cia, assim, podem passar despercebidos os primeiros episódios de TAB, sofridos ao longo de toda a vida.

Dentre os diversos estudos, foi observado que o risco de desenvolver TAB-II é maior entre familiares de pessoa com a doença. Portanto, os estudos apontaram que o desenvolvimento do TAB-I e o transtorno depressivo maior tende a ter menos relação com a genética.

Os fatores genéticos podem ainda influenciar a idade de início do transtorno afetivo bipolar (BOSAIPO; BORGES; JURUENA, 2017, p. 75). Portanto, as causas reais do TAB ainda são incertas, mas acredita-se nos fatores que podem ser as possíveis causas, ou seja, biológicas, genéticas e hereditárias, psicossociais e o uso de drogas e substâncias psicoativas.

- Causas biológicas: problemas de neurotransmissores, principalmente nos sistemas noradrenérgico, serotoninérgico e dopaminérgico.
- Causas genéticas e hereditárias: quando um dos pais apresenta transtorno afetivo bipolar, existe uma possibilidade de desencadeamento de 25 a 50% nos filhos. Quanto maior for a distância de parentesco, menores as possibilidades de o transtorno bipolar aparecer.
- Causas psicossociais: são os acontecimentos vitais estressores que podem preceder os primeiros episódios de transtorno de humor e podem provocar alterações nos estados funcionais dos vários sistemas neurotransmissores. Assim sendo, dificuldades financeiras, doença na família, perda de uma pessoa importante, desestruturação familiar, internações psiquiátricas, entre outros, poderiam contribuir para o desenvolvimento da doença.
- Uso de drogas e de substâncias psicoativas: drogas estimulantes como a cocaína, anfetamina e metanfetamina podem precipitar o aparecimento do transtorno bipolar em pacientes mais sujeitos e sensíveis a ele.

9.3 Diagnóstico

O diagnóstico do Transtorno Afetivo Bipolar em Crianças e Adolescentes baseia-se em dados clínicos. O DMS-5 (2014) apresenta os critérios de diagnóstico para o transtorno bipolar:

A) transtorno bipolar tipo I; B) transtorno bipolar tipo II; C) transtorno ciclotímico; D) transtorno bipolar e transtorno relacionado induzido por substâncias/medicamentos; E) transtorno bipolar e transtorno relacionado devido a outra condição médica; F) outro transtorno bipolar e transtorno relacionado especificado; G) transtorno bipolar relacionado não especificado.

O quadro 1 apresenta uma descrição resumida de cada subtipo.

Quadro 1 – Descrição dos subtipos de transtorno bipolar

Tabela 3: Classificação diagnóstica do transtorno bipolar e transtornos relacionados	
Transtorno	Definição
Transtorno bipolar tipo I	Distúrbio de humor em que se verifica a ocorrência de pelo menos um episódio maniaco, que pode ter sido precedido ou sucedido de episódios hipomaniacos ou depressivos.
Transtorno bipolar tipo II	Distúrbio de humor recorrente, constituído por um ou mais episódios depressivos maiores e pelo menos um episódio hipomaniaco.
Transtorno ciclotímico	Distúrbio de humor fluuante, envolvendo períodos com sintomas hipomaniacos que não preenchem os critérios para um episódio hipomaniaco; e períodos com sintomas depressivos que não satisfazem os critérios para um episódio depressivo maior.
Transtorno bipolar e transtorno relacionado induzido por substância/medicamento	Distúrbio de humor cujas características diagnósticas são essencialmente as mesmas que as de mania, hipomania ou depressão. Contudo, evidências provenientes da história clínica e de exames físicos ou laboratoriais, apontam que: (a) os sintomas se desenvolveram durante ou logo após a intoxicação por substância ou exposição a uma medicação; (b) a substância/medicamento envolvido é capaz de produzir tais sintomas.
Transtorno bipolar e transtorno relacionado devido a outra condição médica	Distúrbio de humor que ocorre como consequência fisiopatológica direta de uma outra condição médica, comprovada por evidências provenientes da história clínica, de exames físicos ou laboratoriais.
Outro transtorno bipolar e transtorno relacionado especificado	Diagnóstico atribuído quando os sintomas característicos do transtorno bipolar e transtorno relacionado (que causam sofrimento clinicamente significativo, prejuízo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes do funcionamento) não preenchem completamente os critérios para qualquer tipo de transtorno dessa classe, e o clínico escolhe comunicar a razão específica pela qual a manifestação não preenche os critérios para qualquer transtorno bipolar ou relacionado.
Transtorno bipolar e transtorno relacionado não especificado	Diagnóstico atribuído quando os sintomas característicos do transtorno bipolar e transtorno relacionado (que causam sofrimento clinicamente significativo, prejuízo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes do funcionamento) não preenchem completamente os critérios para qualquer tipo de transtorno dessa classe, e o clínico escolhe não comunicar a razão específica pela qual a manifestação não preenche os critérios para qualquer transtorno bipolar ou relacionado, pois não há informação suficiente para fazer um diagnóstico mais específico.

Apesar das similaridades clínicas entre o TAB de início precoce e o de início de fase adulta, “o consenso atual é de que seu diagnóstico em crianças e adolescentes, provavelmente não possa ser atribuído com base nas características descritas em adultos” (FU I; BOARATTI, 2010, p. 20).

Normalmente, o diagnóstico do TAB exige que crianças e adolescentes apresentem sintomas e sinais bem descritos, para verificar a frequência de ocorrência e o grau de comprometimento de cada sintoma. Além dos instrumentos de apoio ao diagnóstico são utilizadas propriedades psicométricas e a capacidade para discriminar o TAB de outros transtornos psiquiátricos: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtorno de conduta, transtorno de ansiedade ou transtorno alimentar.

Um dos fatores associados ao TAB que dificulta seu diagnóstico em crianças e adolescentes é a presença de sintomas hipomaniacos (um percurso para mania que é caracterizado por aumento de irritabilidade e excessiva alegria, porém com oscilações de humor leves e crônicas, as quais passam despercebidas pelos médicos) ou maníacos (período distinto, durante o qual existe um humor anormal e persistentemente elevado, expansivo, com duração mínima de dias na criança ou adolescente).

9.4 Curso da doença

O curso clínico do TAB pode variar bastante, entre 20% e 40%. Embora o TAB possa começar ao longo do ciclo de vida, estudos apontam que os sintomas de doença surgem mais cedo do que o transtorno depressivo maior (BOSAIPO; BORGES; JURUENA, 2017, p. 77). O transtorno depressivo maior é caracterizado por uma combinação de sintomas que interferem no comportamento da criança ou adolescente ao estudar, dormir, comer ou desfrutar de atividades prazerosas.

Portanto, o curso do primeiro episódio do TAB-I é 18 anos, já no TAB-II o início dos sintomas ocorrem por volta dos 25 anos de idade (o TAB na infância e adolescência esbarra em peculiaridades relacionadas à fase de desenvolvimento em que a criança ou adolescente se encontra: de um lado as crianças, muitas vezes, não conseguem expressar o que sentem. Já na adolescência, uma idade considerada crítica, o transtorno se confunde com dramas da fase e pode ser agravado por fatores como a convivência social com indivíduos desajustados. Por isso, existe esse grau de dificuldade do diagnóstico em crianças e adolescentes.

Geralmente, a caracterização do TAB I baseia-se em sintomas de mania ou hipomania, já a depressão é o quadro mais comum em pacientes com TAB II. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), o transtorno bipolar ocupa a sexta posição de transtornos que causam incapacitação, que interferem na rotina de estudos e atividades realizadas ao longo do dia. É possível observar diversos fatores do TAB-II, são mais comuns em indivíduos que apresentam ocorrências de episódios de depressão maior, antes de ocorrer o primeiro episódio de hipomania.

Portanto, a dificuldade do diagnóstico do TAB-II é de 12% em pacientes com início do transtorno depressivo maior, embora o tipo II seja identificado como episódio hipomaniaco. A frequência de episódio maniaco e de depressão maior (60% dos casos). A proporção de episódio de humor é de 90% nos indivíduos, portadores do episódio de mania, e em cinco anos, 70% dos pacientes recaem.

A proporção de desenvolver sintomas hipomaniacos é maior em pacientes com TAB-I se comparados aos pacientes com TAB-II (BOSAIPO; BORGES; JURUENA, 2017). Portanto, o tipo II tem grau elevado de episódios de humor (de depressão maior ou hipomania) em comparação a pacientes com o tipo I e o transtorno depressivo maior.

Entre 5 e 15% dos pacientes com TAB-II desenvolvem um episódio de mania e têm diagnóstico alterado para TAB-I (BOSAIPO; BOR-

GES; JURUENA, 2017). O gráfico 1, a seguir, demonstra a oscilação de humor recorrente ao transtorno afetivo bipolar.

Gráfico 1 – Oscilação de humor recorrente ao transtorno afetivo bipolar

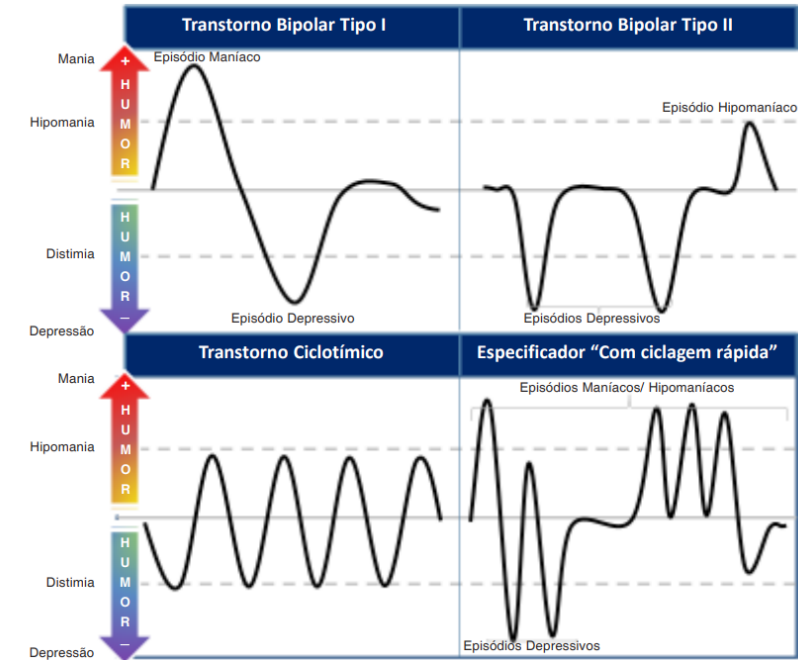


Figura 2: Subtipos do Transtorno Bipolar e o Especificador "Com ciclagem Rápida". Os esquemas ilustram o curso dos principais subtipos do Transtorno Bipolar, além do especificador "Com ciclagem rápida". O termo Distímia se refere ao estado de humor rebaixado que não preenche critérios de intensidade de sintomas para um episódio depressivo. (Adaptado de Stahl, 2013)

Fonte: Adaptado de Stahl (2013).

9.5 Tratamento

O tratamento do transtorno afetivo bipolar apresenta duas abordagens: medicamentosa e psicoterapia são as formas mais comuns usadas por psiquiatras e psicólogos. Formas comuns de tratamento do TAB: hospitalização do paciente, caso apresente comportamentos perigosos;

uso diário de medicamentos para o controle de alterações de humor; tratamento severo para manter o paciente estável; caso haja dependência física ou psíquica, exige tratamento para reabilitação.

O principal objetivo da terapia contra o transtorno afetivo bipolar é evitar a alternância entre as fases; evitar a necessidade de hospitalização; reduzir a gravidade e a frequência dos episódios; impedir comportamentos autodestrutivos e suicídio, entre outros.

O tratamento com medicamentos antipsicóticos e antiansiedade é bastante utilizado para estabilização do humor e para evitar episódios maníacos e hipomaníacos, que são comuns em crianças, adolescentes e adultos portadores de TAB.

A terapia eletroconvulsiva (TEC) é um tratamento psiquiátrico conhecido como eletrochoque, que é feito em ambiente hospitalar, com anestesia geral rápida (sedação), e dura de cinco a dez minutos. Pode ser usada em fase maníaca ou depressiva do transtorno bipolar, caso os medicamentos prescritos pelo médico não tenham efeito será conduzido a essa terapia.

A terapia familiar exige um trabalho de orientação com os pais e professores das crianças ou adolescentes, para auxiliar nos problemas sociais e também a comunicação entre os membros com a criança ou adolescente. A princípio, essa terapia ajuda, principalmente, em casos onde há a presença de substâncias como álcool e droga, o que é muito comum em adolescentes.

Nesse caso, são usados vários medicamentos para tratar os sintomas do TAB, que são: Carbolitium, Depakote, Lexotan, Mirtazapina, Rivotril, Bromazepam. Esses são os principais para auxiliar na estabilização de humor contra o transtorno afetivo bipolar.

9.6 Possibilidades de controle

O controle do transtorno afetivo bipolar em crianças e adolescentes é feito com estabilizadores de humor e complementado com te-

rapia cognitivo-comportamental, terapia familiar, terapia dinâmica e psicoeducação. Quando a criança ou adolescente inicia o tratamento, consegue estar mais atento ao seu próprio comportamento e aprende a controlar os sintomas.

Entretanto, para o TAB não existe cura, mas existe controle. Com o tratamento adequado a criança ou adolescente não desenvolve sintomas, sendo assim, é possível viver bem e normalmente com uso de medicamentos e o tratamento adequado para auxiliar no controle.

A criança ou adolescente com transtorno afetivo bipolar sem tratamento está propício a desenvolver crises cada vez mais intensas e com intervalo de tempo menor. Já com o tratamento é possível ter uma boa qualidade de vida e a preservação das funções mentais, a atividade física também auxilia na estabilização do TAB.

9.7 Preconceito

Em pleno século XXI, ainda existe o preconceito em relação aos portadores de TAB, outros transtornos e deficiências mentais. É chamado de psicofobia. A sociedade tem pouco conhecimento do TAB, e na maioria das vezes acredita que as alterações de humores que acometem os indivíduos são mecanismos da pessoa para ter atenção, ou seja, “frescura”, “chilique”. Porém, essas pessoas mal informadas aparentam não ter compaixão quando classificam portadores de TAB, de outros transtornos e de deficiências mentais como “loucos”.

Com a conscientização da sociedade e mudança de postura é possível vencer o preconceito, tornando a vida das crianças e adolescentes mais aceitável.

Entretanto, o maior desafio de crianças e adolescentes é o preconceito familiar. A maior dificuldade existencial do portador de TAB e de transtornos é fazer os pais reconhecerem que seu filho está manifestando uma doença mental. A consequência mais cruel na infância e adolescência a partir da não compreensão da doença e de seus efeitos é

o afastamento de amigos e familiares, já que perpetua a cultura de estigma e preconceito em relação à pessoa acometida de transtorno mental (BRISCHILIARI e WAIDMAN, 2012).

Nestes casos o tratamento se inicia tardiamente e na pior hipótese acontecem os casos de suicídio infantojuvenil. A criança ou adolescente não consegue entender o que acontece com ele, não é capaz de controlar seu estado emocional e a família não aceita o comportamento e/ou o diagnóstico, o que pode agravar o grau do transtorno ou o desenvolvimento intelectual e psicossocial do indivíduo.

Vale ressaltar também que existe outro fator importante após a aceitação do diagnóstico, os pais acreditarem que a medicação sozinha é capaz de solucionar o problema do portador de transtorno sem precisar da intervenção da terapia familiar, que é fundamental no tratamento contra o TAB.

Portanto, percebemos que o conhecimento sobre os transtornos pode reduzir o preconceito tanto dos pais, quanto dos familiares. A rejeição ao transtorno pode agravar ainda mais o problema. Além disso, o apoio familiar e a sensibilidade ao estado emocional podem atenuar a dor e a exclusão dessas crianças e adolescentes que já sofrem muito e que merecem ter tratamento e viver sem preconceito.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lidar com o transtorno afetivo bipolar é algo um pouco complicado. Quem convive com ele pode ter algumas dificuldades nos estudos e atividades realizadas ao longo do dia a dia, mas com medicação pode ter um pouco de estabilidade para não haver danos. Eu, que tenho transtorno afetivo bipolar, sinto dificuldade em lidar com alterações de humor, sinto tristeza e até uma angústia. Assim, tenho a missão de divulgar o TAB e a partir do conhecimento e da conscientização tornar a vida das crianças e adolescentes que possuem TAB mais fácil.

Neste trabalho, a partir dos artigos analisados, pude observar que a escolha farmacológica e terapêutica ajuda a auxiliar a prevenção e controle de crises no TAB, com o auxílio dos estabilizadores de humor, como o lítio. Também, consegui abordar as principais terapias farmacológicas, como terapia cognitivo-comportamental, medicamentosa e eletroconvulsiva, que são indicadas como possibilidades para o tratamento da criança e adolescente, combinadas à terapia medicamentosa para obter melhores resultados no tratamento.

Portanto, estou muito satisfeita com este trabalho, pois acredito que consegui atingir os objetivos propostos e demonstrar as dificuldades de diagnóstico e sua correlação com outros transtornos com clareza. Também fazer a distinção entre os tipos de TAB e dar uma ideia da infinidade de transtornos mentais que podem atingir as crianças e adolescentes.

Percebi com este estudo que “o diagnóstico e o tratamento precoces podem mudar o futuro de uma criança, evitando prejuízos ao desenvolvimento e favorecendo a elaboração de vivências relacionadas aos transtornos afetivos” (FU I, 2000). Por fim, gostaria de ressaltar que outras pesquisas podem ser realizadas com coleta de dados, entrevistando adolescentes com TAB, bem como suas famílias.

O intuito deste trabalho foi oferecer informação sobre o TAB e para que as pessoas percebam que quem convive com esse transtorno não é louco. O portador do TAB não tem culpa, tem sentimentos, é um ser humano normal e merece o respeito de todos. Finalmente, saliento que este estudo é fruto da minha vivência com o transtorno e a minha maneira de expressar e explicar o que eu vivi, controlei e convivo hoje.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Tradução de Maria Inês Correia Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

APPOLINÁRIO, J. C.; CLAUDINO, A. M. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, 2000.

ARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, 2000.

BIRD, Hector R; DUARTE, Cristiane S. Dados epidemiológicos em psiquiatria infantil: orientando políticas de saúde mental. **Revista Brasileira Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 24, n. 4, p. 162-163, 2002.

BORDIN, I. A. S; OFFORD, D. R. Transtorno da conduta e comportamento antissocial. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, p. 12-15, 2000.

BOSAPO, N. B.; BORGES, V. F.; JURUENA, M. F. Transtorno bipolar: uma revisão dos aspectos conceituais e clínicos. **Revista Medicina**, Ribeirão Preto, online, v. 50, Suplemento Temático: Psiquiatria 1. São Paulo: USP/FMRP, 2017. p. 72-84.

BRISCHILIARI, A; WAIDMAN, M. A. P. O portador de transtorno mental e a vida em família. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 16, n. 1. p. 147-156, 2012.

CASTILLO, A. R. G.L. et al. Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, 2000.

DEL PORTO, J. A.; DEL-PORTO, K. O. História da caracterização nosológica do transtorno bipolar. São Paulo: **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, USP/FM, n. 32, suplemento 1, p. 7-14, 2005.

FLEITLICH, B. W. et al. Anorexia nervosa na adolescência. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, SBP, v. 76, n. 3, p. 323-329, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Ceará: UECE, 2002.

FORTES, M. Transtorno obsessivo-compulsivo. In: ANGELOTTI, G. (Org.) **Terapia Cognitiva Comportamental**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2012.

FU I, L. et al. Transtornos afetivos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, 2000.

FU I, L.; BOARATTI, M. A. **Transtorno Bipolar na infância e adolescência: Aspectos Clínicos e Comorbidades**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010.

LIVEIRA, C. R. G.; ALBUQUERQUE, P. B. Diversidade de resultados no estudo do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Portugal, IEP/Universidade do Minho, v. 25, n. 1, p. 93-102, 2009.

MARCHI, R. **Escala clínica para prever a adesão ao tratamento: transtorno afetivo bipolar de humor**. 2008. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2008.

MARI, J. J.; LEITÃO, R. J. A epidemiologia da esquizofrenia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 22, p. 15-17, 2000.

PAPOLOS, D.; PAPOLOS, J. **The Bipolar Child: The Definitive and Reassuring Guide to Childhood's Most Misunderstood Disorder**. New York: Three Rivers Press, 2007.

PERRING, Christian. Medicating children: the case of Ritalin. **Bioethics**, Oxford/England, NLM, v. 11, n. 3-4, p. 228-240, 1997.

STAHL, S.M. **Essential Psychopharmacology: Neuroscientific Basis and Practical Applications**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

TEIXEIRA, G. **Manual dos Transtornos escolares**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2013.

TORRES, A. S.; PRINCE, M. A importância de estudos epidemiológicos sobre o transtorno obsessivo-compulsivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 26, suplemento 3, 2004.

URUENA, M. F. Terapia cognitiva: abordagem para o transtorno afetivo bipolar. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, ABP, v. 28, n. 6, 2001.

A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E OS HÁBITOS ALIMENTARES DE UMA TURMA DE 7º ANO DO CEPAE-UFG

Profa. Ms. Ana Maria da Conceição Silva
Sarah Amaro de Lima

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivos verificar a prática de atividade física e os hábitos alimentares de uma turma de 7º ano do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae). A amostra compreendeu 28 adolescentes de ambos os sexos e com idades entre 12 e 15 anos. Para a obtenção dos dados aplicou-se aos alunos um questionário contendo perguntas abertas e fechadas sobre hábitos alimentares e prática de atividade física. Os resultados da pesquisa mostraram que a maioria dos adolescentes pratica atividades físicas regulares, mais de três vezes por semana, embora permaneça parte de seu tempo usando videogame, computador ou vendo TV. Quanto aos hábitos alimentares, a maioria dos alunos tem uma alimentação inadequada às suas necessidades. A partir destes resultados, ressalta-se a importância de estimular hábitos alimentares saudáveis entre os educandos, para que, em conjunto com a prática de atividade física regular, oportunizem a prevenção e a promoção da saúde a eles.

Palavras-chave: Hábitos alimentares. Atividade física. Adolescente. Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é definida pela OMS (1995) como um período biopsicossocial, que compreende indivíduos com idades entre 10 e 19 anos, de ambos os sexos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente, para os efeitos da lei, a pessoa entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 2006). Este é um período da vida que compreende o crescimento e o desenvolvimento do corpo e demanda um elevado consumo de nutrientes, por isso a nutrição é um fator importante para o desenvolvimento adequado do adolescente. Entretanto, a adoção de uma dieta inadequada pode influenciar de forma desfavorável a sua saúde.

Dietas equilibradas, associadas à prática de atividades físicas, contribuem significativamente para a manutenção da saúde. No entanto, o que se observa é que muitos adolescentes não fazem nenhum tipo de atividade física, restringindo seu lazer ao computador, TV, videogame e a uma má alimentação, fatores estes fundamentais para o desenvolvimento de doenças.

Assim, a presente pesquisa teve por objetivo geral “investigar os hábitos alimentares e a prática de atividade física dos alunos do 7º ano do Cepae”, e como objetivos específicos: verificar como está a alimentação dos alunos e identificar se eles praticam atividade física.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Adolescência

No período da adolescência, além das transformações fisiológicas, o indivíduo sofre importantes mudanças psicossociais, o que contribui para a vulnerabilidade característica desse grupo populacional. Os adolescentes podem ser considerados um grupo de risco nutricional, devido à inadequação de sua dieta decorrente do aumento das necessi-

dades energéticas e de nutrientes para atender à demanda do crescimento (ENES; SLATER, 2010).

2.2 Consumo alimentar na adolescência

Marcada pelo início da puberdade, a adolescência é uma fase em que ocorre uma série de transformações amplas, rápidas e variadas, e a maioria dos adolescentes, por sentir mais fome, acaba adquirindo hábitos alimentares não saudáveis (MERCÊDES, 2004).

Estudos indicam que os adultos e também os adolescentes têm conhecimentos sobre nutrição saudável, no entanto, muitos ignoram e acabam consumindo alimentos que podem prejudicar a saúde em curto ou longo prazo. Segundo Zarnowiecki et al, (2012), a fase escolar, incluindo a infância e a adolescência, é um período importante para o desenvolvimento de atividades de educação nutricional, uma vez que as escolhas e preferências que se formam nesta fase tendem a se transformar em hábitos que perduram na vida adulta.

Sabe-se que a alimentação e a nutrição contribuem para a promoção e proteção da saúde, melhorando a qualidade de vida dos indivíduos e prevenindo os distúrbios nutricionais. Várias pesquisas têm mostrado que é alarmante o aumento da obesidade em crianças e adolescentes. E isto se deve a uma alimentação inadequada e pela pouca prática de atividade física, fazendo com que a obesidade torne-se uma doença (KUREK, 2006).

De acordo com Fogaça (2012), a prática de uma dieta equilibrada desde a infância favorece níveis ideais de saúde, de crescimento e de desenvolvimento intelectual, pois reduz a manifestação da obesidade, de distúrbios alimentares e de cáries dentárias. Além disto, diminui o risco para a manifestação de doenças futuras, como a osteoporose e de determinadas doenças não transmissíveis, como diabetes e hipertensão.

Segundo Barbosa (2005), para ter uma alimentação equilibrada, é necessário seguir uma dieta variada contendo todos os tipos de alimen-

tos, sem excessos e sem exclusões e, também, substituir os alimentos industrializados por alimentos naturais. Assim, a adolescência é uma fase em que deve ocorrer intervenções por parte da escola e principalmente da família, para explicar sobre a necessidade de hábitos alimentares saudáveis, pois os hábitos adquiridos nesta fase constituirão a base da prática alimentar no futuro.

Os tipos e as quantidades de alimentos que ingerimos compõem a nossa dieta, e esta precisa conter carboidratos, lipídios, proteínas, sais minerais, vitaminas e água. Essas substâncias, chamadas genericamente de nutrientes, constituem as fontes de energia e de matéria-prima para nossas células (AMABIS; MARTHO, 2006).

Os glicídios e os lipídios são chamados de nutrientes enérgicos; sua principal função é fornecer energia às células. Alimentos ricos em glicídios são: açúcares, pães, arroz, batatas, massas e cereais. Alimentos ricos em lipídios são: manteiga, toucinho, carnes gordas, óleos vegetais. As proteínas são chamadas de nutrientes plásticos e fornecem os aminoácidos que nossas células utilizam para produção de suas próprias proteínas, constituintes da estrutura corporal. São ricos em proteína: carnes, peixes, ovos, soja, lentilha, entre outros (AMABIS; MARTHO, 2006).

As vitaminas são substâncias orgânicas que nossas células necessitam em pequenas quantidades para se manterem saudáveis. Precisamos obtê-las na dieta, já que nosso organismo é incapaz de produzi-las. A maioria das vitaminas atua como fator auxiliar em reações químicas catalisadas por enzimas. Por isso, se faltar uma vitamina na dieta, determinadas enzimas deixam de atuar adequadamente, gerando um quadro de anormalidades conhecidas como avitaminose (AMABIS; MARTHO, 2006).

Os sais minerais são nutrientes inorgânicos que fornecem elementos químicos importantes, como o cálcio, componente importante dos ossos e dos dentes, fundamental nesta fase; o iodo, componente dos hormônios da tireoide; o selênio, importante para

a formação de enzimas, atua na prevenção câncer, entre outros. O zinco é fundamental estar presente na dieta do adolescente, pois este mineral é responsável pela maturação sexual na puberdade e regula a produção de hormônios. Sem ele pode ocorrer a deficiência de algum hormônio importante para a vida sexual dos jovens (AMABIS; MARTHO, 2006).

Assim, cada fase da vida tem nutrientes essenciais para manter a saúde em dia, pois eles contribuem para o desenvolvimento do corpo e protegem o organismo quando ingeridos nas doses certas.

2.3 Prática de atividade física na adolescência

A atividade física reduzida na adolescência é uma fonte potencial de desequilíbrio de energia, causando variações nas reservas de energia, principalmente, quando o consumo de alimentos energéticos supera o gasto energético, gerando, assim, o ganho de peso e, conseqüentemente, a obesidade. Outros fatores biológicos e comportamentais, bem como fatores endócrinos, metabólicos e genéticos também podem afetar o balanço energético (MERCÊDES, 2004).

Especificamente para o adolescente, Barbosa (1991) destaca as seguintes vantagens do esporte: estimula a socialização, serve como um “antídoto” natural de vícios, ocasiona maior empenho na busca de objetivos, reforça a autoestima, ajuda a equilibrar a ingestão e o gasto de calorias e leva à uma menor predisposição a moléstias.

Brownell (1995) afirma que, além dos benefícios fisiológicos, o exercício físico gera efeitos psicológicos positivos, tais como melhora do humor, redução do estresse, aumento da autoestima devido à melhora da autoeficiência e esquemas cognitivos que favorecem o raciocínio otimista.

Em um estudo com 104 adolescentes obesas, Sousa (1997) constatou que o exercício físico e o controle alimentar, combinados e adotados de forma gradual, proporcionaram redução dos níveis séricos de

LDL-colesterol e aumento de HDL-colesterol, além de elevação da massa magra e diminuição da gordura corporal.

A prática de atividade física regular na infância e adolescência só traz benefícios, pois, segundo Kohl e Fulton (2000), crianças ativas são mais prováveis de serem fisicamente ativas quando adultas. Assim, na adoção de comportamentos saudáveis neste período da vida há a tendência de esses hábitos serem levados à vida adulta, interferindo decisivamente na qualidade de vida.

2.4 Obesidade na adolescência

A obesidade é o acúmulo de gordura no corpo causado quase sempre por um consumo excessivo de calorias na alimentação, superior ao valor usado pelo organismo para sua manutenção e realização das atividades do dia a dia. Ou seja: a obesidade acontece quando a ingestão alimentar é maior que o gasto energético correspondente (BIRCH; FISHER, 1998).

A obesidade e o sobrepeso constituem, na atualidade, importantes problemas de saúde pública, pelas elevadas taxas de prevalência, não somente em adultos, mas principalmente em crianças e adolescentes brasileiros (CINTRA et al., 2007).

Dados do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) de 2009, mostraram que 13% da população adolescente de 10 a 19 anos está com sobrepeso e 3% com obesidade. Um dos motivos para a elevada prevalência da obesidade entre adolescentes é o sedentarismo. Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), também de 2009, mostraram que mais de 30% dos escolares são inativos ou insuficientemente ativos. Esta situação se agrava ainda mais quando são observados os hábitos alimentares. Conforme a PeNSE, 50% dos adolescentes consumiram guloseimas em cinco dias ou mais, nos últimos sete dias anteriores à coleta de dados.

2.4.1 Fatores associados à obesidade em adolescentes

No Brasil, os adolescentes passam cerca de cinco horas por dia em frente à TV. Ao tempo que o adolescente passa assistindo à programação televisiva pode estar associada a obesidade. As propagandas influenciam o comportamento alimentar, de modo que tal hábito está diretamente relacionado a pedidos, compras e consumo dos alimentos anunciados. A televisão é o meio mais poderoso para a formação do hábito de consumo, assim, os canais de TV abertos preenchem as lacunas geradas pela falta de acesso ao teatro, cinema, lazer e informação (OLIVEIRA et al., 2003).

Para Birch e Fisher (1998), embora a televisão desempenhe um papel relevante na disseminação de informações e cultura, em algumas situações ela pode ser o veículo de mensagens que influenciam negativamente as preferências e escolhas alimentares de crianças e adolescentes, além de desempenhar um efeito direto na prática de atividade física.

Em relação à associação entre práticas alimentares inadequadas e prevalência do sobrepeso/obesidade, não somente o volume da ingestão alimentar, como também a composição e a qualidade da dieta são fatores que têm sido evidenciados. As mudanças verificadas nos padrões alimentares da população, particularmente entre crianças e adolescentes, evidenciaram menor consumo de frutas, verduras e legumes e aumento no consumo de bolachas recheadas, salgadinhos, doces e refrigerantes, e isto está associado ao sobrepeso/obesidade nesta faixa etária (ENES; SLATER, 2010).

Oliveira et al. (2003) destacam o papel do desenvolvimento econômico e do processo de urbanização sobre as modificações no estilo de vida da população, traduzidas por padrões alimentares inadequados e modelos de ocupação predominantemente sedentários. As comodidades oferecidas pelo mundo moderno, tais como aparelhos de televisão, telefones sem fio, videogames, computadores, controle remoto, entre outras, têm favorecido a redução do gasto energético.

Triches e Giugliani (2005), em estudo transversal do qual participaram 573 crianças de dois municípios da região sul do Brasil, verificaram que a omissão do café da manhã e a baixa frequência do consumo de leite se constituíram em práticas específicas significativamente associadas à obesidade.

Vários fatores são importantes na gênese da obesidade, como os genéticos, os fisiológicos e os metabólicos. Rosenbaum e Leibel (1998) afirmam que o que poderia explicar o crescente avanço no número de indivíduos obesos são as mudanças no estilo de vida e aos hábitos alimentares. O aumento no consumo de alimentos ricos em açúcares simples e gordura, com alta densidade energética, e a diminuição da prática de exercícios físicos, são os principais fatores relacionados ao meio ambiente e determinantes para a obesidade.

A manutenção do peso corporal, considerado ideal, é um fator determinante no estado considerado saudável, levando ao bem-estar e melhor qualidade de vida. Em situações de desequilíbrio entre a ingestão calórica e a diminuição da prática da atividade física ocorre a obesidade. Essa pode causar vários distúrbios. Como medida de controle, para prevenção da obesidade, é fundamental manter uma dieta equilibrada e praticar atividade física regularmente, considerada aeróbia, com envolvimento de grandes grupos musculares, ritmo constante e com intensidade moderada (SALVE, 2006).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma sala de 7º ano do Ensino Fundamental do Cepae/UFG com 28 alunos, sendo 15 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades entre 12 e 14 anos.

É uma pesquisa descritiva e para a coleta de dados realizou-se uma pesquisa de campo, que se caracteriza pelo estudo de um único grupo cujo comportamento se deseja conhecer (GIL, 2006). O instrumento para a obtenção dos dados foi um questionário (apêndice 1) para

os alunos responderem, com perguntas abertas e fechadas sobre hábitos alimentares e prática de atividade física.

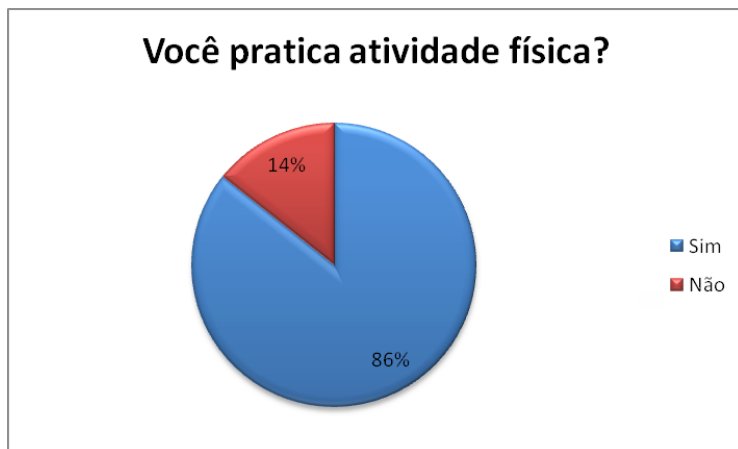
Antes de responder ao questionário os(as) alunos(as) levaram para os responsáveis um termo de consentimento (apêndice 2) autorizando-os a participarem da pesquisa. Os alunos foram orientados como deveriam proceder e ficou claro que não era necessário se identificarem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir são apresentados os resultados obtidos nesta pesquisa, 28 alunos responderam ao questionário.

A primeira pergunta é sobre se os adolescentes praticam atividade física. O resultado é mostrado no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Porcentagem de adolescentes que praticam atividade física



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 28 adolescentes que responderam à pergunta, conforme mostrado no gráfico 1, 86% praticam atividade física regularmente e apenas 14% não praticam.

A prática da atividade física na adolescência é muito importante, e segundo Mercedes (1994), a sua prática reduzida é uma fonte potencial de desequilíbrio de energia, causando variações nas reservas de energia, principalmente quando o consumo supera o gasto energético, o que pode gerar o ganho de peso e, conseqüentemente, a obesidade.

Para Barbosa (1991) a prática esportiva traz vantagens para o adolescente, pois estimula a socialização, atua como um “antídoto” natural de vícios, ocasiona maior empenho na busca de objetivos, reforça a autoestima, contribui no equilíbrio da ingestão e no gasto de calorias e leva a uma menor predisposição a doenças.

Para crianças e adolescentes, a atividade física inclui brincadeiras, jogos, esportes, transporte, tarefas, recreação, educação física, ou exercício programado, seja no contexto de atividades da família, da escola e/ou da comunidade. A prática de atividade física de pelo menos 60 minutos diárias em crianças e jovens com idades entre 5 a 17 anos contribui significativamente para a melhora da eficiência cardiorrespiratória e cardiovascular, resistência muscular, a saúde óssea, e ao metabolismo de açúcares e lipídeos.

A segunda questão é a seguinte: Quanto tempo você fica na frente da televisão, computador ou videogame por dia? Os resultados estão no gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Tempo diário em que os adolescentes ficam na frente da televisão, computador ou vídeo game.



Fonte: Elaborado pela autora.

Obtiveram-se as seguintes respostas para esta questão: 50% da turma passa de uma a duas horas na frente de um destes aparelhos; 25% ficam de três a quatro horas; e 25%, mais de quatro horas. Assim, estes dados mostram que a metade dos alunos desta turma fica no mínimo três horas por dia sentado em frente às tecnologias de informação e comunicação (TICs) e, se somadas ao tempo que permanecem na escola e as horas de sono, significam 75% do tempo parados.

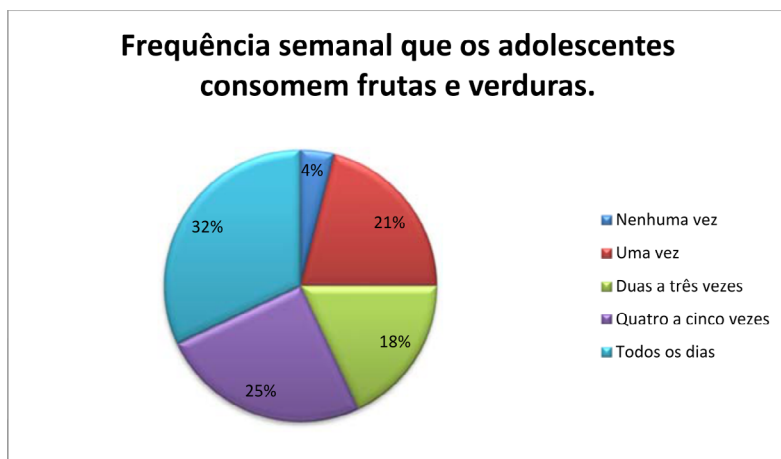
Para Oliveira et al. (2003) a obesidade infantil está inversamente relacionada com a prática da atividade física sistemática devido à presença de TV, computador e videogame nas residências, o que, somado com o baixo consumo de verduras, confirma a influência do ambiente sobre o desenvolvimento do excesso de peso em nosso meio.

É sabido que dietas equilibradas, associadas à prática de atividades físicas, contribuem significativamente para a manutenção da saúde. No entanto, o que se observa é que muitos adolescentes não fazem nenhum tipo de atividade física, restringindo seu lazer ao computador,

TV, videogame e a uma má alimentação, fatores estes fundamentais para o desenvolvimento de doenças. No caso desta turma de 7º ano, os dados mostraram que é necessário fazer um alerta aos alunos para que reduzam o tempo que ficam em frente às TICs, para assim evitarem problemas futuros de saúde.

A terceira questão é sobre a frequência do consumo de determinados alimentos, sendo ela dividida em cinco itens: A, B, C, D e E. Assim, o item A questiona sobre qual frequência consome verduras e frutas, e os resultados são apresentados no gráfico 3.

Gráfico 3 - Frequência semanal do consumo de verduras e frutas



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 3 são apresentadas as médias da porcentagem de quantas vezes por semana os alunos consomem verduras. Do total de respostas, 4% não consomem nenhuma vez; 21%, uma vez; 18%, de duas a três vezes; 25% consomem de quatro a cinco vezes; e 32%, todos os dias.

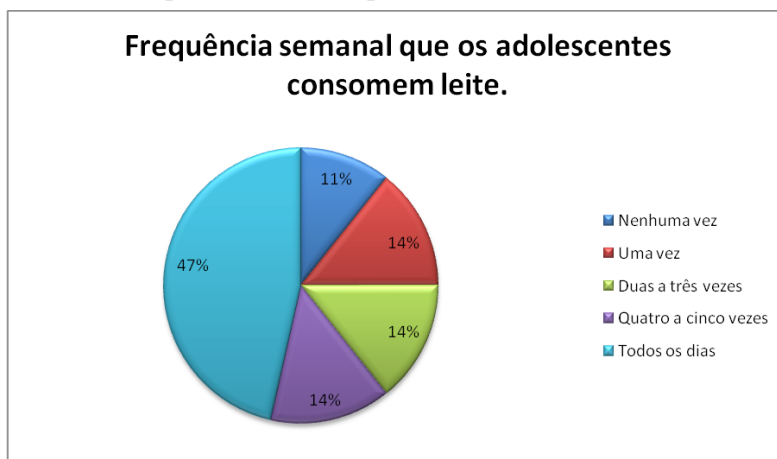
De acordo com os resultados, apenas 32% dos alunos consomem frutas e verduras de acordo com as necessidades nutricionais do organismo, que deve ser diariamente, e 4% não consomem nenhuma vez. As

deficiências de vitaminas e minerais decorrentes da falta de frutas e verduras na dieta podem interferir no crescimento e no desenvolvimento inadequado das crianças e adolescentes, aumentando sua vulnerabilidade às infecções e gerando atrasos no processo de maturação do sistema nervoso e no desenvolvimento mental e intelectual, sendo este um fator que pode comprometer os estudos do adolescente (ANDRELISE, 2013).

Uma dieta saudável ajuda a prevenir uma variedade de doenças, principalmente na infância e na adolescência, sugerindo um efeito protetor da dieta quando há um consumo adequado de todos os grupos de alimentos, em especial, de frutas e verduras, fontes de vitaminas e minerais.

O item B busca responder à questão: Qual a frequência semanal que os adolescentes consomem leite? Os resultados são apresentados no gráfico 4.

Gráfico 4 - Frequência semanal que os adolescentes consomem leite



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 4 são apresentadas as médias da porcentagem de quantas vezes por semana os alunos tomam leite: 11% dos adolescentes

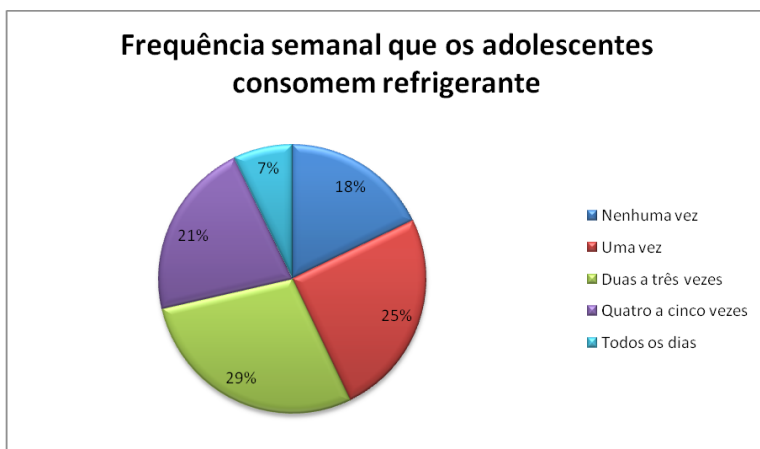
não consomem leite; 14%, uma vez por semana; 14% tomam de duas a três vezes por semana; 14%, de quatro a cinco vezes por semana; e 47% consomem todos os dias.

Para esta turma de 7º ano, quase 50% tomam leite todos os dias, sendo a frequência recomendada na literatura. A adolescência é um período de crescimento muito rápido, por essa razão, as necessidades de cálcio nesta fase são maiores, chegando a 1.300 mg por dia. Assim, para suprir suas necessidades de cálcio, o ideal é que o jovem beba todos os dias de quatro a cinco copos de leite (AUGUSTINHO, 2013, s.p.).

Segundo Augustinho, se o adolescente tem necessidade de controlar o peso, deve-se optar pelo leite desnatado. No entanto, é aconselhável procurar opções para garantir a ingestão mínima recomendada, caso não goste de leite, uma alternativa é consumir iogurtes e queijos.

O item C questiona: Qual a frequência semanal que os adolescentes consomem refrigerante? Os resultados são mostrados no gráfico 5.

Gráfico 5 - Frequência semanal que os adolescentes consomem refrigerante



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os resultados obtidos, 7% dos alunos desta turma consomem refrigerantes todos os dias e 18% deles não tomam refrigerantes, sendo estes os valores extremos encontrados. A partir dos valores intermediários encontrados verifica-se que a turma apresenta um consumo moderado de refrigerante, sendo este valor, segundo Carvalho (2006), prejudicial ao organismo.

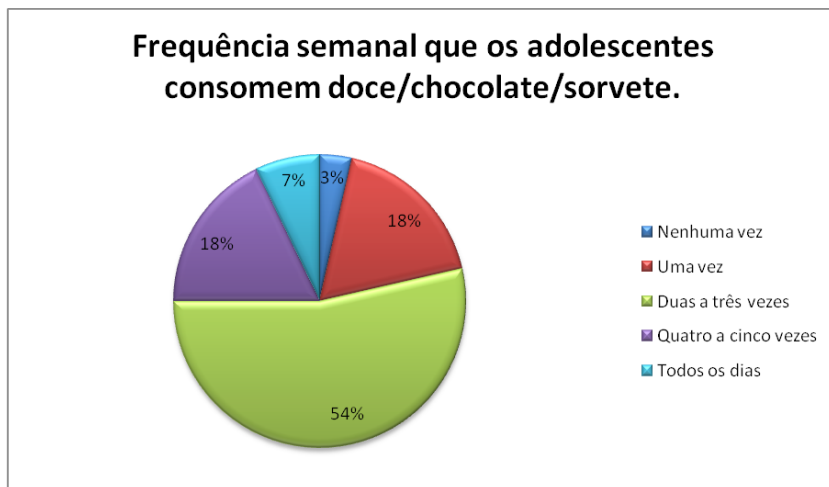
Carvalho (2006), em um estudo relacionado ao uso de refrigerantes, constatou que o seu consumo não só contribui para o aumento de peso, como o de cáries dentárias. A composição da maioria dos refrigerantes contém açúcar e outras substâncias como a cafeína, os acidulantes, os corantes e outros elementos que estimulam o sistema nervoso, causando alterações no nosso organismo, como distúrbios no sono, reações alérgicas, gastrite e úlcera (ROSSI; VALLINOT, 2010).

Do ponto de vista nutricional, os refrigerantes são considerados calorias vazias, ou seja, não conseguem agregar à saúde das crianças e adolescentes nenhum nutriente importante e adequado às necessidades nutricionais de crescimento e desenvolvimento. Por isso, a indústria alimentícia passou a incorporar vitaminas e minerais a seus produtos, no entanto, não faz dessas bebidas alimentos saudáveis que possam substituir alimentos naturais.

A quantidade de micronutrientes adicionada aos refrigerantes não atende às necessidades das crianças e adolescentes e estes continuam agregando sódio, açúcar e adoçantes artificiais em quantidades que arriscam a saúde de seus consumidores (WIRTH, 2010).

O item D busca responder à seguinte questão: Qual a frequência semanal que os adolescentes consomem doce/chocolate/sorvete? Os resultados são apresentados no gráfico 6.

Gráfico 6 - Frequência semanal que os adolescentes consomem doce/chocolate/sorvete

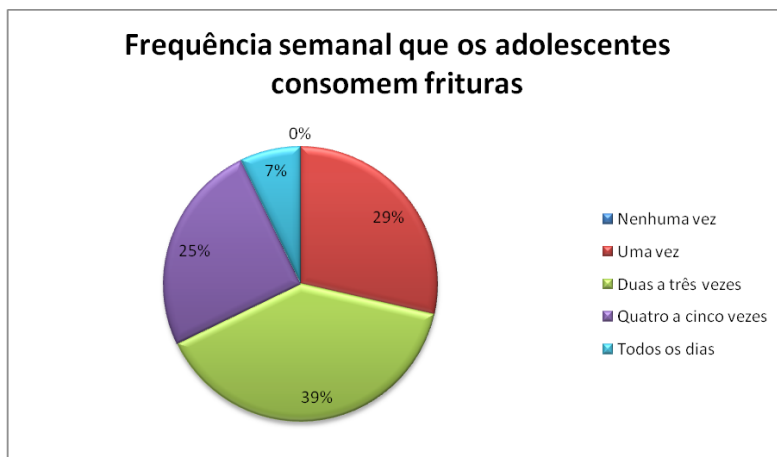


Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 6, são apresentadas as médias da porcentagem de quantas vezes por semana os alunos consomem doce/chocolate/sorvete: 3% não consomem; 18%, uma vez por semana; 54%, de duas a três vezes por semana; 18%, de quatro a cinco vezes; e 7% consomem todos os dias.

O consumo em excesso de açúcar (sacarose), presente em doces, sorvetes, chocolates, é um dos principais causadores do aumento da obesidade e de doenças, como o diabetes, entre os jovens brasileiros (FOGAÇA, 2012). Assim, nesta turma de 7º ano faz-se necessário buscar conscientizar sobre os malefícios do açúcar no organismo, tendo em vista que mais da metade dos alunos tem o hábito de consumir estes alimentos.

O item E questiona: Qual a frequência semanal que os adolescentes consomem frituras? Os resultados são mostrados no gráfico 7.

Gráfico 7 - Frequência semanal que os adolescentes consomem frituras

Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 7 são apresentadas as médias da porcentagem de quantas vezes por semana os alunos consomem frituras. As respostas são as seguintes: 29% consomem uma vez; 39%, de duas a três vezes; 25%, de quatro a cinco vezes; e 7% consomem todos os dias.

Segundo Tyagi e Vasishtha (1996), o consumo de frituras por mais de três vezes por semana já traz riscos para a saúde, sendo os principais a predisposição à arteriosclerose e à ação mutagênica ou carcinogênica, pois óleos e gorduras aquecidos são altamente oxidados e podem apresentar substâncias potencialmente tóxicas (KUBOW, 1990). Verifica-se então que esta turma de alunos do 7º ano ingere frituras de modo que pode ser prejudicial ao organismo, pois 32% consomem mais de quatro vezes por semana, sendo necessário alertá-los sobre os riscos à saúde.

Tomandl (2012, s.p.), em entrevista, afirma que a gordura insaturada presente nos óleos vegetais, com a fritura, se transforma em gordura saturada, responsável por diversos desajustes no organismo, tais como: doenças do coração, aumento da pressão arterial, desenvolvimento de câncer, má absorção de nutrientes, diminuição da fertilidade,

aumento do LDL, sendo este último frequente em adolescentes. Além disso, a fritura torna o alimento consumido com característica inflamatória, trazendo consequências como o acúmulo de gordura abdominal, e isto pode levar à resistência à insulina, e futuramente a pessoa pode desenvolver diabetes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, constatou-se que há uma grande predominância de alunos que realizam atividade física regularmente, embora dediquem uma parte de seu tempo ao uso de computador, videogame e TV, podendo ser considerada uma turma ativa.

Quanto aos hábitos alimentares, constatou-se a prevalência de dados negativos em relação à nutrição, pois a maioria dos alunos não segue uma dieta saudável para o desenvolvimento pelo qual passa nesta fase da vida. É notório que a maioria dos alunos ingere determinados nutrientes em quantidades inferiores às recomendadas, o que pode levar a implicações sérias no futuro, pois a adolescência é um período de crescimento muito rápido, por essa razão, a necessidade de uma dieta equilibrada.

Por outro lado, verificou-se que a maioria desses alunos apresenta consumo elevado de alimentos que contêm açúcar, sendo este um importante fator de risco para obesidade e diabetes, dentre outros problemas de saúde.

Diante dos potenciais danos à saúde gerados nessa fase da vida, faz-se necessário estimular e conscientizar estes adolescentes a terem uma dieta saudável. Estratégias educativas desenvolvidas no espaço da família e da escola podem contribuir para a prevenção de futuras doenças.

REFERÊNCIAS

AMABIS, J.M.; MARTHO, G.R. **Biologia**: Biologia dos organismos. v. 2. São Paulo: Moderna, 2006.

ANDRELISE, B. **Relação entre o consumo de macronutrientes e antioxidantes entre crianças e adolescentes com estado nutricional**. 2013. Disponível em: < [https://www.univates.br/ editora-univates/media/publicacoes/ 59/pdf_59.pdf](https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/59/pdf_59.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2013.

AUGUSTINHO, Estela A. **A Importância do Leite nas fases da Vida do Ser Humano - Parte II**. 2014. Disponível em: <[https://cienciadoleite.com.br/noticia/3239/a- importancia-do-leite-nas- fases-da-vida-do-ser-humano-- parte-ii](https://cienciadoleite.com.br/noticia/3239/a-importancia-do-leite-nas-fases-da-vida-do-ser-humano--parte-ii)> 2013. Acesso em: 22 nov. 2013.

BARBOSA, D. J. O adolescente e o esporte. In: MAAKAROUN, M.F; SOUZA, R. P; CRUZ, A. R. **Tratado de adolescência**: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura médica, 1991.

BARBOSA, R. M. S. Consumo alimentar de crianças com base 4 na pirâmide alimentar brasileira infantil. **Rev. Nutrição**, v.18, n. 5, p. 633-641, 2005.

BIRCH, L.; FISHER, J. Desenvolvimento de comportamentos alimentares de crianças e adolescentes. **Pediatrics**, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. In: _____. **Estatuto da criança e do adolescente**. 3. ed. Atualizada. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, p. 9-78.

BROWNELL K. D. **Exercício e tratamento da obesidade: aspectos psicológicos**. Rio de Janeiro: Int J Obes, 1995.

CARVALHO, F. A. C. **O livro negro do açúcar**. Rio de Janeiro: Auto-edição, 2006.

CINTRA, I.P.; PASSOS, M.A.; FISBERG, M.; MACHADO, H.C. **Evolução de duas séries históricas do índice de massa corporal em adolescentes**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http:// www.scielo.br/pdf/rpp/v27n2/01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rpp/v27n2/01.pdf)> Acesso em: 23 out. 2013.

ENES, C. C.; SLATER, B. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. **Revista brasileira de epidemiologia**, São Paulo, v.13, n.1, 2010.

FOGAÇA, J. **Açúcar na Alimentação – Diabetes e Obesidade**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/saude-na-escola/conteudo/acucar-na-alimentacao-diabetes-obesidade.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KOHL, H.W.; FULTON, J.E.; CASPERSEN, C.J. Avaliação da Atividade Física em Crianças e Adolescentes: Uma Análise e Síntese. **Medicina Preventiva**, v. 31, n. 2, p. 54-76 (23), ago. 2000.

KUBOW, S. **Trends Food Sci. Technol**, n. 67, sep. 1990.

KUREK, M.; BUTZKE, C. M. F. Alimentação escolar saudável. Para educandos da educação infantil e ensino fundamental. **Revista de divulgação Técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 9, jul./dez. 2006.

LOPEZ, F. A.; BRASIL, A. D. **Nutrição e dietética em clínica pediátrica**. São Paulo: Atheneu; 2004. 368 p.

MERCÊDES P. **Relação entre nível de atividade física e hábitos alimentares de adolescentes e estilo de vida dos pais**. Fev. 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86730/205840.pdf?sequence=1>>

OLIVEIRA, C. L.; FISBERG, M. Obesidade na infância e adolescência – uma verdadeira epidemia. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, São Paulo, v. 47, n. 2, abr. 2003. Disponível em: <<http://>

www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27302003000200001&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 nov. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Physical Status:** the use and interpretation of anthropometry. Report of a WHO study group. Geneva: WHO, 1995 (Technical Report Series, 854). p. 263-311.

ROSENBAUM, M.; LEIBEL, R.L. The physiology of body weight regulation: relevance to the etiology of obesity in children. **Pediatrics**, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27302003000200001&script=sci_arttext>. Acesso: 29 out. 2013.

ROSSI, R; VALLINOT, M. **Efeitos físicos e emocionais do refrigerante.** Saúde, Terra, 2010. Disponível em: <<http://planetaderosa.com/alimentacao/os-efeitos-fisicos-e-emocionais-do-refrigerante.html>>. Acesso em: 3 dez. 2013.

SALVE, M.G.C. Obesidade e Peso Corporal: riscos e consequências. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 6, n.8, jan./jun. 2006.

SOBREPESO e anorexia. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=34308>. Acesso em: 14 nov. 2013.

SOUSA CC. **Níveis séricos e parâmetros antropométricos de adolescentes obesas pré e pós-intervenção com exercício físico e controle alimentar de forma combinada e isolada.** 1997. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 1997.

TOMANDL, Juliana. **Frituras, por que são prejudiciais ao organismo?** 2012. Disponível em: <<http://www.entrelegumeseverduras.com.br/frituras-por-que-sao-prejudiciais-ao-organismo/batata-frita-chique-ok/>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

TRICHES, R.M.; GIUGLIANI, E.R.J. Obesidade, práticas alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares. **Revista de Saúde Pública.**

2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n4/25523.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2013.

TYAGI, V. K.; VASISHTHA, A. K. **Oil Chem. Soc.**, 1996, p. 73.

WIRTH, M. **Consumo de sucos e refrigerantes:** um risco maior para crianças e adolescentes. Sistema Integrado de informação em Saúde. 2010. Disponível em: <<http://www.sissaude.com.br/sis/inicial.php?case=2&idnot=5819>> Acesso em: 22 nov. 2013.

ZARNOWIECKI, D.; SINN, N.; PETKOV, J. Parental nutrition knowledge and attitudes as predictors of 5-6-year-old children's healthy food knowledge. **Public Health Nutr.**, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário sobre hábitos alimentares e prática de atividades físicas

HÁBITOS ALIMENTARES E PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS DOS ALUNOS DO CEPAE

Questionário

Peso: Altura: Idade: Sexo:

(1) Você pratica alguma atividade física?

() Sim () Não

2) Quanto tempo você fica na frente da televisão /computador ou videogame por dia?

- () 1 a 2 horas
() 3 a 4 horas
() mais de 4 horas

3) Com qual frequência você consome os seguintes alimentos?

	Uma vez	Duas a três vezes	Quatro a cinco vezes	Todos os dias
A) Verduras e frutas				
B) Leite				
C) Refrigerante				
D) Doce / Chocolate / Sorvete				
E) Frituras				

Este livro é fruto do projeto pedagógico de iniciação científica implementado no ensino médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). Todos os capítulos foram produzidos por alunas e alunos do ensino médio com a orientação de uma professora ou professor do colégio. Trata-se de uma iniciativa pioneira e inovadora, que promove práticas de pesquisa e produção científica entre discentes da educação básica.

